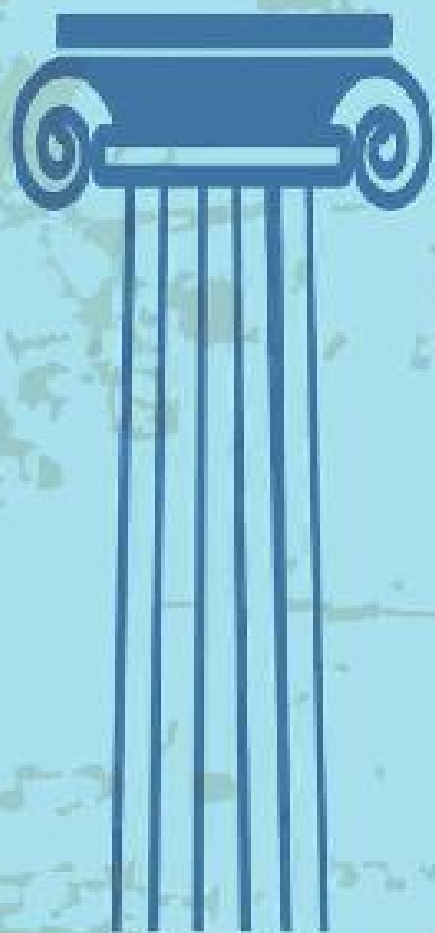
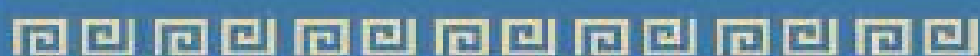




TEOGONIA



TRABALHOS
E DIAS

HESÍODO



TEOGONIA



TRABALHOS
E DIAS

COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

TEOGONIA



TRABALHOS
E DIAS
HESÍODO

2ª Edição

Tradução e notas:
Sueli Maria de Regino

MARTIN  CLARET

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2010.
Título original: ΘΕΟΓΟΝΙΑ (*Teogonia*); ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ (*Trabalhos e dias*).

DIREÇÃO Martin Claret
PRODUÇÃO EDITORIAL Carolina Marani Lima
Mayara Zucheli

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Giovana Gatti Leonardo
DIREÇÃO DE ARTE E CAPA José Duarte T. de Castro
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Ducu59us / Shutterstock
REVISÃO Raphael Vassão Nunes Rodrigues

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Hesíodo Teogonia [livro eletrônico]: Trabalhos e dias / Hesíodo; tradução e notas Sueli Maria de Regino. — São Paulo: Martin Claret, 2021.

Título original: Θεογονία
ISBN 978-65-5910-063-7

1. Poesia grega I. Regino, Sueli Maria de. II. Título.

21-65821

CDD-881

Índices para catálogo sistemático: 1. Poesia: Literatura grega clássica 881

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.
Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré 01254-010 – São Paulo, SP
Tel.: (11) 3672-8144
www.martinclaret.com.br

SUMÁRIO

[Anterosto](#)

[Folha de rosto](#)

[Página de direitos autorais](#)

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[TEOGONIA](#)

[Prêmio](#)

[Os deuses primordiais](#)

[Geia e Urano](#)

[Titãs, Ciclopes e Hecatonquiros](#)

[Crono e Urano](#)

[Erínias, Gigantes e Ninfas](#)

[Afrodite](#)

[A descendência de Nix](#)

[A descendência de Éris](#)

[Os filhos de Pontos](#)

[As Nereidas](#)

[Taumas e Electra](#)

[Descendência de Ceto e Fórcis](#)

[Medusa](#)

[Gerião](#)

[Équidna](#)

[Tifão e Équidna](#)

[Équidna e Ortro](#)

[Ladão](#)

[Tétis e Oceano](#)
[Teia e Hiperíon](#)
[Euríbia e Crio](#)
[Astreu e Eos](#)
[Estige e Palas](#)
[Febe e Ceos](#)
[Astéria e Perses](#)
[Hécate](#)
[A segunda geração divina: Reia e Crono](#)
[Nascimento de Zeus](#)
[O poder de Zeus](#)
[Filhos de Jápeto e Clímene](#)
[Prometeu](#)
[Pandora](#)
[Titanomaquia](#)
[O Tártaro](#)
[As mansões do Tártaro](#)
[Estige](#)
[Tifão](#)
[Tifonomaquia](#)
[Filhos de Tifão](#)
[Filhos de Zeus com deusas](#)
[Anfitrite e Posídon](#)
[Afrodite e Ares](#)
[Outros filhos de Zeus](#)
[Uniões entre deuses](#)
[Catálogo dos heróis](#)
[Proêmio ao catálogo de mulheres](#)

[TRABALHOS E DIAS](#)

[Prêmio](#)
[Prometeu e Pandora](#)

[A raça de ouro](#)
[A raça de prata](#)
[A raça de bronze](#)
[A raça dos heróis](#)
[A raça de ferro](#)
[Fábula do falcão e do rouxinol](#)
[A justiça](#)
[O trabalho](#)
[Conselhos a Perses](#)
[Calendário do lavrador](#)
[Os trabalhos do inverno](#)
[Os trabalhos da primavera](#)
[Os trabalhos do verão](#)
[Os trabalhos do outono](#)
[A navegação](#)
[Conselhos familiares](#)
[Interditos](#)
[Os dias](#)

[Guia onomástico](#)

[Bibliografia consultada](#)



INTRODUÇÃO

O POETA HESÍODO

Sueli Maria de Regino*

Pouco se sabe sobre Hesíodo além daquilo que ele conta sobre si mesmo em seus poemas *Teogonia* e *Trabalhos e dias*. Seu pai viveu em Cumes, uma colônia eólica da Ásia Menor, onde possuía uma pequena empresa de navegação e comércio. Problemas nos negócios fizeram que voltasse para a terra de seus ancestrais, a Beócia, dedicando-se a atividades agropastoris em Ascra, aldeia situada numa região de clima extremamente severo, nas encostas do Monte Helicon, entre a cidade de Tebas e o Golfo de Corinto. Foi nesse local que o poeta nasceu e cresceu, vivendo como um pequeno agricultor, obrigado a trabalhar duramente para sobreviver com o que a terra produzia.

Após a morte do patriarca da família, as terras foram divididas entre Hesíodo e seu irmão Perses. Em *Trabalhos e dias*, o poeta conta que o irmão reivindicou uma parte maior da herança, subornando os juízes em seu benefício, mas não soube administrar o patrimônio e precisou algumas vezes ser socorrido por ele. No poema, Hesíodo faz uma série de recomendações a Perses, alertando-o sobre a necessidade de cultuar o esforço e o trabalho, indispensáveis para que possa existir verdadeira justiça. Nessa mesma obra, o poeta de Ascra relata uma viagem que fez a Cálcis para participar com outros aedos dos jogos fúnebres dedicados a Anfidamante. Revela então ter sido o vencedor, ganhando uma trípode — prêmio semelhante às taças das competições esportivas de hoje —, que ofertou às Musas do Monte Helicon. Essa é uma referência útil para se definir cronologicamente o tempo em que Hesíodo viveu, pois a

arqueologia comprova a existência desses jogos entre o final do século VIII e o início do século VII a.C.

Quanto à morte do poeta, Plutarco afirma que Hesíodo teria sido assassinado pelos parentes de uma mulher seduzida por ele. Algum tempo depois de sua morte, um oráculo ordenou que os habitantes de Orcômenos — cidade que recolheu os refugiados de Ascra após sua destruição por invasores vindos de Téspias — depositassem as cinzas de Hesíodo em um túmulo erguido no centro da ágora, onde o poeta recebia honras semelhantes às oferecidas ao fundador da cidade.

O TEMPO DE HESÍODO

No Período Arcaico, a sociedade grega experimentou sucessivas crises, geradas pelo crescimento demográfico e pela consequente escassez dos recursos naturais. O poder da aristocracia oligárquica, exercido de forma corrupta e arbitrária, provocava grandes descontentamentos entre os pequenos proprietários rurais. A sociedade que o poeta Hesíodo descreve em sua obra ainda não utiliza a escrita e também desconhece a organização social das *póleis*, as cidades-Estado autônomas que se tornariam a base para o desenvolvimento artístico e científico da sociedade grega no Período Clássico.

Foi no Período Arcaico que os gregos começaram a se familiarizar com a escrita de outros povos, especialmente os fenícios, embora ainda não tivessem codificado o seu próprio alfabeto. O desenvolvimento do comércio também levou à criação de um sistema monetário no início do século VII a.C., com a cunhagem de moedas e a definição de um sistema de pesos e medidas. O mundo grego passava por profundas transformações, e na *Teogonia* de Hesíodo é possível observar o vigor de um pensamento que, sustentado pela causalidade, iria servir de base para as cosmogonias filosóficas do século VI a.C.

Em uma sociedade que ainda não utilizava a escrita, aedos e rapsodos eram os responsáveis pela preservação das histórias que faziam parte da memória cultural de seu povo. Durante séculos, longos poemas foram

transmitidos oralmente, em versos acompanhados pelo som da cítara, sob os auspícios de Mnemósina, divindade que concedia aos homens o poder de reter as lembranças, e de suas nove filhas, as Musas. Na *Teogonia*, o aedo Hesíodo apresenta-se como servidor dessas divindades, de quem afirma ter recebido o dom de cantar.

TEOGONIA: A ORIGEM DOS DEUSES

No texto original da *Teogonia* não há divisões como as que aparecem nesta tradução. As indicações “Proêmio”, “Os deuses primordiais”, “Geia e Urano”, assim como todas as demais, foram inseridas com o objetivo de apresentar ao leitor os assuntos desenvolvidos no decorrer do poema. No canto introdutório, ao se referir a Hesíodo como se falasse de outro aedo, o poeta parece distanciar-se do texto, mas em seguida exalta as nove Musas, narrando como elas lhe ensinaram os seus cantos enquanto pastoreava os rebanhos ao pé do Monte Helicon. Hesíodo glorifica essas divindades e enaltece os poetas amados por elas, equiparando-os aos *basileus*, os grandes senhores de terra que atuavam como juízes na sociedade da época. Para o poeta, o canto do aedo se assemelha a uma experiência mística que faz do cantor uma espécie de “vidente”, visto que inspirado pelas Musas ele é capaz de entoar um canto sublime, que glorifica “os feitos divinos do futuro e do passado” (*Teogonia*, 29-35).

Após a celebração às Musas, o poema narra a gênese do Universo. Do Caos informe nasce Geia, a divindade que personifica a Terra, e só depois surgem Tártaro e Eros. Também do Caos nascem as trevas, representadas pelo casal formado por Nix, a grande noite, e Érebo, o negrume profundo. Em seguida, aparece a luz de Éter, o brilhante, e de Hêméra, a luminosidade do dia, ambos gerados pela união amorosa de Nix e Érebo. Nessa primeira fase da cosmogonia de Hesíodo — na qual predomina o mundo da escuridão ctônica de onde nasce a luz urânica — são apresentados os deuses primordiais. Geia gera Urano, e, sob a intensa energia de proliferação desse casal, é engendrada a primeira geração divina.

A *Teogonia* apresenta três gerações de deuses. A primeira delas é formada pelos numerosos descendentes de Urano e Geia: Titãs, Ciclopes e Hecatonquiros. Após descrever a emasculação de Urano, Hesíodo relaciona os filhos gerados pelo deus quando seu sangue caiu sobre Geia e nas águas do mar. O poeta também descreve a descendência de Nix, a Noite primordial, e de Pontos, a divindade que personificava as águas salgadas do mar. Por fim, Hesíodo encerra a apresentação da primeira geração dos deuses com um canto de louvor à deusa Hécate.

O domínio da segunda geração divina tem início quando Crono castra Urano e assume o poder sobre deuses e homens, unindo-se à sua irmã Reia. Hesíodo canta o nascimento de Zeus, o único filho de Crono a se livrar de ser engolido pelo pai ao nascer, e relata como o jovem deus libertou os irmãos e os tios paternos. Nesse ponto, o poeta interrompe a história de Zeus e passa a cantar a descendência do Titã Jápeto e da Titânida Clímene, filhos de Urano e Geia. Relata então a história de Prometeu, o Titã que roubou o fogo divino para oferecê-lo aos homens e conheceu a vingança dos deuses, com a criação de Pandora, enviada para a perdição dos mortais. Na “Titanomaquia”, Hesíodo retorna a Zeus, narrando as lutas contra os Titãs, travadas por esse deus e seus irmãos. Também descreve o Tártaro, as mansões dos deuses que nele residem e a luta entre Zeus e Tifão.

Por fim, a terceira geração divina torna-se vencedora e se estabelece no Olimpo. Hesíodo canta a consolidação do poder de Zeus entre deuses e homens, relatando em seguida as numerosas uniões do deus com deusas e mulheres mortais, um reflexo de seu enorme poder de fecundação. Com a terceira geração divina tem início uma nova era de interação entre as divindades imortais e a humanidade mortal que habitava a terra, propiciando o nascimento de heróis semelhantes aos deuses. Nos últimos versos o aedo pede às Musas um novo canto para exaltação da linhagem das mulheres. Acredita-se que esse trecho final servisse de introdução ao *Catálogo das mulheres*.

TRABALHOS E DIAS

Assim como ocorre com *Teogonia*, o texto original de *Trabalhos e dias* não se apresenta dividido. As indicações “Proêmio”, “Prometeu e Pandora”, “As cinco raças” e todas as demais foram inseridas com o objetivo de facilitar a identificação dos temas apresentados no decorrer do poema, que tem início com uma invocação às Musas de Piéria. Ainda no “Proêmio”, após suplicar a Zeus para que o deus promova a justiça sobre a terra, Hesíodo declara ter algumas verdades para falar a seu irmão Perses. A primeira dessas verdades é expressa pelo mito das duas Éris, ou duas Lutas (v. 11-26). Em *Teogonia* o poeta apresenta Éris como uma divindade única, terrível, filha de Nix, a noite primordial. Em *Trabalhos e dias*, porém, retifica essa informação inicial, afirmando que são duas as Éris: uma delas é boa para o homem, pois o conduz à conquista de riquezas e bens pelo trabalho esforçado, a outra, porém, é má, já que promove a violência e incita os homens à guerra.

Em seguida, Hesíodo recomenda que Perses não se envolva em disputas na ágora, dedicando-se com afinco ao trabalho. Com novos mitos, o poeta explica as razões pelas quais o homem precisa trabalhar. Narra o mito de Prometeu, o criador dos homens, que ousou desafiar Zeus, recebendo uma terrível punição, e o mito de Pandora, a primeira mulher, um maligno presente dos imortais. Levada pela curiosidade, ela abriu o jarro onde estavam contidos todos os males que afligem a humanidade, levando os homens, que viviam tranquilos, sem conhecer doenças e fadigas, a ter de trabalhar para sobreviver. O trabalho aparece em Hesíodo como uma punição imposta aos homens, mas deve ser aceito com humildade e alegria por ser expressão da vontade divina.

A degradação da humanidade teve início com Pandora, cuja história introduz o mito das Cinco Idades, que são apresentadas na seguinte sequência, de acordo com uma hierarquia de valor: Idade de Ouro, de Prata, de Bronze, Idade dos Heróis e de Ferro. O simbolismo dos metais, do ouro ao ferro, descreve esse gradativo processo de decadência. O ouro é o metal mais precioso e liga-se a um tempo paradisíaco, quando os homens viviam próximos aos deuses. Depois da Idade de Ouro, segue-se a Idade de Prata, e essas duas raças, ao desaparecerem da superfície da terra, transformam-se

em *daímones*, seres incorpóreos, intermediários entre os deuses e os homens. Com as raças de ouro e prata, a Justiça (*Diké*) é um valor que predomina sobre a Desmedida (*Hýbris*), geradora de violência.

Com o advento dos homens da Idade de Bronze e da Idade dos Heróis, que vivem em constantes lutas, predomina a Desmedida sobre a Justiça. Após a morte, esses homens não se tornam *daímones*, e suas sombras seguem para o Hades. A Idade de Ferro é o tempo do poeta, um tempo ao qual Hesíodo se refere com um lamento: “Quem me dera não ter de viver entre os homens da quinta raça. Melhor seria se houvesse morrido antes ou nascido depois, porque agora é a raça de ferro” (v. 174-179). O homem da raça de Ferro precisa escolher entre as duas Éris: a que o conduz ao trabalho, à construção de bens e riquezas, levando-o a valorizar a Justiça, e a outra, que o leva à ociosidade e à valorização da Desmedida, geradora de violência, pobreza e injustiças.

Mas Hesíodo também anuncia outro tempo, no qual ocorrerá a destruição dessa raça, como já ocorrera com as quatro raças anteriores. Um tempo em que: “A justiça estará na força e o respeito não existirá” (v. 180-194). Então, as últimas deusas que permanecem na terra, Aidos e Nêmesis, voltarão para o Olimpo, deixando a humanidade entregue ao seu destino. Os nomes dessas divindades são de difícil tradução pela inexistência nas línguas modernas de palavras que contemplem todos os seus significados. O termo Aidos pode ser traduzido por “respeito”, “honra”, “vergonha”, “pudor”, e traz a ideia da consciência de valores, do respeito que alguém tem por si mesmo e pelo outro. Quanto a Nêmesis, o termo está ligado ao verbo *nemein* (dividir, repartir, distribuir), e seu sentido se aproxima da ideia de equidade e divisão justa. É a justiça divina distribuída entre os homens.

O período em que Hesíodo viveu foi marcado pelo despotismo e pela corrupção desenfreada das grandes famílias da nobreza grega. A situação do povo, oprimido pelo poder arrogante da aristocracia, é expressa pelo poeta na pequena fábula do falcão e do rouxinol. O falcão simboliza os reis, chamados “*basileus*”, e o rouxinol é o aedo, o poeta que sente na carne as ações injustas. Nos versos seguintes, Hesíodo exorta o irmão Perses a

valorizar a justiça e o trabalho, abandonando a desmedida e os excessos que conduzem à miséria. A partir do verso 286, o poeta passa a valorizar o trabalho, afirmando que o homem só adquire o respeito dos demais com as conquistas garantidas por sua disposição de trabalhar. Com isso, o poeta se opõe à opinião da classe dominante, que considerava o trabalho vergonhoso. Nos versos que se seguem, dá vários conselhos a Perses sobre os afazeres do dia a dia, e encerra suas exortações com uma recomendação final: “Se em teu íntimo anseias por riquezas, assim debes proceder: trabalha, trabalho sobre trabalho” (v. 376-382).

Sob o pretexto de orientar seu irmão Perses, Hesíodo descreve os trabalhos do campo, relacionando-os com o movimento das constelações. Elabora uma espécie de calendário para os lavradores, no qual indica o melhor tempo para cada atividade, e dá sugestões sobre a administração de uma propriedade no campo. Nos versos seguintes, sempre estabelecendo relações entre as constelações no céu e os afazeres dos homens que vivem sobre a terra, o poeta descreve os trabalhos do inverno, os da primavera, do verão e do outono.

Embora se declarando pouco afeito às viagens marítimas, Hesíodo também dedica alguns versos às atividades de navegação. Entre os conselhos que dá a Perses estão as indicações dos períodos mais propícios, assim como dos mais perigosos, para aquele que deseja navegar. A esse tema, o que se segue são recomendações concernentes às relações familiares e sociais, seguidas de uma série de interditos e de proibições religiosas, que revelam alguns dos costumes e das tradições da época.

Nos versos finais do poema, Hesíodo assinala os períodos mais propícios para o desenvolvimento de alguns trabalhos e atividades. Para determinar se um dia é ou não favorável, são considerados os valores mágicos dos números, sua relação com os deuses e com sinais dados por insetos, como a aranha e a formiga. Esses versos, considerados apócrifos pelos estudiosos modernos, dão nome à segunda parte de *Trabalhos e dias* e apresentam os primeiros indícios da astrologia na literatura grega.

Pode-se dizer que Hesíodo inaugurou o subjetivo na literatura ao citar a si mesmo em suas obras e pôr traços de sua história pessoal em seus cantos.

A personalidade singular do poeta aponta uma nova visão de mundo, marcada pela individualidade. Enquanto na poesia homérica o homem é guiado pela vontade dos deuses, em Hesíodo ele é sujeito de seus atos e de seus pensamentos. Os preceitos morais, os conselhos e instruções presentes nos oitocentos e vinte e oito versos de *Trabalhos e dias* caracterizam um tipo de literatura que enfatiza a transmissão de sabedoria, uma característica de períodos marcados por profundas crises de natureza ética. Essa literatura de aconselhamento tornou-se bastante comum ao longo dos séculos e chegou, sem perder o alento, até os nossos dias.

O CORPUS HESIODEUM

Dentre os muitos poemas atribuídos a Hesíodo por escritores e estudiosos da Antiguidade, os filólogos da biblioteca de Alexandria, que desde o início do terceiro século antes de Cristo compilaram e organizaram os textos gregos dos séculos anteriores, reputavam como autênticas apenas três obras: *Trabalhos e dias*, *Teogonia* e *O escudo de Héracles*. Quanto a essa última, há muito que divide opiniões. Megaclides, crítico ateniense da segunda metade do século IV, e Apolônio de Rodes atribuíam o poema a Hesíodo; Aristófanes, contudo, suspeitava que a obra não era do poeta beócio. Antes do trabalho minucioso dos bibliotecários alexandrinos, o *Corpus Hesiodeum*, muito mais amplo, incluía: *As Eeas*; o *Catálogo das mulheres*, anunciado no final da *Teogonia*; *Egímio*, que trata da luta de Héracles contra os lápitais, ao lado do rei Egímio; *Grandes Eeas*, ou *Conselhos de Quíron*; *Bodas de Ceix*; *Descenso de Pirítoo*; *Grandes trabalhos* e *Dactilos ideos*. Além dessas obras, das quais só restaram fragmentos ou referências de autores da Antiguidade, havia outras de caráter essencialmente didático, como: *Astronomia*, *Ornitomancia* e *Melampodia*. As duas últimas relacionavam-se aos estudos dos segredos da adivinhação, e *Melampodia*, entre outras coisas, apresentava a vida de adivinhos do passado, como Melampo, Tirésias e Calcas. Os estudiosos da atualidade reconhecem de forma unânime a autenticidade de *Teogonia* e

Trabalhos e dias, mas as opiniões continuam divergentes no que diz respeito a *O escudo de Héracles*.

As fontes para a reconstituição e estudo dos textos de Hesíodo são numerosas. Só sobre *Teogonia* há sessenta e nove manuscritos medievais. Os originais mais antigos são do século I d.C., e os mais recentes foram copiados entre os séculos V e VI d.C. (West, 1978, p. 188). O *Corpus Hesiodeum* vem sendo traduzido, estudado, analisado e comentado de forma minuciosa há séculos, por várias gerações de mestres e estudantes. Atualmente, o pesquisador da obra de Hesíodo dispõe de uma quantidade extraordinária de traduções, em diversos idiomas, e dos serviços das bibliotecas digitais, que disponibilizam grande número de obras clássicas em seu idioma original.

A TRADUÇÃO DE *TEOGONIA* E *TRABALHOS E DIAS*

Para esta tradução da *Teogonia* e *Trabalhos e dias* de Hesíodo utilizou-se o texto grego editado por M. L. West — reproduzido nas edições bilíngues grego-português de J.A.A. Torrano e Mary de Camargo Neves Lafer (até o v. 322) — e o texto grego do *Perseus Digital Library*. Foram consultados o *Dictionnaire Grec Français* de Bailly, o *Dicionário acadêmico de grego-português*, da Porto Editora, e o *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary* de Morwood e Taylor, além do dicionário e analisador morfológicos *on-line* do *Projeto Perseus*. Para a tradução das passagens mais difíceis e a interpretação dos termos ambíguos foi de grande utilidade a consulta aos trabalhos de P. Mazon, R.M. Frazer, M.A.C. Lloveras, J.A.A. Torrano e Mary de Camargo Neves Lafer, relacionados na bibliografia. A grafia em português dos nomes de deuses e lugares citados por Hesíodo acompanha a notação utilizada por Junito de Souza Brandão em suas obras. Para a elaboração das notas e do guia onomástico foram preciosas as consultas à obra de Brandão, nas referências às divindades, e à *Enciclopédia Britânica*, para a localização dos espaços geográficos e a compreensão dos fenômenos astronômicos.

Os poemas de Hesíodo apresentam alguns pontos em comum com o estilo homérico. Foram escritos em metros hexâmetros dactílicos, com expressões próprias da linguagem épica convencional, e a recorrência de determinadas palavras, usadas por aedos e rapsodos como recurso mnemônico, indica a origem oral dos poemas. Embora escrita em dialeto jônico, a obra hesiódica se diferencia da linguagem épica de Homero pela participação do componente eólio. Em Hesíodo, as frases são curtas e se desenvolvem de modo particular, em estilo formal e um tanto rígido. Essas peculiaridades imprimem aos poemas um caráter arcaico, que alguns tradutores procuram reproduzir, ou recriar, nas traduções em versos. Hesíodo, entretanto, se afasta dos modelos homéricos ao afirmar sua individualidade e oferecer uma visão de mundo distante de idealizações.

Aristóteles, na *Poética*, propõe o estudo da poesia e de suas espécies a partir do conceito de mímese, que herdara de Platão. Na concepção platônica, a arte cria reproduções ao imitar o mundo sensível, que por sua vez imita o mundo das ideias. Aristóteles também compreendia a mímese como imitação, caracterizando a mímese poética como representação ou imitação das ações dos homens. No capítulo IX da *Poética*, o estagirita afirma que “não é ofício do poeta narrar o que ocorreu; é, sim, o de representar o que poderia ocorrer” (§1451 b), estabelecendo diferenças entre a escrita de ficção e outras formas de relatos. Mais adiante, no capítulo XXIV, o estagirita recrimina os poetas que “intervêm em pessoa na declamação”, e afirma que o aedo deveria falar o menos possível por conta própria, pois “assim procedendo, não é imitador” (§1460 a), ou seja, não realiza a mímese.

Hesíodo desenvolve *Trabalhos e dias* organizando os temas em torno da disputa travada entre ele e seu irmão Perses pela herança paterna. Em *Teogonia*, conta como as Musas fizeram dele um aedo, enquanto pastoreava nas encostas do Monte Helicon. Não é difícil compreender, por conseguinte, a razão pela qual Aristóteles, em momento algum, cita as obras ou o nome de Hesíodo em sua *Poética*. O poeta camponês de Ascra não conta o que poderia acontecer, mas o que teria, segundo ele, realmente acontecido. Apesar de ignorado na *Poética*, Hesíodo é citado por Aristóteles no

primeiro livro de *Ética a Nicômaco*, onde o estagirita reproduz, textualmente, as palavras do poeta de Ascra, retiradas de *Trabalhos e dias*, para ilustrar uma discussão sobre os objetivos da ciência política e “o mais alto bem que se pode alcançar pela ação” (I, §1095 b).

Embora aparentemente dissonantes da concepção aristotélica de poesia, os textos de Hesíodo apresentam caráter marcadamente referencial, o que justifica o interesse de outras áreas do conhecimento, como Ética, História, e Mitologia, pelas obras do poeta de Ascra. A percepção da importância da função referencial dessas obras foi determinante para as definições formais desta tradução de *Teogonia* e *Trabalhos e dias*. Em primeiro lugar, procurou-se penetrar nos pormenores do texto e compreender suas intenções, situando-o no contexto cultural da época em que foi produzido. Diante da impossibilidade, inerente a qualquer tradução, de reproduzir todos os valores do original, tentou-se manter a impressão de conjunto, imprimindo mais valor ao sentido e à atmosfera. Diante disso, optou-se pela forma narrativa e pela valorização de uma linguagem clara, sem rebuscamentos estilísticos. Apesar da concisão, da alta concentração de sentido que se observa na língua grega, privilegiou-se a construção de frases mais longas em português, buscando a manutenção do tom solene. Por fim, nas passagens que poderiam trazer dúvidas ou dificuldade de compreensão ao leitor de hoje, distante de Hesíodo no tempo, no espaço e no espírito, buscou-se o apoio das notas de rodapé e de um guia onomástico, que aparece nas páginas finais.

Ao definir termos como “tradutor” e “tradução”, Paulo Rónai, em *A tradução vivida*, afirma que a comparação mais óbvia é a fornecida pela etimologia: “... em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito desse verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo” (1981, p. 20). Em consonância com as palavras de Rónai, nesta tradução dos textos de Hesíodo adotou-se a seguinte perspectiva: o tradutor como um modesto intermediário de mensagens alheias, evitando as opacidades resultantes dos esforços para poetizar a linguagem.

Procurou-se compreender em suas múltiplas dimensões de significado (religiosa, ética e didática) as obras do poeta-camponês de Ascra, nas quais podem ser encontradas informações sobre antigos procedimentos religiosos e comportamentos sociais; lições práticas sobre a administração de uma antiga propriedade rural; o uso de calendários anuais agrícolas, assim como a construção e a manutenção de arados, pilões e barcos. As reflexões sobre os valores éticos, consideradas e citadas por Aristóteles, continuam atuais. Hesíodo valoriza o trabalho, apresenta a vida como uma experiência árdua, resultado de esforços contínuos, e procura explicar as razões de ser tão dura a existência do homem sobre a terra.

Ao refletir sobre as sucessivas retraduições de obras clássicas, editadas a cada geração, Rónai observa que essas obras se tornaram clássicas justamente pelo forte impacto que exerceram na sensibilidade daqueles que foram seus contemporâneos. Também adverte sobre a importância de o tradutor apresentar a obra numa linguagem com a qual o público leitor de hoje possa se identificar: “Eis por que nos países cultos cada geração se empenha em reapossar-se dos tesouros legados pela literatura das idades anteriores, especialmente dos grandes poemas do passado” (1981, p. 117). E entre os tesouros que a Antiguidade legou ao mundo atual, os textos de Hesíodo ocupam, certamente, um lugar de importância e destaque.

* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, com área de pesquisa em Literatura, História e Imaginário.

TEOGONIA

PROÊMIO

[1-8] Elevemos nosso canto às Musas heliconíades que habitam o alto e sagrado Monte Helicon¹ e dançam com seus delicados pés ao redor de uma fonte de águas sombrias e do altar do poderoso Crônida². Depois de banhar sua pele macia nas águas do Permesse, ou na Fonte do Cavalo, ou no divino Olmeio³, elas dançam com os pés ligeiros e entoam belos e ardorosos cantos no alto do Helicon.

[9-21] Dali elas se afastam, envoltas por densa névoa. Pelos caminhos da noite, erguem sua adorável voz, louvando a Zeus, o portador da Égide⁴, e à venerável Hera de Argos, que calça sandálias douradas; Atena de olhos brilhantes⁵, filha de Zeus, portador da Égide; Apolo, o luminoso, e Ártemis lançadora de flechas; Posídon, o que sustenta e faz tremer a terra⁶; a veneranda Têmis; Afrodite de olhares ligeiros⁷; Hebe, coroada de ouro; Dione, a adorável; Eos e o grande Hélios; a brilhante Selene, Leto, Jápeto e Crono, de tortuoso pensar; Geia e o grande Oceano; a negra Nix e a sagrada estirpe de todos os outros imortais que viverão para sempre.

[22-28] Um dia, quando Hesíodo pastoreava suas ovelhas ao pé do divino Helicon⁸, foram elas que lhe ensinaram um belo canto. E estas foram as primeiras palavras ditas pelas deusas, Musas olímpicas, filhas de Zeus, portador da Égide: “Pastores que passais a vida nos campos, pobres criaturas, não sois mais que ventres! Nós sabemos contar muitas mentiras que se assemelham a verdades, porém, se o desejarmos, podemos fazer revelações”.

[29-35] Assim disseram, com hábeis palavras, as filhas do grande Zeus. Um ramo de loureiro florido elas me deram como cetro, inspirando-me um canto sublime, para glorificar os feitos divinos do futuro e do passado. E também me ordenaram louvar a linhagem dos deuses eternos, mas sempre,

em cada ocasião, a elas cantar no princípio e no final. Mas para que falar de carvalho e pedra?⁹

[36-40] Vamos então! Começemos pelas Musas que com seus cantos alegram o espírito generoso de seu pai, Zeus, no alto do Olimpo¹⁰, quando cantam em seus hinos, com voz harmoniosa, o presente, o futuro e o passado.

[41-52] De seus lábios a voz suave flui incansavelmente e alegra-se a casa de seu pai, Zeus, o trovejador, quando a voz vibrante das deusas ecoa no cume nevado do Olimpo. Elas erguem a voz imortal, louvando com seu cantar, desde suas origens, a venerável linhagem dos deuses gerados por Geia e pelo vasto Urano, assim como aqueles que deles nasceram, os deuses doadores de bens. Depois louvam a Zeus, pai dos deuses e dos homens, e é exaltando o poder supremo do mais admirável entre os deuses que as Musas começam e terminam seu canto¹¹. E ao cantar a estirpe dos humanos e dos poderosos gigantes, as Musas olímpicas, filhas de Zeus, o portador da Égide, alegram o coração de Zeus no Olimpo.

[53-61] Elas foram geradas em Piéria¹², por Mnemósina, soberana das colinas de Eleuter¹³, em união com o filho de Crono, para alívio dos males e descanso das inquietações. Por nove noites o sábio Zeus uniu-se a ela, partilhando seu sagrado leito distante dos imortais. E quando o tempo devido se passou, com o girar das estações pelo suceder das luas e o findar de muitos dias, sobre o mais alto pico do nevado Olimpo ela deu à luz nove filhas, de mente e coração harmonizados e o dom dos belos cantos livres de pesares.

[62-74] Ali, em seus brilhantes palácios, elas compõem admiráveis cantos. As Cárites e Hímero têm suas moradas em meio às Musas, e entre festas deleitam-se com os sons deliciosos que lhes escapam dos lábios, enquanto dançam e louvam a nobre conduta dos imortais, lançando ao ar sua encantadora voz. Elas sobem ao Olimpo exultantes, em meio a danças celestiais, e ao seu redor a terra negra ressoa com os seus cantos. De seus pés ergue-se suave rumor quando caminham em direção ao pai, aquele que

reina no céu desde que superou em poder o seu progenitor Crono. Ele domina o trovão e o raio flamejante e repartiu, com justiça, as honras e os privilégios entre os imortais.

[75-80] Todas essas coisas foram cantadas pelas Musas que habitam as moradas do Olimpo, as nove filhas nascidas do grande Zeus: Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope, a primeira de todas, pois é ela quem acompanha os veneráveis reis¹⁴.

[81-87] Aquele que é honrado pelas filhas do grande Zeus — uma confirmação de que procede dos reis, descendentes de Zeus — delas recebe sobre sua língua o doce orvalho, e de seus lábios fluem palavras de mel. Todos o observam quando ele aplica imparcialmente a justiça na ágora¹⁵ e com palavras firmes decide as contendas com sabedoria, pondo fim a grandes discórdias.

[88-93] Pois é assim que agem os reis prudentes com aqueles que foram injustiçados na ágora. Eles reconduzem as demandas de forma apropriada, e com palavras persuasivas acalmam a todos. Quando um desses reis vai a uma assembleia é reverenciado como um deus, distinguindo-se entre todos na multidão ali reunida. E esse é o dom sagrado das Musas para os homens.

[94-97] Por causa das Musas e de Apolo, o que desfere golpes¹⁶, há aedos e citaristas sobre a terra. Os reis, porém, esses existem por graça de Zeus. E feliz é aquele a quem as Musas amam, pois de sua boca as palavras fluem com doce voz.

[98-103] Se alguém carrega uma dor recente na alma e consome seu coração em grandes aflições, quando ouve o aedo, servidor das Musas, louvar os feitos gloriosos dos ancestrais e dos venturosos deuses que habitam o Olimpo, logo esquece o sofrimento e as preocupações, já que os dons das deusas afastam seus pesares.

[104-115] Saudações, filhas de Zeus! Concedei um canto ardente para exaltar a sagrada estirpe dos deuses imortais, daqueles que nasceram de Geia e de Urano, o estrelado; os da escura Nix e os que foram gerados pelo

salgado Pontos. Dizei como, nos primórdios, surgiram Geia e os outros deuses. O infinito Pontos, com suas impetuosas ondas, e os Rios, e Urano, alto e vasto, de estrelas cintilantes, assim como os deuses que deles nasceram, doadores de bens. Dizei como dividiram suas riquezas, repartindo as honras entre si, e também como no começo os deuses ocuparam o íngreme Olimpo. Dizei-me isso, ó Musas, vós que desde o princípio habitais as mansões olímpicas. Revelai quem dentre eles foi o primeiro a nascer.

OS DEUSES PRIMORDIAIS

[116-125] Certamente, muito antes de tudo existia Caos. Somente depois surgiram: Geia, de amplo seio, sólido sustento de todos os imortais que habitam o cume nevado do Olimpo¹⁷, o tenebroso Tártaro, nas profundezas da terra de vastos caminhos, e Eros, o mais belo dos deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, dominando o espírito e a vontade prudente no íntimo de todos os deuses e de todos os mortais. Também de Caos nasceram Érebo e a negra Nix. Então, por sua vez, de Nix nasceram Éter e Hêméra, aos quais ela concebeu e pariu após sua união amorosa com Érebo.

GEIA E URANO

[126-132] Geia primeiro engendrou o estrelado Urano. Ela o fez semelhante a si mesma, para cobri-la e envolvê-la por todos os lados, tornando-a assim um lugar seguro para os deuses venturosos. Gerou também as altas Montanhas¹⁸, belas moradas para as Ninfas, deusas que habitam entre o arvoredo das encostas¹⁹. E sem a desejada união de amor, ela também gerou as infecundas superfícies de Pontos, agitadas por impetuosas ondas²⁰.

TITÃS, CICLOPES E HECATONQUIROS

[133-138] Após se unir a Urano, Geia concebeu: Oceano, de profundos redemoinhos, Ceos, Crio, Hiperión e Jápeto; Teia, Reia, Têmis, Mnemósina e Febe, de dourada coroa, além da amorosa Tétis. Depois desses, nasceu o astuto Crono, o mais jovem e o mais terrível dos filhos, que odiou seu vigoroso pai.

[139-146] Ela também concebeu os Ciclopes, de soberba força: Brontes, Estérope e Arges, de ânimo violento, que deram a Zeus o trovão e forjaram o raio. Em tudo se assemelhavam aos deuses, mas tinham somente um olho no meio da testa. Eram chamados Ciclopes por terem na frente um único olho redondo, e mostravam força, poder e destreza em cada uma de suas ações.

[147-153] E ainda de Geia e Urano nasceram três outros filhos gigantescos e poderosos, aos quais não se deve nomear²¹: Cotos, Briaréu e Giges, arrogantes e cheios de soberba. De suas espáduas projetavam-se cem braços impetuosos e acima dos ombros cada um tinha cinquenta cabeças, sustentadas por membros robustos. Inesgotável era a força que animava suas formas colossais.

[154-163] E todos os filhos que nasceram de Geia e Urano, filhos terríveis, foram odiados desde o começo por seu pai. Assim que nasciam, ele os escondia nas profundas entranhas de Geia, impedindo-os de sair à luz. Urano se comprazia por seus feitos malignos, enquanto a prodigiosa Geia gemia, sob sua opressão. Então Geia criou uma espécie de pedra dura e cinzenta²², com a qual entalhou uma grande foice e, ousadamente, revelou aos filhos o plano que havia concebido, dizendo o quanto estava aflito seu coração.

[164-167] “Filhos meus, gerados por um pai brutal! Se me atenderdes, juntos nos vingaremos do cruel ultraje de vosso genitor, uma vez que foi ele quem primeiro concebeu ações tão indignas.” Assim disse Geia, mas como o temor se apoderasse de todos eles, nenhum disse uma palavra sequer.

CRONO E URANO

[168-172] Apenas o grande Crono, o de mente tortuosa, teve coragem e respondeu à sua prudente genitora com estas palavras: “Mãe, eu posso me encarregar dessa empresa, pois não reverencio nosso pai, de maligno nome, por ter sido ele quem primeiro tramou ações indignas”.

[173-181] Assim ele falou, e a prodigiosa Geia sentiu grande alegria em seu coração. Colocou o filho escondido, pronto para uma emboscada, e revelou seu ardiloso plano, armando suas mãos com a foice afiada, entalhada como um aguçado dente. Com a chegada da noite, aproximou-se Urano, desejoso de amor, e estendeu-se sobre Geia, cobrindo-a completamente. Então, de seu esconderijo, o filho estendeu a mão esquerda e o tocou. Com a mão direita, tomou a foice, semelhante a um enorme dente, e cortou rapidamente os genitais do pai, lançando-os a esmo para trás de si.

ERÍNIAS, GIGANTES E NINFAS

[182-187] No entanto, nada do que caiu de sua mão se perdeu, pois Geia recebeu todas as gotas do sangue vertido. Quando as estações completaram o seu girar, Geia pariu as poderosas Erínias e os enormes Gigantes, com suas armaduras rutilantes e longas lanças nas mãos. E também as Ninfas chamadas Melíades, sobre a terra infinita.

AFRODITE

[188-200] Assim que os genitais foram cortados com a dura pedra, Crono os lançou da terra firme sobre o Pontos agitado pelas ondas, onde por muito tempo flutuaram sobre a superfície das águas. Uma espuma branca desprende-se da carne imortal, envolvendo-a completamente. E dessa espuma criou-se uma virgem. Primeiro ela se aproximou da sagrada Citera²³, e de lá seguiu para Chipre²⁴, que é cercada pelas ondas do mar. Ali

pisou a terra uma deusa bela e sensual. A cada um de seus passos a relva crescia sob os formosos pés, e deuses e homens chamaram-na Afrodite, pois surgiu dentre a espuma. Por ter se aproximado de Citera, ela é Citereia de bela coroa. Também é Ciprogênea, porque nasceu no agitado Mar de Chipre, e, ainda, Filomedeia, por ter sido criada do sêmen dos genitais²⁵.

[201-206] Eros a acompanhou, e também o gracioso Hímero, logo que ela nasceu e se encaminhou para a morada dos deuses. E desde o início foi esta a honra que obteve, o que lhe coube entre os homens e os deuses imortais: os sussurros das jovens, os sorrisos e os enganos, o doce prazer, o amor e a ternura.

[207-210] Os filhos gerados pelo poderoso Urano foram por ele chamados, de forma insultuosa, de Titãs²⁶. O pai os recriminava por sua arrogância e os acusava pelo terrível ato, prenunciando o castigo que lhes chegaria algum dia.

A DESCENDÊNCIA DE NIX

[211-216] Nix gerou a odiosa Moira, a negra Quere e Tânatos²⁷. Também engendrou Hipno e a linhagem dos Sonhos²⁸. Sozinha, a deusa, a negra Nix, os concebeu a todos, sem deitar-se com ninguém. Também gerou Momo, a lamentosa Pênia e as Hespérides, que além do glorioso Oceano guardam os ricos pomos de ouro e as árvores em que nascem esses frutos.

[217-225] Ela também pariu as Queres, vingadoras implacáveis, e as Moiras: Cloto, Láquesis e Átropos, que dão aos seres, desde o seu nascimento, tanto o bem como o mal, perseguindo as transgressões de homens e deuses. Essas deusas jamais descansam de sua cólera terrível, até levar a punição dolorosa àquele que erra. E a silenciosa Nix gerou Nêmesis para aflição dos mortais. Depois dela, pariu o Engano, a Amizade, a odiosa Guéras²⁹ e também engendrou Éris, de ânimo violento.

A DESCENDÊNCIA DE ÉRIS

[226-232] A hedionda Éris pariu Pónos, a dolorosa, Lete, Limós e Algos, de muitas lágrimas³⁰. Também gerou Combates, Guerras, Homicídios, Massacres, Litígios, Palavras Mentirosas, Disputas, Desordens e Ruína, todas de uma só natureza, além de Hórcos, que muito atormenta os homens sobre a terra quando alguém faz um falso juramento.

OS FILHOS DE PONTOS

[233-239] Pontos gerou Nereu, o mais velho de seus filhos, o que é sincero e sem falsidades. Como inspira confiança e bondade o chamam de Velho, pois não se esquece dos preceitos divinos e só concebe pensamentos justos e bondosos. Unindo-se a Geia, gerou também o grande Taumas, o orgulhoso Fórcis, Ceto, a de belo rosto, e Euríbia, a que tem nas entranhas a dureza das pedras³¹.

AS NEREIDAS

[240-264] De Nereu nasceram filhas que se distinguiram dentre as deusas por sua grande beleza. Elas foram geradas por Dóris, de preciosos cabelos, filha de Oceano, o rio circundante: primeiro Eucrante, Sao e Anfitrite, Eudora e Tétis, Galene e Glauce, Cimotoe, Speo, Toe e a amável Hália, Pasitea, Érato e Eunice de braços rosados, a graciosa Melita, Eulimene e Agave, Doto, Proto, Ferusa e Dinamene, Niceia, Acteia e Protomedeia, Dóris, Panopeia e a formosa Galateia, Hipótoe, a adorável, e Hiponoe de róseos braços, Cimodoce, que acalma o sopro forte dos ventos e as ondas sobre o nevoento Pontos, junto a Cimatolege e a Anfitrite, de belos tornozelos, Cimo, Eione, Alimede, ricamente coroada, Glauconome, que ama o riso, e Pontoporea, Liágore, Evágore, Laomedeia, Polínoe, Autónoe, Lisiánasa, Evarne, de graciosa figura e formas perfeitas, Psámate de talhe encantador e a divina Menipe, Neso, Eupompe, Témisto, Prónoe e Nemertes, que tem a natureza de seu pai imortal. Essas são as cinquenta filhas, hábeis em esplêndidas obras, que nasceram do irrepreensível Nereu.

TAUMAS E ELECTRA

[265-269] Taumas desposou Electra, filha do Oceano de profundo fluir. Geraram a ligeira Íris e as Harpias, de belos cabelos: Aelo e Ocípete³², que igualam o sopro do vento e acompanham os pássaros, lançando-se no espaço com asas ligeiras.

DESCENDÊNCIA DE CETO E FÓRCIS

[270-277] Ceto uniu-se a Fórcis e concebeu as Greias, de formosas faces, grisalhas desde o nascimento e por isso chamadas Velhas pelos deuses imortais e pelos homens que caminham sobre a terra: Penfredo, a de bem-talhado manto, e Ênio, de manto cor de açafão³³. Também gerou as Górgonas, que habitam além do glorioso Oceano, nas fronteiras da noite, onde se erguem as vozes das Hespérides. São elas: Esteno, Euríale e Medusa, a que sofreu triste destino. Ela era mortal, enquanto as outras duas permanecem imortais e jamais envelhecem.

MEDUSA

[278-286] Medusa se deitou em um campo macio, dentre as flores da primavera, com aquele de cabeleira azul³⁴. E quando Perseu cortou-lhe a cabeça, de seu pescoço surgiram o grande Crisaor e o cavalo Pégaso. Este é assim chamado por ter nascido próximo às nascentes do Oceano, aquele, por levar nas mãos uma espada de ouro³⁵. Pégaso, lançando-se aos ares, abandonou a terra, mãe de rebanhos, e foi até onde habitam os deuses imortais, na morada de Zeus, o sábio, para quem transporta o trovão e o raio.

GERIÃO

[287-294] Crisaor uniu-se a Calírroe, filha do glorioso Oceano, e engendrou Gerião, de três cabeças. Em Eriteia, cercada pelas águas do mar, Gerião foi morto pelo forte Héracles, junto aos seus bois de passo lento. Após cruzar extensas águas, Héracles eliminou o cão Ortro e também Euritião, o vaqueiro, no dia em que levaria os bois de larga testa dos estábulos nevoentos até a sagrada Tirinto³⁶, além do magnífico Oceano.

ÉQUIDNA

[295-305] Em uma profunda caverna, Ceto também engendrou outro monstro invencível, em nada semelhante a qualquer mortal ou aos deuses imortais: a divina e aterradora Équidna — metade Ninfa, de face delicada e olhos vivazes, e metade serpente monstruosa, imensa e terrível —, que se alimenta de carne crua nas entranhas da sagrada terra. Ali ela permanece, aninhada em seu profundo covil sob uma pedra côncava, longe dos deuses imortais e dos homens mortais. E sob a terra dos árimos³⁷, onde os deuses lhe ofereceram uma esplêndida morada, permanece a lúgubre Équidna, a Ninfa que não morre nem envelhece.

TIFÃO E ÉQUIDNA

[306-312] Dizem que o terrível Tifão, arrogante e sem lei, uniu-se amorosamente à virgem de olhos vivazes. Fecundada, ela concebeu filhos de ânimo cruel. Primeiro gerou Ortro, o mastim de Gerião. Depois, engendrou um monstro invencível, que não se deve nomear: Cérbero, o cão do Hades³⁸, de brônzea voz, carnívoro cruel, poderoso e inexorável, com suas cinquenta cabeças.

[313-318] Depois, ela gerou a Hidra de Lerna, de intentos malignos, que a deusa Hera de alvos braços alimentou, movida por intenso rancor contra o forte Héracles. E o filho de Zeus, Héracles da casa de Anfitrião, auxiliado por Iolau, o guerreiro, matou-a com duro bronze a conselho de Atena, a que captura sua presa.

[319-325] Équidna também engendrou a Quimera, terrível criatura que expelia um fogo invencível. Era grande, de pés ligeiros, e tinha três cabeças: uma de leão, com assombrosos olhos, outra de cabra e outra de serpente, uma víbora cruel. Na frente, a cabeça de leão, atrás, a de serpente, e, no meio, a de cabra, todas expeliam com grande ímpeto as terríveis rajadas de fogo. Foi morta por Pégaso e pelo destemido Belerofonte.

ÉQUIDNA E ORTRO

[326-332] Ao se unir a Ortro, Équidna engendrou a mortal Esfinge, ruína dos cadmeus³⁹, e também o Leão de Nemeia⁴⁰, um flagelo para os homens, que Hera, a nobre esposa de Zeus, alimentou e abrigou nas colinas de Nemeia. Ali ele destruiu as aldeias dos homens e manteve o poder sobre Treto e Apesanta, em Nemeia, até sucumbir ao vigor e à força de Héracles.

LADÃO

[333-336] E Ceto uniu-se em amor a Fórcis, gerando sua filha mais jovem: a terrível serpente que em seu covil guarda os pomos de ouro em um lugar secreto, nas distantes fronteiras da terra tenebrosa⁴¹. Essa é a descendência de Ceto e Fórcis.

TÉTIS E OCEANO

[337-345] E Tétis gerou de Oceano os caudalosos Rios: Nilo e Alfeu, Erídano, de profundos redemoinhos, Estrímon, Meandro, Istro, de belo fluir, Fásis, Reso, Aqueloo, de rodopios de prata, Nesso, Ródio, Haliácmon, Heptáporo, Granico, Esepo, Simunte, o divino, Peneo, Hermo, Calco, de bom fluir, o grande Sangário, Ládôn, Partênio, Eveno, Ardesco e o divino Escamandro⁴².

[346-362] E ela também gerou uma sagrada estirpe de deusas, designadas por Zeus para a honra de acompanhar o soberano Apolo, e os

Rios que crescem de seus mananciais: Peito, Admete, Iante, Electra, Dóris e Primno, Urânia, de formas divinas, Hipo, Clímene, Rhodea e Calíroo, Zeuxo, Clítia, Idíia, Pasítoe, Plexaura, Galaxaura e a adorável Dione, Melobosis, Toe, a graciosa Polidora, Cerceis, de formas adoráveis, Pluto, a de olhos bovinos, Perseis, Ianira, Acaste, Xante, a encantadora Pétrea, Menestro, Europa, Métis, Eurínome, Telesto, de manto de açafrão, Criseida, Ásia, a encantadora Calipso, Eudora, Tique, Anfirro, Ocíroo e Estige, a que sobressai dentre todas. Essas são as filhas mais velhas que nasceram de Oceano e Tétis⁴³.

[363-370] Mas ainda há muitas outras. Três mil Oceânidas de delicados tornozelos, gloriosas filhas de deuses, espalhadas por todos os lugares, velam pela terra e pelas águas do mar profundo. E entre os filhos do Oceano, gerados pela veneranda Tétis, existem outros tantos Rios fluindo fragorosos. É difícil para um mortal dizer o nome de todos, embora cada um conheça aquele junto ao qual habita.

TEIA E HIPERÍON

[371-374] Teia uniu-se amorosamente a Hiperíon, gerando o grande Hélio, a brilhante Selene e Eos, reluzentes sobre tudo o que há na terra e sobre os deuses imortais que vivem na amplidão do céu⁴⁴.

EURÍBIA E CRIO

[375-377] Euríbia, divina entre as deusas, uniu-se em amor a Crio, gerando o grande Astreu, Palas e Perses, que se distingue dentre todos por sua sabedoria.

ASTREU E EOS

[378-382] Astreu e Eos geraram ventos animados de poderosa força. Zéfiro, que clareia o céu, Bóreas, impetuoso em seu curso, e Noto nasceram

da união amorosa da deusa com o deus⁴⁵. Depois disso, Eos, a que se ergue ligeiro no horizonte, gerou Eósforo e os astros brilhantes que coroam o céu.

ESTIGE E PALAS

[383-388] Estige, a filha de Oceano, uniu-se a Palas na mansão dos deuses, gerando Zelo e Nique, de belos tornozelos. Ela também gerou Crato e Bias, filhos admiráveis⁴⁶. Não está distante de Zeus a sua morada, e eles não percorrem espaço algum ou caminho além daqueles pelos quais o deus os conduz. E sempre se sentam ao lado de Zeus, o que troveja gravemente.

[389-396] E foi isso o que decidiu Estige, a filha de Oceano, no dia em que o fulgurante olímpico convocou todos os deuses imortais, no alto Olimpo, para afirmar que cada um daqueles que lutassem ao seu lado contra os Titãs não seria privado de honras nem de prêmios por seus bons préstimos. Todos eles conservariam os seus privilégios, e aquele que não obtivera regalias sob o poderio de Crono alcançaria posição justa e honrada.

[397-403] Então a imortal Estige foi a primeira a se apresentar ao Olimpo com seus filhos, seguindo as determinações e os conselhos de seu pai. E Zeus a honrou, oferecendo-lhe infinitos dons. Fez dela o mais solene juramento dos deuses⁴⁷ e decidiu que seus filhos haveriam de habitar com ele para sempre. Zeus cumpriu tudo aquilo que prometeu a todos e, ele próprio, poderosamente, domina e governa.

FEBE E CEOS

[404-410] Por sua vez, Febe⁴⁸ e Ceos uniram-se amorosamente. Fecundada pelo desejo do deus, a deusa concebeu e pariu Leto, a de escuro manto, sempre doce, benfazeja aos homens e aos deuses imortais, doce desde o princípio, a mais suave em todo o Olimpo. Ela também gerou Astéria, de propício nome⁴⁹, a quem Perses conduziu um dia à sua esplêndida morada e desposou.

ASTÉRIA E PERSES

[411-415] Fecundada, Astéria gerou Hécate, a quem Zeus, filho de Crono, honrou acima de todos, concedendo-lhe este esplêndido dom: ter seu quinhão na terra e no mar infecundo. Hécate também partilhou honrarias com o céu estrelado, sendo muito honrada entre os deuses imortais.

HÉCATE

[416-422] Ainda hoje, sempre que um homem sobre a terra oferece piedosos sacrifícios, invocando Hécate de acordo com os rituais, facilmente atrai para si honras e riquezas, se suas preces forem acolhidas favoravelmente pela deusa, pois grande é, certamente, o poder de sua força. E de todos aqueles agraciados com honras, dentre os que nasceram de Geia e Urano, de cada um ela obteve a parte que lhe cabia.

[423-428] O filho de Crono não violou nem tomou nada do que Hécate recebera para si dos antigos deuses, os Titãs. E assim ela mantém o que obteve na partilha feita nos primórdios. Nem por ser filha única foi menor a parte da deusa na divisão de honras e privilégios sobre a terra, o céu e o mar. Recebeu muito mais, por ser assim honrada por Zeus.

[429-438] Sempre que o deseja, Hécate oferece grande ajuda e assistência. Senta-se no tribunal, ao lado dos venerandos reis, e distingue entre o povo aquele que elegeu. Quando os guerreiros se armam para a guerra destruidora de homens, a deusa auxilia os que ela escolheu, propiciando vitória e grande glória. Também é benévola quando os homens disputam nos jogos, pois aí também a deusa se mantém com eles e os favorece, fazendo que se distingam em força e vigor. E, assim, com facilidade e alegria, eles ganham um belo prêmio e levam a glória a seus pais.

[439-447] Diligente, ela ajuda os cavaleiros que escolhe e também os que trabalham no ermo e esverdeado mar. Àquele que suplica a Hécate e ao

Estrondoso, o que faz tremer a terra, facilmente a gloriosa deusa concede farta pesca ou vem tomá-la, se assim o desejar. Ela é diligente nos estábulos, e ao lado de Hermes faz crescer os rebanhos de bois, os grandes rebanhos de cabras e de lanosas ovelhas. E se assim o quiser, os rebanhos pequenos ela torna grandes, e os grandes, torna pequenos.

[448-452] Dessa forma, embora seja a única filha de sua mãe, ela é honrada entre todos os deuses imortais, com todos os seus privilégios. E o filho de Crono a fez protetora dos jovens que depois dela viram a luz de Eos, a que brilha com inumeráveis olhos. Desde então, ela protege os jovens. E essas são as suas honras.

A SEGUNDA GERAÇÃO DIVINA: REIA E CRONO

[453-458] Subjugada por Crono, Reia deu à luz filhos ilustres: Héstitia, Deméter e Hera, a de sandálias de ouro; o poderoso Hades, de implacável coração, que habita sob a terra, onde tem sua morada; o Fragoroso, que faz estremecer o solo, e o sábio Zeus, pai dos deuses e dos homens, cujos trovões fazem tremer até mesmo a vasta terra.

[459-467] Crono os engoliu tão logo cada um desceu do sagrado ventre aos joelhos de sua mãe, assim fazendo para impedir que qualquer outro dos ativos filhos de Urano tivesse a honra de reinar entre os imortais. Ele sabia, por Geia e pelo estrelado Urano, que mesmo sendo tão poderoso estava em seu destino ser subjugado por um de seus filhos, pela vontade do grande Zeus⁵⁰. E por isso ele não descuidou a vigilância. Manteve-se à espreita, observando atentamente, e engolia cada um de seus filhos logo ao nascer.

NASCIMENTO DE ZEUS

[468-473] Reia foi tomada de insuportável aflição quando estava para dar à luz Zeus, o pai dos deuses e dos homens. Suplicou então aos seus pais, Geia e o estrelado Urano, que tramassem um ardil que lhe permitisse

ocultar o nascimento daquele filho. E assim as Erínias puniriam o astucioso Crono, não só pelo que fizera ao pai, como também pelos filhos que havia engolido⁵¹.

[474-478] Eles ouviram atentamente sua filha e a atenderam, revelando tudo o que estava destinado a acontecer ao soberano Crono e a seu filho, de ânimo violento. E assim, enviaram-na a Licto, uma rica região de Creta⁵², onde deveria nascer o filho de magníficas armas.

[479-491] E o grande Zeus foi recebido por Geia, a prodigiosa, nas vastidões de Creta, onde ela o iria alimentar e proteger. Geia o levou em seus braços, através da veloz noite negra, e ao chegar a Licto ela o escondeu, com suas mãos, em uma profunda caverna, entranhas da divina terra, no Monte Egeu, coberto por densas florestas. Depois, para o poderoso filho de Urano, soberano dos antigos deuses, deu uma grande pedra envolta em panos. Ele a tomou em suas mãos e meteu-a ventre abaixo, o infeliz, sem imaginar em suas entranhas que no lugar da pedra deixava intacto o seu filho invencível. E que em breve ele o dominaria pela força de suas mãos, tomando para si suas honras e reinando entre os imortais.

O PODER DE ZEUS

[492-506] Rapidamente cresciam o vigor e os magníficos membros do jovem soberano. E com o girar dos anos, enganado pelas hábeis sugestões de Geia, o poderoso Crono de pensamentos tortuosos vomitou sua prole. Vencido pelas artes e pela força do filho, primeiro expulsou a pedra, aquela que por último havia sido devorada. E Zeus cravou-a na terra de largos caminhos, sobre a sagrada Píton, nos vales ao pé do Parnaso, dela fazendo um marco do futuro, maravilha para os homens mortais. Em seguida, libertou das profundas prisões os tios paternos: Brontes, Estérope e Arges, de ânimo violento, filhos de Urano, irmãos a quem seu pai, em desvario, havia encarcerado. Agradecidos por esses benefícios, eles lhe deram o trovão, o raio flamejante e o relâmpago, que a enorme Geia mantivera até então ocultos. E confiante nessas armas, ele reina sobre mortais e imortais.

FILHOS DE JÁPETO E CLÍMENE

[507-513] Jápeto desposou uma jovem Oceânida, Clímene, a de belos tornozelos⁵³, e compartilhou com ela o leito, gerando o filho Atlas, de ânimo aguerrido. Ela também deu à luz o muito altivo Menécio, o hábil e astucioso Prometeu e o torpe Epimeteu⁵⁴, que desde o princípio foi um mal para os homens que se alimentam de pão, por ter sido o primeiro que aceitou a mulher, a virgem moldada por Zeus.

[514-520] Quanto ao soberbo Menécio, Zeus, de olhar abrangente, o atingiu com seu ardente raio, precipitando-o no Érebo por sua desmedida arrogância e insensatez⁵⁵. Nos confins da terra, coagido por poderosos desígnios, Atlas sustenta o vasto céu sobre sua cabeça, de pé, com infatigáveis braços, diante das Hespérides de doce voz⁵⁶. E foi esse o destino que lhe coube na partilha feita pelo sábio Zeus.

PROMETEU

[521-534] A Prometeu, de astuciosos recursos, Zeus o prendeu com inquebráveis e dolorosas correntes passadas por dentro de uma coluna, lançando sobre ele uma águia de grandes asas. Ela lhe comia o fígado imortal, que voltava a crescer durante a noite exatamente igual àquele que no decorrer do dia a ave de grandes asas devorara. Quem a matou foi o audacioso Héracles, filho de Alcmena, a de belos tornozelos, afastando assim o sofrimento cruel do filho de Jápeto e libertando-o de seus tormentos. Disso não discordou Zeus Olímpico, o sublime soberano, para que a glória de Héracles, o Tebano⁵⁷, fosse ainda maior que antes sobre a terra fecunda. Reverentemente ele honrou seu altivo filho e, apesar da cólera, pôs fim ao seu rancor a Prometeu, que havia desafiado os desígnios do muito poderoso filho de Crono.

[535-544] Quando deuses e homens mortais disputavam em Mecona⁵⁸, Prometeu ofereceu um grande boi, que havia dividido com muito cuidado

tentando enganar o espírito de Zeus. De um lado, sobre a pele, ele depôs as vísceras e as carnes gordas cobertas com o ventre do boi. De outro, com pérfido artifício, colocou os brancos ossos cobertos com a brilhante gordura. Disse-lhe então o pai de homens e deuses: “Filho de Jápeto, distinto dentre todos os demais, doce amigo, foi injusta tua divisão das partes!”

[545-549] Assim lhe disse Zeus, com ironia, já que conhece os desígnios eternos. Prometeu, de mente tortuosa, respondeu com um leve sorriso, sem esquecer seu pérfido ardil: “Zeus, o de maior glória e poder entre os deuses imortais! Dessas partes, escolhe aquela que, em tuas entranhas, anima o teu desejo⁵⁹.”

[550-560] Com astúcia, ele assim falou. E Zeus, que conhece os desígnios eternos, tudo compreendeu e não ignorou o artifício. Em seu íntimo, previa os males que haveriam de se abater sobre os homens mortais. Com as duas mãos, retirou a branca gordura e a cólera o dominou. O rancor alcançou suas entranhas quando viu, escondidos por enganoso ardil, os ossos alvos do boi. E por isso, desde então, as tribos dos homens queimam ossos brancos para os imortais em incensados altares⁶⁰. Então, colérico, disse-lhe Zeus, o acumulador de nuvens: “Filho de Jápeto, hábil em artimanhas, doce amigo, que ainda não esqueceu a arte dos enganos!”

[561-564] Cheio de ira, assim disse Zeus, que conhece os desígnios eternos. E a partir de então, por guardar na memória esse ardil, não mais dirigiu aos freixos a força do fogo infatigável em benefício dos homens mortais que habitam sobre a terra⁶¹.

[565-570] O valoroso filho de Jápeto, porém, mais uma vez o enganou, escondendo no oco de uma férula a chama do fogo incansável que de longe se avista. Com isso, ofendeu o íntimo de Zeus, estrondeante nas alturas, pois ao perceber entre os homens a chama do fogo que de longe se avista, seu coração se enfureceu. E por isso, para compensar o roubo do fogo, Zeus enviou um mal para os homens.

PANDORA⁶²

[571-584] Por vontade do Crônida, o ilustre Pés-tortos⁶³ modelou com terra uma casta jovem. A deusa Atena, de olhos brilhantes, adornou-a e vestiu-a com tecidos de resplandecente alvura e colocou-lhe sobre a cabeça um véu bordado por suas mãos, uma maravilha de ver. Ao redor de sua fronte, Palas Atena⁶⁴ dispôs sedutoras guirlandas, feitas de frescas flores campestres, adornando-lhe a cabeça com uma coroa de ouro que o nobre Pés-tortos havia lavrado com as próprias mãos, para agradar a Zeus, seu pai. Nela estavam cinzelados muitos dos seres nutridos pela terra e pelo mar, verdadeira maravilha para os olhos. Em todos eles resplandecia a graça, e assemelhavam-se a seres vivos, dotados de voz.

(585-589) Logo após ter criado o belo mal em troca de um bem⁶⁵, ele a levou — admiravelmente adornada pela deusa de olhos brilhantes, filha do poderoso pai — ao lugar onde estavam os outros deuses e homens. E o espanto se apoderou dos deuses imortais e dos homens mortais quando viram o árduo e imbatível ardil destinado aos homens.

[590-601] Dela descende a estirpe das femininas mulheres. Dela procede a linhagem funesta das mulheres, que traz grandes sofrimentos para os mortais. Elas vivem com os homens, companheiras apenas na abundância, sem aceitar a pobreza austera. Tal como nas protegidas colmeias, onde as abelhas nutrem os maléficos zangões. Dia após dia, do nascer ao pôr do sol, elas trabalham arduamente, para formar os brancos favos de mel, enquanto eles permanecem abrigados nos alvéolos bem cobertos, recolhendo em seu ventre a fadiga alheia. E assim também Zeus, que estrondeia nas alturas, enviou para os homens mortais um mal igual: criou as mulheres, que se ocupam em obras malévolas.

[602-612] E outro mal Zeus lhes enviou em troca de um bem, pois aquele que desejar fugir do matrimônio e das obrigações com mulheres, se não se casar, chega à funesta velhice sem ter quem o ampare. Vive sem que lhe falem alimentos, mas ao morrer são os parentes distantes que repartem

seus bens. Em troca, aquele que tem como destino o matrimônio, mesmo com uma boa esposa, cuidadosa e prudente, terá sempre, durante toda a sua vida, o bem com o contrapeso do mal. Mas se ele encontrar uma mulher de linhagem perversa, viverá com dor incessante afligindo-lhe as entranhas, o íntimo e o coração. E seu mal não terá remédio⁶⁶.

[613-616] Assim, não é possível esquivar-se ou ir contra a vontade de Zeus, pois nem sequer o filho de Jápeto, o benéfico Prometeu, escapou de sua terrível cólera. Foi aprisionado pelo poder de fortes correntes, apesar de sua grande astúcia.

TITANOMAQUIA

[617-623] Desde quando o pai sentiu, em suas entranhas, que odiava Briaréu, Cotos e Giges, ele os prendeu em segura prisão. Como invejava sua extraordinária coragem, aspecto e estatura, escondeu-os sob a terra de amplos caminhos. E ali, vivendo debaixo do solo, dolorosamente, permaneceram nos confins da enorme terra, em suas fronteiras, entre angústias terríveis e duras mágoas no coração.

[624-628] Porém o Crônida e os demais deuses imortais — paridos por Reia, a de belos cabelos, ao unir-se em amor com Crono — os trouxeram de volta à luz, por conselho de Geia. Esta lhes revelou, de forma clara e exata, que com eles teriam a vitória e alcançariam a mais brilhante glória.

[629-634] Havia muito tempo que os deuses Titãs e quantos nasceram de Crono lutavam uns contra outros, suportando árduas fadigas em violentos combates: os magníficos Titãs no elevado Ótris⁶⁷ e os deuses doadores de bens — que Reia, de belos cabelos, pariu ao deitar-se com Crono — sobre o Olimpo.

[635-653] Já havia dez anos que combatiam entre si, em batalhas incessantes, tomados por terrível cólera. De nenhum dos lados se via solução para o duro confronto, e o final da guerra permanecia incerto. Porém, quando lhes foi oferecido o sustento do néctar e da ambrosia, dos

quais apenas os deuses provam, cresceu no peito de todos um novo alento⁶⁸. Após provarem o néctar e a doce ambrosia, assim lhes falou o pai de homens e deuses: “Ouçam-me, magníficos filhos de Geia e Urano, que eu direi o que em meu peito o coração me ordena! Faz muito tempo que lutamos todos os dias, os deuses Titãs e todos os que nasceram de Crono, uns contra os outros, pela vitória e o poder. Na funesta luta contra os Titãs, mostrem a grande força de seus invencíveis braços! Recordem a doce lealdade e como, por nosso desígnio, voltaram a ver de novo a luz, deixando a nevoenta escuridão depois de tantos sofrimentos, aprisionados a dolorosas cadeias”.

[654-663] Assim disse ele. E o irrepreensível Cotos por sua vez respondeu: “Divino! Não nos revelas nada que não seja conhecido por nós. Sabemos que tens suprema sabedoria e supremo espírito. Por tua prudência foi afastado dos imortais um terrível mal. Retornamos da densa escuridão, ó soberano filho de Crono, depois de sofrer sem esperanças em amargas prisões. Pois agora, com rijo ânimo e vontade resoluta, defenderemos o teu poder nessa luta terrível, combatendo contra os Titãs em árdua batalha”.

[664-673] Ele assim falou e, ao escutarem suas palavras, os deuses doadores de bens o aprovaram. E ainda mais que antes seus ânimos ansiaram pela guerra. Naquele mesmo dia, deuses e deusas, todos se lançaram a um terrível combate: os deuses Titãs, os que nasceram de Crono, e aqueles que Zeus, do Érebo sob a terra, trouxera à luz: terríveis, poderosos, donos de enorme força. Cem braços saíam dos ombros de cada um deles e cinquenta cabeças lhes brotavam dos ombros, sobre seus robustos membros.

[674-686] Então eles se opuseram aos Titãs em assombrosa luta, erguendo enormes rochas com suas mãos poderosas. No enfrentamento, os Titãs reforçavam suas fileiras e ambos os lados mostravam o poder de seus braços e de sua força. Terrível rugia o Pontos infinito. Geia ressoou fortemente, e o vasto Urano gemeu ao ser sacudido. O solo do alto Olimpo tremeu sob os golpes dos imortais, e até ao Tártaro nevoento chegou o

estrondo surdo dos pés e o horrível fragor dos golpes brutais nas indizíveis batalhas. Eles lançavam dardos sibilantes uns contra os outros, e a voz deles se erguia em grandes gritos de guerra, chegando a Urano, o estrelado.

[687-695] Zeus não mais conteve sua cólera. O furor penetrou em suas entranhas, e ele então mostrou toda sua força. Do céu e do Olimpo, relampejando, ele avançava incessantemente, enquanto os raios, com trovões e relâmpagos, voavam sem cessar de sua poderosa mão, que fazia girar o fogo sagrado. Geia, geradora de vida, ressoava ao redor ardendo em labaredas. A imensa floresta crepitava consumida pelas chamas. Fervia todo o chão, ferviam as correntes do Oceano e também o infecundo Pontos⁶⁹.

[696-710] Uma ardente labareda, tão grande que chegava ao divino Éter, envolveu os Titãs nascidos de Geia. Apesar de sua imensa força, o esplendor fulgurante do raio e do relâmpago os cegou. Um calor prodigioso tomou o Caos, e parecia ter-se diante dos olhos — e ouvir-se com os ouvidos — o mesmo clamor de quando se tocavam Geia e o vasto Urano das alturas. Pois tão grande como o estrépito que se erguia quando ele, do alto, se precipitava sobre ela, era o estrondar dos deuses no combate. Os ventos acompanhavam silvantes os tremores da terra, o pó, o trovão, o relâmpago e o flamejante raio — dardos do poderoso Zeus — e levavam o alarido e o clamor a ambas as frentes. Um estrondo imenso se erguia da terrível contenda, pontuada por extraordinárias façanhas.

[711-721] A luta, enfim, se acalmou. Antes, todavia, eles se enfrentaram sem trégua, uns contra os outros, em violentos combates. Nas primeiras filas, em arrebatadas ações, Cotos, Briaréu e Giges, insaciáveis na guerra, lançaram com suas vigorosas mãos trezentas rochas e cobriram os Titãs com esses projéteis, enviando-os para debaixo da terra de largos caminhos. Eles os venceram com a força de seus braços, e, apesar de soberbos, os Titãs foram aprisionados em dolorosos cárceres, tão profundamente sob o solo quanto distante de Geia está Urano, pois tal é a distância da superfície da terra ao Tártaro nevoento.

O TÁRTARO

[722-728] Uma bigorna de bronze, precipitada do céu, cai durante nove noites e nove dias, chegando à terra somente no décimo dia. Da mesma forma, da terra ao tenebroso Tártaro, uma bigorna de bronze cai durante nove noites e nove dias, e apenas no décimo dia atinge o Tártaro, que é cercado por um muro de bronze. Em sua entrada, ao redor, três vezes a noite verte sua escuridão, e acima crescem as raízes da terra e do mar infecundo.

[729-735] Ali, por vontade de Zeus, o que reúne as nuvens, os deuses Titãs permanecem ocultos sob trevas nevoentas, em uma região coberta de mofo úmido, nos confins da terra prodigiosa. E não podem sair, pois Posídon ergueu portas de bronze e uma grande muralha, que os cerca por todos os lados. Ali também habitam Giges, Cotos e o magnânimo Briaréu, guardiães fiéis de Zeus, o portador da Égide.

[736-743] E é lá, próximo às nascentes úmidas e às fronteiras terríveis, odiadas até pelos deuses, que permanecem: a escura Geia, o Tártaro nevoento, o Pontos infecundo e o estrelado Urano⁷⁰. É um abismo profundo. E aquele que se atreve a cruzar suas portas, nem em um ano completo chegaria ao seu final, porque seria arrastado, de um lado para o outro, pelos ventos turbulentos de um terrível e incessante vendaval. Um prodígio espantoso até para os deuses imortais.

AS MANSÕES DO TÁRTARO

[744-757] Ali se levantam as terríveis mansões da tenebrosa Nix, envoltas em escuras nuvens. Diante delas, de pé, o filho de Jápeto sustenta, com seus infatigáveis braços, o amplo céu sobre sua cabeça, sem jamais desfalecer. E é onde Nix e Hêméra se aproximam mais, saudando-se ao cruzar o grande umbral de bronze⁷¹. Enquanto uma vai se abaixando para entrar, a outra sai à porta. E nunca a morada abriga as duas, pois sempre que uma delas está fora, percorrendo a terra, a outra permanece dentro, esperando que chegue o momento de começar sua jornada. Uma delas leva

a luz de inumeráveis olhos aos homens que habitam a terra; a outra, a funesta Nix, envolta em névoas escuras, em seus braços leva Hipno, irmão de Tânetos.

[758-766] Também ali têm sua morada os filhos da escura Nix: Hipno e Tânetos, deuses terríveis. Nunca o fulgurante Hélio os ilumina com seus raios, nem quando se ergue em direção a Urano, nem quando desce. Um deles, doce para os homens, percorre tranquilamente a terra e o amplo dorso do mar. O outro, de coração de ferro no impiedoso peito e implacável alma de bronze, retém consigo os homens que colhe e é odiado até pelos deuses imortais.

[767-774] Em frente, elevam-se as ecoantes mansões do deus subterrâneo, o poderoso Hades, e da temível Perséfone. Vigia a entrada um cão terrível e cruel, que tem maligna arte: aos que entram, saúda com a cauda e com ambas as orelhas, mas não os deixa partir de novo. Espreita e devora aqueles que surpreende a sair pelas portas⁷².

ESTIGE

[775-779] Ali habita uma deusa temida pelos imortais, a terrível Estige, filha mais velha de Oceano, que reflui em si mesmo⁷³. Distante dos deuses, ela habita uma esplêndida morada, coberta com pedras largas e sustentada por colunas de prata dispostas ao seu redor, as quais se elevam até o céu.

[780-785] Raras vezes a filha de Taumas, Íris, a de velozes pés, vai a esse lugar como mensageira, sobre o largo dorso do mar. Mas quando surgem brigas e discórdias entre os imortais, ou se algum dos que habitam as moradas olímpicas proferir mentiras, Zeus envia Íris para que traga de longe, em um jarro de ouro, a água gelada de muitos nomes, que verte de uma rocha alta e escarpada: o grande juramento dos deuses.

[786-804] Ela emana em abundância do rio sagrado e flui sob a terra de amplos caminhos, pela negra escuridão. A décima parte dela forma um braço de Oceano. As outras nove partes fluem em redemoinhos prateados.

Espalham-se sobre a terra e sobre o largo dorso do mar, onde se lançam nas águas salobras. E ela, a única que brota da rocha, é um grande tormento para os deuses, pois aquele, entre os imortais habitantes dos cumes do nevado Olimpo, que cometer perjúrio ao vertê-la jaz inerte durante um ano inteiro e não pode se aproximar da ambrosia nem do néctar para se alimentar. Permanece sem alento e sem voz, estendido sobre o leito, e um horrível torpor o envolve. Mas quando termina esse mal, depois de se completar um ano, outra prova, ainda mais dura, segue a primeira: por nove anos ele fica afastado dos deuses eternos. Não frequenta o conselho nem os banquetes até que se completem esses nove anos, e apenas no décimo ele volta a participar das assembleias dos imortais que habitam as moradas olímpicas.

[805-819] Os deuses faziam esse juramento sobre a água de Estige, eterna e ancestral, que flui por uma abrupta região. Lá estão as fontes e os confins úmidos, terríveis, detestados até pelos deuses, próximos da escura Geia, do Tártaro nevoento, do Pontos infecundo e do estrelado Urano. Ali há resplandecentes portas e umbrais de bronze inabaláveis, apoiados sobre fundações profundas, que se ergueram por si mesmas. Adiante, ainda mais distante que o Caos sombrio, longe de todos os deuses vivem os Titãs, enquanto os altivos aliados de Zeus estrondeante, Cotos e Giges, habitam palácios sobre o leito do Oceano. A Briaréu, por sua bravura, o ressoante Enosígeo ofereceu como esposa sua filha Cimopolea e o fez seu genro.

TIFÃO

[820-835] Depois que Zeus expulsou os Titãs do céu, a prodigiosa Geia engendrou seu filho mais jovem, Tifão, em união amorosa com Tártaro, por obra da dourada Afrodite. Ele tinha as mãos sempre prontas para feitos colossais, e os pés incansáveis de um poderoso deus. De seus ombros nasciam cem cabeças de serpente, de víboras terríveis, expelindo suas negras línguas. Nas assombrosas cabeças, os olhos, entre as pálpebras, faiscavam como fogo. Em todas elas ardia a chama de seu olhar. E em todas

aquelas assombrosas cabeças havia vozes a lançar diferentes e indescritíveis sons: às vezes gritavam de um modo que só os deuses compreendiam, outras vezes bramiam como um touro em ingovernável fúria, ou rugiam como um leão de ânimo impiedoso, ou faziam como os cães, um assombro de ouvir. Outras vezes silvavam e os altos montes repetiam seus ecos⁷⁴.

[836-843] Naquele dia, se o pai dos homens e deuses não o tivesse subitamente avistado e trovejado com intenso fragor, suas ações seriam invencíveis e ele teria reinado sobre mortais e imortais. A terra ao seu redor retumbou horivelmente, assim como no alto o amplo céu e também o mar, as correntes do Oceano e as profundidades do Tártaro. O elevado Olimpo tremeu sob seus pés imortais, e toda a terra gemeu com o ímpeto do deus.

TIFONOMAQUIA

[844-852] No Pontos violáceo penetrava o calor dos combatentes, dos trovões, dos relâmpagos, do fogo expelido pelo prodigioso ser, dos ventos furiosos e dos raios fulminantes. Ferviam toda a terra, o céu e o mar. Enormes ondas se lançavam violentamente sobre os promontórios, e o arrojo dos imortais produzia tremores incessantes ao seu redor. Por causa do estrépito e do terrível combate, tremia Hades, o que reina sobre os mortos nas profundezas, e também os Titãs, no fundo do Tártaro, ao redor de Crono.

[853-868] Cheio de furor, Zeus pegou suas armas — o trovão, o relâmpago e o flamejante raio — e saltou do Olimpo, fulminando todas as divinas cabeças do horrendo assombro. Quando o venceu, fustigando-o com seus golpes, ele caiu mutilado, fazendo gemer a prodigiosa Geia. Assim que o deus tombou fulminado, as labaredas que dele se desprenderam jorraram pelos escuros e escarpados vales das montanhas. E uma vasta extensão da terra prodigiosa ardeu com as chamas divinas, derretendo-se como o estanho aquecido pela arte dos homens em um crisol perfurado, ou o muito resistente ferro, quando nos barrancos das montanhas, vencido pelo fogo ardente, funde-se no chão divino, sob as mãos de Hefesto. E assim, com a

chama do fogo abrasador, derretia-se a terra. Então, com arrebatado ânimo Zeus o arrojou ao profundo Tártaro.

FILHOS DE TIFÃO

[869-880] De Tifão vem o furor dos ventos que sopram úmidos, exceto Notos, Bóreas e o ligeiro Zéfiro. Esses ventos procedem dos deuses e são de grande valia para os mortais. Os outros, todavia, os que sopram sobre o Pontos nevoento, ao se lançarem enfurecidos sobre as águas sombrias em destruidora tormenta, trazem danos terríveis para os mortais. Eles sopram em várias direções, destroem as naves e fazem perecer os navegantes. Aqueles que os encontram sobre o Pontos não podem escapar desse mal. E sobre a infinita terra florida, em intensos turbilhões, eles destroem os belos campos dos homens nascidos do chão, enchendo tudo de poeira.

FILHOS DE ZEUS COM DEUSAS

[881-885] Quando os venturosos deuses encerraram as investidas na luta contra os Titãs pela disputa por honras, guiados pelos conselhos de Geia eles pediram a Zeus Olímpico, de ampla visão, que tomasse o poder e reinasse sobre os imortais. E ele então, com justiça, dividiu as honras entre os deuses.

[886-900] Zeus, soberano dos deuses, primeiro se uniu a Métis, a mais sábia dos deuses e homens mortais. Porém, quando ela estava para dar à luz Atena, a deusa de olhos brilhantes, Zeus enganou-a com o ardil de sedutoras palavras e a engoliu, seguindo os conselhos de Geia e do estrelado Urano. E foi isso o que ambos lhe recomendaram, para que nenhum outro dos deuses eternos tivesse a honra real, em lugar de Zeus, pois era destino que de Métis nascessem filhos de muita sabedoria. Primeiro a virgem de olhos penetrantes, Tritogênia⁷⁵, que se assemelhava ao pai na força e no conselho prudente; depois, dela nasceria um filho, soberano de

deuses e homens, de admirável prudência. Mas Zeus a engoliu antes, para que a deusa, em seu ventre, lhe indicasse sempre o bem e o mal.

[901-906] Em seguida, desposou a brilhante Têmis, gerando as Horas: Eunômia, Diké e a florescente Irene, que cuidam dos labores dos homens mortais. Depois ela pariu as Moiras, a quem o prudente Zeus outorgou a máxima honra: Cloto, Láquesis e Átropos, que concedem felicidade ou infortúnios aos homens mortais.

[907-911] E Eurínome, filha de Oceano, de encantadora beleza, sua terceira esposa, gerou as Cárites de formosas faces: Aglaia, Eufrosina e a graciosa Tália. De seus olhos brilhantes flui o amor que enfraquece os membros, e belo é o brilho cintilante de seu olhar sob os cílios.

[912-914] Também entrou no leito de Deméter, a nutridora, que deu à luz Perséfone, de alvos braços, arrebatada de sua mãe por Edoneos⁷⁶ com o conhecimento do prudente Zeus.

[915-917] Mnemósina, de formosos cabelos, também foi amada por Zeus. E dela nasceram as nove Musas, coroadas de ouro, que apreciam as festas e o prazer do canto.

[918-920] Unida amorosamente a Zeus, o portador da Égide, Leto gerou Apolo e Ártemis, a flechadora. Uma prole admirável, que se distingue dentre todos os descendentes de Urano.

[921-923] Por fim, ele tomou por esposa a florescente Hera, que deu à luz Hebe, Ares e Ilítia, unida em amor ao soberano dos deuses e dos homens.

[924-929] E ele mesmo, de sua própria cabeça, deu à luz Atena, a de olhos penetrantes, terrível e infatigável guerreira, que aprecia os combates, as guerras e as batalhas. Cheia de ira, para desafiar o esposo, Hera, sem unir-se a Zeus, deu à luz o ilustre Hefesto, que sobressai por suas artes dentre todos os descendentes de Urano.

ANFITRITE E POSÍDON

[930-932] De Anfitrite e do ressoante Enosígeo⁷⁷ nasceu o terrível Tritão, grande e violento, que habita palácios de ouro, com a mãe e o soberano pai, nas profundezas do mar.

AFRODITE E ARES

[933-937] Com Ares, perfurador de escudos, Citereia engendrou os terríveis Fobos e Deimos, que ao lado de Ares, o destruidor de muralhas, rompem as compactas falanges de guerreiros na horrenda guerra. Também deu à luz Harmonia, a quem o valente Cadmo desposou.

OUTROS FILHOS DE ZEUS

[938-939] Maia, a filha de Atlas, após subir ao leito sagrado de Zeus, gerou o ilustre Hermes, mensageiro dos deuses imortais.

[940-942] Sêmele, filha de Cadmo, unida em amor a Zeus, gerou um esplêndido filho, o alegre Dioniso — um imortal, sendo ela mortal. Agora, porém, ambos são deuses.

[943-944] Alcmena engendrou o poderoso Héracles, unida em amor a Zeus, o que reúne as nuvens.

UNIÕES ENTRE DEUSES

[945-946] Hefesto, o muito ilustre deus coxo, tomou Aglaia, a mais jovem das Cárites, como sua florescente esposa⁷⁸.

[947-949] Dioniso, o de dourados cabelos, fez da loura Ariadne, filha de Minos, sua florescente esposa. E o filho de Crono tornou-a imortal e jovem para sempre.

[950-955] E Héracles, o destemido filho de Alcmena, a de belos tornozelos, depois de cumprir seus dolorosos trabalhos fez de Hebe — filha do poderoso Zeus e de Hera de douradas sandálias — sua venerável esposa, sobre o nevado Olimpo. Concluída sua grande empresa, ele habita feliz entre os imortais, sem sofrimentos e sem velhice para todo o sempre.

[956-962] Com o infatigável Hélios, a ilustre Oceânida Perse gerou Circe e o rei Eetes⁷⁹. E o filho de Hélios, que ilumina aos mortais, Eetes, por vontade dos deuses desposou Idíia, de bela face, filha do Oceano, o rio circular. Esta, subjugada ao seu amor, gerou Medeia, de belos tornozelos⁸⁰, por obra da dourada Afrodite.

[963-964] E agora, saúdo a vós, habitantes das moradas olímpicas, e também de ilhas, continentes e das águas do salgado Pontos⁸¹.

CATÁLOGO DOS HERÓIS

[965-968] Musas olímpicas de doces palavras, filhas de Zeus portador da Égide, cantai a linhagem das deusas que, sendo imortais, uniram-se a homens mortais, engendrando filhos semelhantes aos deuses.

[969-974] Deméter, divina entre as deusas, em um campo três vezes arado, na fértil terra de Creta, uniu-se amorosamente a Iasião e concebeu Pluto. Esse deus benfeitor percorre toda a terra e o vasto dorso do mar. A todo aquele que encontra e toma em seus braços, faz dele um homem rico, concedendo-lhe sorte e grande opulência.

[975-978] Cadmo e Harmonia, filha da dourada Afrodite, geraram Ino, Sêmele, Agave de formosas faces, Autônoe — que desposou Aristeu de abundante cabeleira — e Polidoro na ricamente coroada Tebas.

[979-983] Calírroe, filha de Oceano, uniu-se ao intrépido Crisaor — por meio do amor da muito adorada Afrodite — e gerou um filho, o mais forte de todos os mortais — Gerião —, a quem o vigoroso Héracles matou por causa dos bois de passos ondulantes, em Eriteia cercada pelo mar.

[984-991] De Titono, Eos gerou o rei dos etíopes, Memnon, de elmo de bronze, e o soberano Ematión. Depois, de Céfalo ela teve um filho admirável, o poderoso Faetonte, homem semelhante aos deuses. E este, ainda jovem, na tenra flor de gloriosa juventude, foi arrebatado por Afrodite, a que ama o riso. Ela o levou a seu sagrado templo e fez dele um espírito divino⁸², guardião de seu santuário.

[992-1002] Por vontade dos deuses eternos, o filho de Esão levou a filha de Eetes, rei descendente de Zeus, após cumprir as árduas provas impostas pelo poderoso e soberbo rei, o insolente Pélias, astuto e cruel. Realizadas as provas, depois de muito penar, o filho de Esão voltou a Iolco, levando a jovem de olhos vivazes em sua nave veloz, e fez dela sua florescente esposa. Submetida a Jasão, pastor de homens, ela gerou um filho: Medeio⁸³, criado nos montes por Quirão, filho de Filira. E assim se cumpriu o plano do grande Zeus.

[1003-1007] Quanto às filhas de Nereu, o velho do mar: Psámate, divina entre as deusas, deu à luz Foco, unida em amor a Éaco; submetida a Peleu, por obra da dourada Afrodite, a deusa Tétis de argênteos pés gerou Aquiles de ânimo leonino, o destruidor de hostes.

[1008-1010] E Citereia, a de bela coroa, unida em desejado amor ao herói Anquises, gerou Eneias nos cumes do abrupto Ida⁸⁴ açoitado pelos ventos.

[1011-1016] Circe, a filha de Hélio Hiperiônida⁸⁵, em amor com o prudente Odisseu gerou Ágrio e Latino, irrepreensível e poderoso⁸⁶. Por obra da dourada Afrodite, também deu à luz Telégono. E bem distante, no interior das ilhas sagradas, eles reinaram sobre os muito ilustres tirrenos⁸⁷.

[1017-1018] Calipso, divina entre as deusas, gerou Nausítoo e Nausínoo, unida em desejado amor a Odisseu.

[1019-1020] Essas imortais uniram-se a homens mortais e deram à luz filhos semelhantes aos deuses.

PROÊMIO AO CATÁLOGO DE MULHERES

[1021-1022] E agora, cantai a linhagem das mulheres, Musas olímpicas de doce voz, filhas de Zeus, portador da Égide⁸⁸.

¹ A primeira palavra que aparece no texto grego é “Musas” (*Μουσάων* ‘*Ελικωνιάδων αεχώμεθ’ αείδειν*), numa invocação à presença e ao poder dessas divindades, cultuadas em várias regiões da Grécia. Seus santuários mais antigos estavam localizados em Piéria, o lugar de seu nascimento, segundo a tradição, e no Vale das Musas, ao pé do Monte Helicon, na Beócia — terra natal do poeta Hesíodo —, um local também consagrado a Apolo. O epíteto “heliconíades”, aplicado às Musas, refere-se ao Monte Helicon.

² O termo Crônida (*Κρονίδης*) refere-se a Zeus (*Ζεύς*), filho de Crono e Geia, e pode ser traduzido como: “o filho de Crono”.

³ O Permesseo (*Περμησσοίο*) é um córrego que nasce no Monte Helicon. Suas águas encontram-se com as de um pequeno rio da Beócia, o Olmeio, também citado por Hesíodo como um dos lugares frequentados pelas Musas. Quanto à Fonte do Cavalo, segundo uma lenda antiga, foi um coice do cavalo Pégaso que a fez brotar no alto do Helicon.

⁴ O uso de epítetos, palavras que são acrescentadas aos nomes dos deuses para qualificá-los, é uma recorrência na poesia oral. Na *Teogonia*, Hesíodo descreve Zeus como “αιγιόχοιο” (o portador da Égide), numa referência ao escudo feito pelo Crônida com a pele da cabra Almateia, que o amamentou no Monte Ida, para onde foi levado logo ao nascer.

⁵ O epíteto γλαυκῶπις, que acompanha o nome da deusa Atena, é frequentemente traduzido como “olhos glaucos”, ou ainda, “olhos de coruja”. Em grego, a origem etimológica da palavra “coruja” (γλαύξ / *gláuks*) é a mesma do termo “brilhante”, provavelmente pela capacidade que tem essa ave de enxergar à noite, ou ainda pelo brilho de seus olhos. A coruja, símbolo de sabedoria, era a ave consagrada a Atena.

⁶ O termo Εννοσιγχείου (*Enosígeo*), que surge como epíteto de Posídon (*Ποσειδάων*), pode ser compreendido como “o que faz tremer a terra”. Ao atribuí-lo ao senhor das águas da superfície e dos subterrâneos, Hesíodo indica o poder desse deus de desencadear terremotos.

⁷ Esse epíteto de Afrodite (*Αφροδίτη*) relaciona-se, possivelmente, à coqueteria dessa divindade, filha do sêmen de Urano, nascida da espuma do mar e cultuada como deusa do amor e da fecundidade.

⁸ Nesse ponto o poeta se refere a Hesíodo como se não falasse de si, mas de outro aedo.

⁹ Esse provérbio de sentido exato duvidoso pode ser interpretado como: “por que demorar em assuntos irrelevantes?”

¹⁰ O Olimpo é a mais alta montanha da Grécia, na região da Tessália. Os antigos gregos acreditavam que os deuses viviam em seu cume.

¹¹ Muitas edições excluem esse verso, que se refere à homenagem feita pelas Musas a Zeus, pai dos deuses, no início e no final de seus cantos, por considerá-lo interpolado posteriormente.

¹² Piéria (Πιερία) é uma região da Macedônia, ao norte do Monte Olimpo, onde as Musas tinham um antigo santuário, juntamente com sua mãe, a deusa Mnemósina.

¹³ As colinas de Eleuter ficam na Beócia.

¹⁴ O termo βασιλέων (basileus), aqui traduzido por “reis”, diz respeito aos representantes da aristocracia rural que nos tempos de Hesíodo administravam a justiça, decidindo os litígios como os juízes de hoje. Em *Trabalhos e dias* são chamados pelo poeta de “devoradores de presentes”.

¹⁵ A ágora (αγορά) era uma assembleia do povo, mas o termo se aplicava igualmente às praças onde se realizavam essas assembleias. Na ágora, ao ar livre, ocorriam os julgamentos públicos e também as feiras dos camponeses, que levavam ao local suas mercadorias para vender ou trocar.

¹⁶ O deus Apolo e as Musas presidiam a arte dos aedos que cantavam ao som da cítara. O epíteto ἐκηβόλου (o que desfere golpes), atribuído a Apolo, refere-se, provavelmente, ao caráter vingativo do deus e ao poder de seus golpes mortais.

¹⁷ Na cosmogonia de Hesíodo, a Terra é imaginada com forma arredondada, semelhante a um seio, e circundada pelo deus Oceano, o rio-serpente sobre o qual ela flutua. Hesíodo refere-se a Geia como “firme sustento de tudo” por suportar sobre si o peso das montanhas, dos rios e de todos os seres animais e vegetais.

¹⁸ As montanhas são símbolos de transcendência e espaço de manifestação do sagrado. No Monte Olimpo, na Grécia continental, estava a morada dos deuses; no Monte Ida, na Ilha de Creta, Zeus foi escondido por sua mãe, logo ao nascer; os Montes Helicon e Parnaso eram frequentados pelas Musas.

¹⁹ Ligadas à terra e às águas, as Ninfas (Νυμφέων) eram divindades secundárias que simbolizavam a força geradora da natureza.

²⁰ Na *Teogonia* Hesíodo descreve duas formas de procriação: ou pela união amorosa de um casal de deuses, ou pela ação de uma única divindade, como Geia, que sozinha gerou o céu, as montanhas e o mar.

²¹ Segundo antiga crença popular, comum a todos os povos antigos, era temível pronunciar o nome de certos deuses, especialmente das divindades ligadas aos mundos subterrâneos. Por isso, Hesíodo evita o nome de Posídon, Hefesto, Hades e Perséfone, referindo-se a eles por epítetos. Os filhos de Geia e Urano “não nomeáveis” são os chamados Hecatonquiros: Cotos, Briaréu e Giges.

²² O termo *adamanto* (ἀδάμαντος) tem origem no verbo domar (δαμασμός), significando, literalmente, “indomável”. Aparece no verso 161 traduzido por “pedra dura”, pois, possivelmente, o poeta se refere às pedras utilizadas desde o neolítico para o entalhe de ferramentas. A expressão “duro aço”, presente nas traduções mais tradicionais, remete a uma liga metálica moderna inexistente no tempo de Hesíodo, que conhecia apenas o ferro (σίδηρος). Não atende, portanto, à ideia expressa no texto.

²³ A Ilha de Citera fica ao sul do Peloponeso, e lá se erguia um dos mais antigos santuários de Afrodite.

²⁴ Chipre (Κύπρον) é uma grande ilha situada no Mediterrâneo. Suas minas de cobre foram largamente exploradas durante a Idade do Bronze, o que deu origem ao termo latino “cuprum” para designar o cobre. Afrodite era uma das principais divindades cultuadas na ilha.

²⁵ O epíteto *Filomedeia* (Φιλομμηδέα) de Afrodite, que pode ser traduzido por “amor dos genitais”, diz respeito à sua origem.

²⁶ O termo Titã (Τιτάν) poderia ser da mesma família de Τίταξ, que significa “rei”.

²⁷ Moira (Μοῖρα), Quere (Κηρες) e Tânatos (Θάνατος) são três diferentes aspectos da morte. Moira é o quinhão de vida que cabe a cada um, o destino que conduz inevitavelmente à morte. Quere liga-se ao daímon, o gênio pessoal, e à morte violenta, enquanto Tânatos é a divindade masculina, alada, que personifica a morte.

²⁸ Os Sonhos (Oneiron / Ονειρώων) são filhos de Nix, a Noite, ou de Hipno, segundo outra versão.

²⁹ Personificação da Velhice, Guéras (Γηράς) foi gerada por Nix sem a ajuda de nenhum parceiro.

³⁰ Os filhos de Éris citados por Hesíodo são: Pónos (Πόνον), que personifica a Fadiga; Lete (Λήθην), o Esquecimento; Limós (Λιμόν), a Fome, e Algos (Αλγες), as Dores.

³¹ Euríbia personifica a força das águas do mar, que corrói a dureza das rochas nos litorais.

³² Em Hesíodo, as Harpias (Αρπυιάς) eram duas: Aelo, a Tempestade, e Ocípete, a Veloz. Posteriormente, os poetas acrescentaram uma terceira, denominada Celeno.

³³ Hesíodo indica apenas duas Greias (Γραῖας): Ênio e Penfredo. Posteriormente, acrescentou-se Dino, uma terceira irmã. Embora chamadas de “belas” por Hesíodo, outra versão mítica as descreve como velhas horrendas, com um único olho e um único dente, dos quais se serviam alternadamente.

³⁴ O epíteto Κυανοχαίτης, literalmente “crina-azul”, se refere a Posídon, o deus dos mares, que não é nomeado quando se mostra em sua face ameaçadora, temível para os navegantes.

³⁵ O nome do gigante Crisaor (Χρυσάωρ), filho de Medusa e Posídon, deriva do termo “ouro” (χρυσάφι) e diz respeito à espada de ouro com a qual o gigante veio ao mundo.

³⁶ Tirinto era uma antiga cidade micênica cercada por altas muralhas, no sul da planície de Argos.

³⁷ Os árimos eram etruscos que habitavam a região de Pithecusa, entre a Lídia e a Frígia.

³⁸ O termo Hades (Αΐδευ), nesse trecho, não se refere ao deus, mas aos seus domínios, que recebiam o mesmo nome de seu soberano. Na *Ilíada* Homero localiza o Hades no extremo ocidente, além do Rio Oceano, que, segundo as concepções da época, circundava a terra. Algum tempo depois, os poetas passaram a descrever o Hades como um espaço subterrâneo, para onde iam as almas daqueles que haviam recebido as necessárias honras fúnebres. O Hades era separado do mundo dos vivos por quatro rios: Estige, Piriflegetonte, Cocito e Aquerone. Após serem julgadas pelos juízes infernais — Éaco, Radamanto e Minos —, as almas dirigiam-se para o local que lhes havia sido destinado: Campos Elísios, Érebo ou Tártaro.

³⁹ Como a cidade de Tebas foi fundada por Cadmo, filho de Agenor, rei da Fenícia, os tebanos eram chamados “cadmeus”.

⁴⁰ Nemeia (Νεμεία) era uma região da Argólida, cujos rebanhos estavam sendo dizimados pelo leão invulnerável, filho de Équidna e Ortro. A destruição do Leão de Nemeia foi o primeiro dos doze trabalhos de Hércules (Hércules), e para perpetuar o feito heroico de seu filho, Zeus transformou o animal em uma constelação.

⁴¹ Trata-se de Ladão, um dragão de cem cabeças que ajudava as Hespérides, ninfas do poente, a guardar os pomos de ouro do jardim dos deuses.

⁴² Segundo Lloveras, os Rios Nilo (Egito), Fásis (margem leste do Mar Negro) e Erídano (Rio Pó, Itália) representavam os limites do mundo conhecido na Antiguidade. Aqueloo, Peneo, Alfeu, Haliácmon, Ládon e Eveno são rios gregos. Meandro, Hermo e Calco são da Ásia Menor. Estrímon e Nesso, da Trácia. Escamandro, Simunte, Esepo, Reso, Rhodea, Heptáporo, Granico, são rios de Troia. Istro, Ardesco, Partênio e Sangário, da região do Mar Negro.

⁴³ O nome de algumas dessas ninfas deriva de regiões como Europa, Ásia, Dóris (Dória) ou Ianira (Jônia). Outras sugerem as características dos cursos d'água sob seu domínio: Xante é “turva”, Anfirro é “sinuosa” e Ocíroo, “fluxo rápido”.

⁴⁴ O Titã Hiperíon e a Titânia Teia geraram filhos que personificam a luminosidade celeste: o Sol (Hélio), a Lua (Selene) e a Aurora (Eos).

⁴⁵ Hesíodo cita apenas três, mas eram quatro os Ventos, filhos do Titã Astreu e de Eos, a aurora: Argeste ou Euro, Zéfiro, Bóreas e Noto. Zéfiro é o vento que vem do ocidente, anunciando a primavera. Bóreas é um vento forte, vindo do norte. Noto é o vento sul, também chamado de Austro, e por trazer aguaceiros ou secura sufocante, era representado como um velho que prenunciava infortúnios. Na luta contra Zeus, o Titã Astreu lançou seus filhos contra os deuses olímpicos, e foi, por isso, transformado em um astro.

⁴⁶ Os quatro filhos gerados por Palas e Estige são: Zelo (Ζηλο), a Dedicação; Nique (Νίκη), a Vitória; Crato (Κράτος), o Poder, e Bias (Βίην), a Força.

⁴⁷ Os deuses juravam sobre as águas de Estige (Στύξ), e se quebrassem seu juramento eram severamente punidos. Alguns autores da Antiguidade atribuíam propriedades benéficas às águas de Estige, outros lhe conferiam caráter maligno.

⁴⁸ Atribui-se à Titânia Febe (Φοίβη) a instituição do Oráculo de Delfos, um presente que ofertou a Apolo, seu neto.

⁴⁹ O nome Astéria significa Estrela ou Astro (αστέρας / *asteras*).

⁵⁰ Nesse trecho, Zeus, que ainda não havia nascido, determina o destino de seu pai. A frase se refere a uma profecia, já existente, e à autoridade final da divindade olímpica, suprema também sobre os deuses das gerações anteriores.

⁵¹ As Erínias eram responsáveis pela punição dos crimes em sagrado, ou seja, aqueles cometidos entre parentes consanguíneos. Por emascular o pai e engolir os filhos, Crono deveria se submeter à punição dessas divindades.

⁵² Creta (Κρήτης) é uma grande ilha do Mediterrâneo, que abrigou uma próspera civilização, anterior à chegada dos helenos naquela região. Os cretenses mantinham um comércio ativo com várias regiões (Grécia continental, Egito, Chipre, Sicília e Ilhas Cíclades), e suas cidades mais influentes eram Cnossos e Faistos. A cultura minoica (cretense) influenciou intensamente os povos gregos do continente.

⁵³ A Oceânida Clímene, filha de Tétis e Oceano, também era chamada Ásia. Algumas lendas fazem dela mulher de Prometeu e mãe de Heleno, ancestral de todos os gregos.

⁵⁴ As características de Epimeteu (Επιμηθέας) e de seu irmão Prometeu estão expressas em seus nomes: Prometeu (o prefixo *pro* indica a ideia de anterioridade) é aquele que reflete antes de agir, enquanto Epimeteu (*epí* sugere posterioridade) só pensa depois da ação realizada. Ele é chamado de

“torpe” por ter aceitado irrefletidamente o presente enviado pelos deuses, a bela Pandora, como sua mulher.

[55](#) Primitivamente, o Érebo (Ερεβος) correspondia ao lugar mais sombrio e inacessível dos Infernos, depois passou a designar todo o Hades.

[56](#) A versão de Hesíodo sobre Atlas não é compartilhada por Homero (*Odisseia*, I, 52), que descreve o Titã sobre o mar, sustentando as colunas que separam o céu da terra.

[57](#) O herói Héracles nasceu em Tebas.

[58](#) Mecona (Μηκώνη) era o antigo nome de Sición, no Peloponeso.

[59](#) Para o grego primitivo, os desejos e sentimentos formavam-se nas entranhas.

[60](#) Hesíodo se refere aqui ao antigo costume de queimar ossos, juntamente com incenso, nos rituais de sacrifício aos deuses.

[61](#) Várias lendas sobre o fogo situam sua origem no interior das árvores, talvez pelo poder que apresenta a madeira de produzir fogo por fricção ou, simplesmente, por alimentar as chamas.

[62](#) O nome Pandora (Πανδώρα) significa “a que tem todos os dons”. Pode também ser interpretado como “o presente de todos”. Originalmente esse era um epíteto da Mãe Terra. É curioso que Hesíodo não a nomeie nos versos da *Teogonia*, referindo-se a ela apenas por epítetos.

[63](#) Trata-se do deus Hefesto (Ήφαιστος), o artesão do Olimpo, que teve as duas pernas quebradas, logo ao nascer. O epíteto (Άμφιγυῖς) poderia ser traduzido como: “coxo de ambas as pernas” ou, de acordo com Torrano, “Pés-tortos”.

[64](#) Palas era uma amiga de Atena, e foi morta acidentalmente pela mão da deusa. Após o fato, Atena incorporou o nome da amiga ao próprio nome, sendo então chamada Palas Atena (Παλλας Αθήνη).

[65](#) Pandora, o “belo mal”, foi criada pelos deuses como forma de retaliação pelo roubo de um “bem”, o fogo.

[66](#) Em troca do bem que representava o domínio do fogo, os homens receberam dos deuses, portanto, dois grandes males: a mulher e a impossibilidade de o homem ter uma descendência sem o concurso da mulher.

[67](#) Ótris (Οθρυς) é o nome de uma montanha que se ergue numa região próxima ao Monte Olimpo.

[68](#) O néctar (νέκταρ) e a ambrosia (αμβροσίη) eram alimentos dos deuses, preparados à base de mel, que tinham a propriedade de torná-los invulneráveis, eternamente jovens e imortais.

[69](#) Pontos, o mar, é chamado “infecundo” por não ser cultivável como a terra e, também, pelo poder do sal de tornar árido o terreno onde é lançado.

[70](#) Hesíodo reúne em um mesmo ponto, nas profundezas, as divindades primordiais, a primeira geração de deuses: Geia, Tártaro, Pontos e Urano.

[71](#) Nix e Hêmëra, a Noite e o Dia, embora residindo juntas jamais permanecem sob o mesmo teto, porque quando uma entra em sua morada, a outra sai.

[72](#) Trata-se do cão Cérbero, filho de Équidna e Tifão.

⁷³ A ideia de o deus Oceano refluir “em si mesmo” pode ser compreendida pela concepção dessa divindade, tida como um grande rio circular que circundava a terra e os mares.

⁷⁴ Hesíodo ressalta o aspecto terrível da última prova que Zeus deverá vencer para que possa assumir o poder sobre deuses e homens. O mito de Tifão apresenta curiosos paralelos com o poema mesopotâmico *Enuma Elish*, que, possivelmente, chegou à Grécia no período micênico.

⁷⁵ Esse epíteto da deusa Atena, “Tritogênia” (Τριτογένεια), refere-se à tradição que indica como local de seu nascimento as margens do Rio Tritão.

⁷⁶ O epíteto do deus Hades, “Edoneos” (Αἰδωνεύς), refere-se aos domínios dessa divindade, as regiões subterrâneas, que também são chamadas “Hades”.

⁷⁷ Sobre o epíteto de Posídon, “Envoosiγáιου” (Enosígeo), ver nota 6.

⁷⁸ Há muitas variantes sobre os amores de Hefesto, o deus das forjas, do fogo e dos trabalhos artesanais. A versão mais conhecida faz de Afrodite a infiel esposa desse deus.

⁷⁹ Em outra variante, além de Circe e Eetes, também são filhos de Hélio e de Perse: Pasífae, que esposou Minos em Creta, e Perses, que reinou sobre a Táurida e depois usurpou o trono de seu irmão Eetes, na Cólquida.

⁸⁰ Na versão de Hesíodo, Medeia (Μήδειαν) é filha de Eetes e Idíia. Há, porém, uma variante que faz dela filha da deusa Hécate.

⁸¹ Para alguns pesquisadores da obra hesiódica, esses versos concluem o texto de Hesíodo, que propõe, no começo de sua obra, saudar as Musas no início e no fim do canto. O que se segue teria sido acrescentado posteriormente.

⁸² O termo aqui traduzido por “espírito” (δαίμον) refere-se aos *daímones* (δαίμονες), entidades incorpóreas que atuavam como intermediárias entre os homens e os deuses. A sorte, ou fortuna, de cada ser humano permanecia sob os cuidados de um *daímon*, que exercia a função de gênio tutelar. Em *Trabalhos e dias* (v. 306-316) Hesíodo usa o mesmo termo (δαίμονι) para referir-se à sorte, à fortuna que por destino o homem recebe ao nascer.

⁸³ Outra variante conta que Medeia e Jasão tiveram dois filhos: Feres e Mérmero. Acusados de terem levado as filhas do velho rei Pélias a matar o próprio pai, Medeia e Jasão foram exilados em Corinto. Lá o rei Creonte ofereceu sua filha Creúsa a Jasão, sob a condição de que ele repudiasse a esposa. Medeia se vingou provocando a morte de Creúsa e Creonte. Matou também os filhos que tivera com Jasão e fugiu para Atenas.

⁸⁴ O Monte Ida (Ιδης) fica numa cordilheira ao sul da Frígia, próximo a Troia. Há outra montanha que recebe esse nome na região central de Creta. Uma tradição aponta o Ida cretense como o local do nascimento de Zeus.

⁸⁵ O termo Hiperiônida (Ύπεριονίδα) significa “filho de Hiperíon”.

⁸⁶ Os filhos que nasceram da união de Circe com Odisseu, Ágrío e Latino, reinaram sobre povos da península itálica.

⁸⁷ Os tirrenos ou etruscos habitavam a costa do Mar Tirreno, em uma região chamada pelos gregos “Tirrênia” ou “Etrúria”. Trata-se da região onde se desenvolveu a cultura latina.

⁸⁸ Esse trecho é a introdução do catálogo das mulheres, que os antigos atribuíam a Hesíodo.

TRABALHOS E DIAS

PROÊMIO

[1-6] Musas Piérias¹, vós que glorificais com vosso cantar, vinde honrar a Zeus, exaltando com hinos o vosso pai. Pela graça do grande Zeus, por sua vontade, os homens mortais são obscuros ou famosos, sábios ou ignorantes. Facilmente ele dá força ao fraco e facilmente ao forte enfraquece; facilmente rebaixa o ilustre e engrandece o ignorado; facilmente ergue o curvado e facilmente verga o arrogante.

[7-10] Zeus que troveja nas alturas e habita as excelsas moradas, com os olhos e os ouvidos atentos, promovei a justiça com sentenças corretas. Eu devo falar a Perses² sobre coisas verdadeiras.

[11-26] Não há um gênero único de Éris³, visto que sobre a terra duas elas são. Aquele que as compreendesse, a uma ele louvaria e, em troca, amaldiçoaria a outra, pois elas diferem em sua natureza. Uma delas intensifica os combates da guerra nefasta e cruel. Não é amada por nenhum dos mortais, que só por necessidade, por vontade dos imortais, honram a Éris opressora. A outra foi a primeira gerada por Nix, a tenebrosa. O filho de Crono, que no Éter assenta o seu trono e habita, colocou-a nas raízes da terra e a fez bem melhor para os homens. Ela incita ao trabalho o preguiçoso, que deseja trabalhar quando vê rico a outro que se esforçou em arar, semear e em fazer prosperar sua casa. E assim, o vizinho compete com o vizinho que se empenha em fazer fortuna. Essa Éris é boa e proveitosa para os homens mortais. O oleiro disputa com o oleiro, o construtor com o construtor, o pobre disputa com o pobre, e o aedo disputa com o aedo⁴.

[27-41] Oh, Perses! Guarda isto em teu íntimo: que a Éris malévola não afaste o teu ânimo do trabalho, levando-te para acompanhar com ouvido atento as discussões na ágora. Pouco interesse há em ouvir discursos para aquele que não tem em casa, armazenada no tempo certo, abundante

colheita daquilo que a terra oferece: o grão de Deméter. Pois só se tiveres fartas reservas é que poderás promover disputas e discórdias sobre os bens de outros. Não haverá, contudo, uma segunda vez para que assim tu possas agir! Decidamos nossa disputa com sentenças justas, aquelas que por virem de Zeus são as melhores. Já repartimos nossa herança e tu levaste a maior parte, subornando os reis devoradores de presentes⁵ que se dispõem a praticar essa espécie de justiça. Tolos! Não sabem o quanto a metade vale mais que o todo⁶, nem o grande proveito que há na malva e no asfódelo⁷.

PROMETEU E PANDORA

[42-46] Os deuses mantêm oculto dos homens o sustento da vida. Se assim não fosse, facilmente trabalharias em um só dia produzindo o necessário para um ano inteiro, podendo então permanecer ocioso. Logo colocarias o leme sobre o fumeiro da casa⁸ e se findaria o trabalho dos bois e das pacientes mulas.

[47-52] Zeus, porém, irado em suas entranhas, o escondeu⁹ depois de ter sido enganado por Prometeu, o de mente tortuosa. Por causa disso preparou tristes inquietações para os homens e lhes ocultou o fogo. Uma vez mais, entretanto, o nobre filho de Jápeto roubou-o do ardiloso Zeus para dá-lo aos homens mortais. Ele o escondeu de Zeus, aquele que se compraz com o raio, no oco da haste de uma férula¹⁰.

[53-59] Cheio de cólera, disse Zeus, o que reúne as nuvens: “Filho de Jápeto, que por teus ardis te destacas sobre todos os demais. Tu que te alegras pelo roubo do fogo e por haver enganado o meu espírito. Grande praga virá para ti e para os homens futuros! Em troca do fogo enviarei um mal com o qual todos se alegrarão, comprazendo-se em seu íntimo com sua própria desdita”.

[60-69] Assim disse o pai de homens e deuses, com uma gargalhada. E então mandou o muito ilustre Hefesto misturar rapidamente terra com água e ali pôr voz e força humanas, modelando uma bela e encantadora forma

virginal, cujo rosto se assemelhasse ao das deusas imortais. Ordenou a Atena que lhe ensinasse seus intrincados¹¹ trabalhos de tecelagem. À dourada Afrodite coube verter sobre sua cabeça a graciosidade, o cruel desejo e os encantos que esgotam os membros. E encarregou Hermes, o mensageiro Argifonte¹², de nela pôr um espírito cínico e um caráter dissimulado. Assim determinou o soberano Zeus, filho de Crono, e todos o obedeceram.

[70-85] Rapidamente o ilustre Pés-tortos modelou da terra, como havia sido ordenado pelo Crônida, imagem semelhante a uma casta jovem, que foi cingida e adornada por Atena, a de olhos brilhantes. As Cárites e a soberana Peito colocaram em torno de seu pescoço colares de ouro. As Horas, de belas cabeleiras, a coroaram com flores da primavera. Palas Atena enfeitou seu corpo com toda espécie de adorno, e, então, o mensageiro Argifonte engendrou em seu peito mentiras, palavras sedutoras e um caráter dissimulado, por vontade de Zeus, o que estrondosamente ressoa. O arauto dos deuses infundiu-lhe a fala e deu a essa mulher o nome Pandora — porque todos os que habitam as moradas olímpicas concederam-lhe um dom —, desgraça para os homens que se alimentam de pão. E assim que finalizou o árduo e invencível ardil, o Pai enviou o ilustre Argifonte, veloz mensageiro, levando o presente dos deuses a Epimeteu.

[86-89] Sem pensar naquilo que Prometeu lhe dissera: que jamais deveria aceitar um presente de Zeus Olímpico, mas enviá-lo de volta para evitar que algo maligno afligisse os homens mortais, Epimeteu recebeu o presente. E só depois de sofrer o mal foi que compreendeu.

[90-99] Antes, essa raça de humanos vivia sobre a terra, livre dos males, dos árduos trabalhos e das terríveis doenças que levam o homem à morte — pois na miséria os homens envelhecem rapidamente¹³. Mas a mulher, ao erguer a tampa do grande jarro, espalhou com suas mãos todos os males e trouxe para os homens tristes pesares. Apenas a Esperança¹⁴ restou, em indestrutível morada, abaixo das bordas do jarro. E não voou para fora

porque Pandora, por vontade do portador da Égide, Zeus, o que reúne as nuvens, repôs a tampa no jarro.

[100-105] E agora incontáveis sofrimentos erram entre os homens mortais. A terra está cheia de males e cheio deles está o mar. De dia e de noite, continuamente, as moléstias vão e vêm por si mesmas. Como o prudente Zeus lhes retirou a voz, em silêncio elas levam sofrimento aos mortais. Assim sendo, não há como escapar dos desígnios de Zeus.

[106-108] Caso tu queiras, acrescentarei novas palavras a essas. Sabiamente, guarda-as bem em teu peito: da mesma origem criaram-se os deuses e os homens¹⁵.

A RAÇA DE OURO

[109-120] Antes de tudo, os imortais que habitam as moradas olímpicas criaram de ouro a raça dos homens mortais. Esses homens, do tempo em que Crono reinava no céu, viviam como deuses, sem preocupações em seu íntimo, longe dos infortúnios e dos sofrimentos. Não lhes pesava a terrível velhice e, com a mesma força nos pés e nas mãos, livres de todos os males, deleitavam-se em festins. Morriam como se tomados pelo sono e desfrutavam da totalidade dos bens. A fecunda terra, generosamente, por si mesma produzia frutos em abundância, e eles, contentes e em paz, nutriam-se de suas copiosas dádivas: eram ricos em rebanhos e amados pelos deuses bem-aventurados.

[121-126] Depois que a terra cobriu essa geração, pela vontade divina eles se tornaram benéficas divindades terrenas¹⁶, guardiãs dos homens mortais, por desígnios do poderoso Zeus. Vestidos de névoa eles vagam por todos os lugares da terra, distribuindo riquezas, uma vez que a sua honra foi a mesma dos reis¹⁷.

A RAÇA DE PRATA

[127-142] Então os que habitam as moradas olímpicas criaram uma segunda raça, muito inferior, de prata, que em nada se assemelhava à de ouro, nem no aspecto, nem nos gestos. Durante cem anos os filhos permaneciam ao lado da mãe protetora e se desenvolviam brincando infantilmente em sua casa. Quando cresciam, porém, chegando ao limiar da adolescência, viviam pouco tempo e em grande sofrimento por causa de sua insensatez, pois não podiam conter em si os loucos excessos. E também não queriam servir aos imortais nem sacrificar nos sagrados altares dos bem-aventurados, o que é uma obrigação dos homens segundo a tradição. Então Zeus, o filho de Crono, tomado de cólera, os ocultou por não honrarem os deuses bem-aventurados que habitam o Olimpo. Depois que a terra cobriu essa raça, os homens mortais os chamaram de bem-aventurados dos subterrâneos¹⁸. Embora inferiores, eles ainda assim são acompanhados por honras.

A RAÇA DE BRONZE

[143-149] E Zeus, o Pai, criou do bronze uma terceira raça de homens mortais que em nada se assemelhava à de prata. Nascida dos freixos¹⁹, ela era terrível e forte, mas somente se ocupava de violências e das lamentáveis obras de Ares. Esses homens não comiam trigo, e indomável era o seu obstinado coração. A imensa força dos inúmeros braços, que se projetavam de seus ombros sobre os robustos membros, tornava-os invencíveis.

[150-155] Suas armas eram de bronze e de bronze suas casas. Trabalhavam com o bronze, pois não havia o negro ferro. Depois de sucumbirem por suas próprias mãos, dirigiram-se, anônimos, à úmida morada do temível Hades. Por mais terríveis que fossem, a negra morte os apanhou e eles deixaram a brilhante luz do sol.

A RAÇA DOS HERÓIS

[156-160] Assim que a terra cobriu também essa raça, Zeus, o filho de Crono, criou outra, a quarta sobre a fecunda terra. Era mais justa e virtuosa a raça divina de homens heróis chamados semideuses, a geração que nos antecedeu sobre a terra infinita.

[161-166] Alguns pereceram na guerra cruel, em luta terrível. Outros, junto a Tebas de Sete Portas, na terra cadmeia²⁰, morreram combatendo pelos rebanhos de Édipo. Os demais foram levados para Troia²¹, sobre o grande abismo do mar, por causa de Helena de belos cabelos. E ali a morte os envolveu.

[167-173] A alguns, porém, Zeus Crônida, o Pai, concedeu vida e morada nos confins da terra, longe dos homens. Lá eles vivem com o coração tranquilo, na Ilha dos Bem--aventurados²², junto ao Oceano de profundos redemoinhos. São os afortunados heróis, para os quais a generosa terra oferece, três vezes por ano, doces frutos em abundantes colheitas. Longe dos deuses imortais, Crono reina sobre eles e com igual honra e glória lá permanece, pois o Pai de homens e deuses o libertou. E Zeus, o que tudo vê, criou a quinta raça de homens, a que agora existe sobre a terra fecunda.

A RAÇA DE FERRO

[174-179] Quem me dera não ter de viver entre os homens da quinta raça. Melhor seria se houvesse morrido antes ou nascido depois, porque agora é a raça de ferro. Nunca deixarão de trabalhar e de sofrer durante o dia, definhando à noite. Os deuses lhes darão pesadas angústias, e para eles os bens virão misturados aos males.

[180-194] Mas Zeus também destruirá essa raça de homens mortais, assim que eles nasçam com as têmporas grisalhas²³. Nem o pai concordará com seus filhos, nem os filhos com o pai. Nem os hóspedes com o hospedeiro, nem os companheiros com o companheiro. Irmão não estimará irmão, como era antes, e os filhos desonrarão seus pais. Irão insultá-los,

assim que ficarem velhos, repreendendo-os com palavras ásperas e cruéis. Eles não retribuirão aos pais idosos os alimentos recebidos e, sem se importarem com o olhar dos deuses, tomarão a lei nas mãos, e um saqueará a cidade do outro. Não obterá favor algum aquele que cumpre seus juramentos, nem o justo, nem o bom. Mais honras receberam o insensato e o malfeitor. A justiça estará na força, e o respeito não existirá. O ignóbil lesará o mais nobre, proferindo palavras mentirosas e confirmando-as sob juramento. Todos os desafortunados homens serão acompanhados pela inveja maledicente que se alegra com o mal alheio, e pelos olhares maliciosos.

[195-201] Então, Aidos²⁴ e Nêmesis envolverão o belo corpo deles em alvos véus e partirão da terra de vastos caminhos. Irão juntar-se à estirpe dos imortais, no Olimpo, abandonando os homens e deixando apenas tristes sofrimentos para os mortais. E nenhuma defesa restará contra o mal.

FÁBULA DO FALCÃO E DO ROUXINOL

[202-205] Agora, farei uma alusão aos reis que bem conhecem a si mesmos. Eis que o gavião levava o rouxinol de pescoço salpicado preso em suas garras, bem alto, entre as nuvens.

[206-211] O coitado gemia, atravessado pelas recurvadas garras, quando o falcão lhe disse arrogante: “Infeliz, por que te lamentas? Um mais forte te apanhou e agora irás para onde eu te levar. Ainda que sejas um bom cantor, se eu quiser posso te jantar ou talvez até te libertar. Insensato é aquele que mede forças com os mais fortes. Priva-se da vitória e passa por vergonhas e sofrimentos”.

[212] E assim disse o falcão de voo veloz, ave de grandes asas²⁵.

A JUSTIÇA

[213-218] E tu, Perses, escuta a justiça e não deixes crescer em ti a soberba. A desmedida é um mal para o homem fraco, e nem mesmo o poderoso consegue facilmente sustentá-la sem desabar sob o seu peso quando lhe chega a desgraça. É preferível tomar o caminho que segue em outra direção e conduz ao que é justo. A justiça, quando chega ao seu devido fim, vence a desmedida. E é sofrendo que o tolo aprende.

[219-224] Bem veloz corre Hórcos por causa de sentenças equivocadas. Há um clamor quando Diké é arrastada por homens devoradores de presentes, que nos julgamentos ditam torcidas sentenças. E ela os segue, lamentando-se pelas cidades e pelos costumes de seus moradores, levando males aos homens que a expulsaram e não a distribuíram com retidão.

[225-237] Para aqueles que ditam sentenças imparciais sem se afastar da justiça, tanto a estrangeiros como a conterrâneos, sua cidade floresce, o povo prospera, e sobre essa terra estende-se a paz que alimenta os jovens. A eles, Zeus, o que vê amplamente, não destina a dolorosa guerra. Nem a fome, nem a desgraça acompanham os homens justos que desfrutam em festins dos campos nos quais trabalham. E a terra lhes oferece muitos alimentos: no alto das montanhas, o carvalho carregado de glandes²⁶; nas encostas, as abelhas e as ovelhas de espessa lã, curvadas sob o peso de sua pelagem. As mulheres dão à luz crianças que se parecem com os pais e incessantemente desfrutam desses bens. E por ser assim, eles não viajam em naus, pois a terra generosa lhes oferece seus frutos.

[238-247] Mas para aqueles que praticam excessos cruéis e obras malignas, o Crônida, aquele que tudo vê, lança contra eles sua justiça. Muitas vezes, toda uma cidade paga pela culpa de um único homem que se extravia e trama perversidades. Grandes sofrimentos são lançados do céu sobre eles pelo filho de Crono: fome e peste de uma só vez. E assim esses povos desaparecem. As mulheres não têm filhos, e as casas tornam-se ruínas, por desígnio de Zeus Olímpico. Outras vezes ainda, o Crônida destrói um grande exército, uma muralha, ou volta-se contra as naus sobre o mar.

[248-255] E vós, reis, atentai para essa justiça, vós próprios, pois os imortais estão entre os homens, bem próximos, por conseguinte, e observam todos aqueles que prejudicam os outros com sentenças injustas, sem se importar com o olhar dos deuses. Sobre a terra fecunda, trinta mil são os imortais que Zeus pôs como guardiães dos homens mortais. São eles que vigiam as sentenças e as obras malignas. Envoltos em névoa, vagam por toda a terra.

[256-262] E, sobretudo, há uma virgem, Diké, gerada por Zeus, honrada e reverenciada entre os deuses que habitam o Olimpo. Quando alguém a ofende, insultando-a com injúrias, ela se assenta ao lado de seu pai, Zeus, o filho de Crono, e denuncia as intenções dos homens injustos, até que o povo pague pelos loucos desatinos dos reis que tramam maldades e pervertem os julgamentos, alegando censuráveis razões.

[263-273] Observai e retificai vossas palavras, ó reis devoradores de presentes, esquecendo definitivamente as sentenças injustas. O homem que faz um mal contra outro, para si mesmo o faz. E a intenção maléfica resulta ainda mais maligna para aquele que a engendra. O olho de Zeus, que tudo vê e tudo sabe, se assim o desejar, isso também observa e não ignora a espécie de justiça que uma cidade encerra em seu interior. Hoje, não desejo para mim, e tampouco para meu filho, ser um justo entre os homens, já que é um mal ser um homem justo quando o injusto obtém para si maior justiça. Mas espero que o providente Zeus não permita que isso perdure.

[274-285] E tu, Perses, guarda isto em teu peito: ouve o que é justo e esquece definitivamente os excessos. Esta lei foi dada aos homens pelo filho de Crono: devorem-se entre si os peixes, as feras e as aves que voam, pois não existe justiça entre eles, mas aos homens foi dada a justiça, que é o maior dos bens. Se alguém deseja proclamar o que é justo, Zeus, o que tudo vê, lhe concede prosperidade. Aquele, contudo, que intencionalmente engana e comete perjúrios, ofendendo assim a justiça, comete um crime irreparável. A descendência deste se tornará obscura, enquanto a descendência do homem fiel a seus juramentos terá um futuro melhor²⁷.

O TRABALHO

[286-292] A ti, Perses, grande tolo, falarei sobre coisas boas. O infortúnio pode ser adquirido facilmente, tanto quanto quiseses, pois reside bem próximo de nós, e o caminho para ele é plano. Mas diante da virtude, em troca, os deuses imortais colocaram o suor. É longa e íngreme a trilha que a ela conduz, e árduo o seu começo. Porém, quando se chega ao cume o caminhar se torna fácil, por mais difícil que antes houvesse sido.

[293-297] O homem virtuoso é aquele que pensa por si mesmo, refletindo sobre o que será melhor mais adiante e no final. Também é bom o homem que atende aos conselhos dos homens sábios. Porém, quem não pensa por si mesmo, nem retém em si os bons conselhos, esse é um homem inútil²⁸.

[298-305] Mas tu, Perses, de divina estirpe, lembra sempre os meus conselhos e trabalha para que a fome te abomine e a venerável Deméter, de rica coroa, encha de alimentos o teu celeiro. A fome sempre acompanha o preguiçoso. Deuses e homens se irritam com aqueles de índole semelhante à dos zangões sem ferrão, que vivem ociosos e se aproveitam dos esforços das abelhas, comendo sem trabalhar.

[306-316] Que te apliques a ordenar teu trabalho de forma apropriada, para que os teus celeiros, na estação certa, se encham de alimentos. É por seu trabalho que os homens se tornam ricos em rebanhos e recursos. Por seu trabalho são muito mais amados pelos imortais. Não há nenhuma desonra em trabalhar; não fazer nada é que é desonroso. Se trabalhares, logo te invejarão por tua prosperidade. A riqueza é sempre acompanhada de mérito e glória. E seja qual for a tua sorte²⁹, trabalhar é o melhor para ti. Desvia tua mente leviana dos bens alheios e, com trabalho, cuida do teu sustento como te aconselho.

CONSELHOS A PERSES

[317-326] Uma vergonha detestável acompanha o homem indigente, mas a vergonha tanto pode prejudicar como favorecer os homens. A vergonha une-se à penúria, enquanto o esforço liga-se à prosperidade. A riqueza nunca deve ser roubada, visto que os dons divinos são muito melhores. Quando alguém se apodera à força, com suas mãos, de uma grande fortuna, ou se a consegue com sua língua, como não é raro acontecer, ou ainda, quando a cobiça ofusca a mente dos homens e o desrespeito persegue o respeito³⁰, facilmente os deuses enfraquecem esse homem, fazendo definhar sua casa. E por pouco tempo a sorte o acompanha.

[327-334] Da mesma forma, quem faz mal a um suplicante ou a um hóspede³¹, ou sobe ao leito de seu irmão para desfrutar em segredo das intimidades de sua esposa, age de forma desprezível. E aquele que prejudica crianças órfãs ou, por insensatez, ofende o pai ancião, no triste umbral da velhice, agredindo-o com palavras ásperas, desagrada ao próprio Zeus, que se irrita com as atitudes injustas e impõe árdua reparação.

[335-341] Quanto a ti, afasta definitivamente o teu ânimo insensato de todas essas coisas. Se for possível, oferece sacrifícios aos deuses imortais. Sagrada, imaculadamente, queima em sua honra luzidios pernis. Ou, ainda, torna os deuses propícios com libações e oferendas, quando adormeceres e ao retornar a sagrada luz, pois assim terão o coração e o ânimo propícios a ti, para que possas comprar os bens de outros e para que outros não comprem os teus bens.

[342-351] Convida para comer aquele que te ama e afasta quem te odeia. Sobretudo, convida o que mora próximo a ti, porque se algum imprevisto acontece no lugar, os vizinhos acorrem sem atar o cinto, o que não ocorre com os parentes³². Um mau vizinho é uma praga, enquanto um bom vizinho é uma grande bênção. É afortunado quem tem a boa fortuna de ter um bom vizinho, pois nenhum boi morreria se não fosse o mau vizinho. Mede com atenção o que tomas emprestado de teu vizinho e devolve bem, com a mesma medida ou, se puderes, ainda mais, para que depois possas contar com sua ajuda generosa se voltares a necessitar de algo.

[352-360] Não busques maus ganhos, porque aquilo que é mal ganho só atrai desgraças. Ama a quem te ama e frequenta a quem te frequenta. Dá a quem te dá, mas a quem nada te dá, nada dê. Àquele que doa, outros lhe doarão, a quem nada doa, tampouco outros lhe doarão. Doar é bom, enquanto a rapina é má e dispensadora de morte. O homem que oferece de boa vontade grandes doações alegra-se com sua dádiva e, em seu íntimo, se compraz. Porém, daquele que cede caminho à desonestidade e rouba para si próprio, mesmo que seja pouco, desse homem torna-se duro o coração.

[361-369] Se acrescentas repetidas vezes um pouco sobre o pouco, aquilo que é pouco muito se tornará. Quem aumenta o que tem afasta de si a fome abrasadora e aquilo que permanece em casa, armazenado, não traz preocupações ao homem. E é bem melhor armazenar dentro de casa, pois o que fica do lado de fora pode ser perdido. É bom gastar aquilo que se tem, visto que um grande sofrimento íntimo é precisar de algo que não se possui. Portanto, eu te aconselho a pensar sobre isto: deves te fartar do jarro ao abri-lo e ao chegar no final — pois é inútil tentar poupar a borra do fundo —, mas, no meio, sê parcimonioso³³.

[370-375] Que seja assegurado o pagamento que combines com um amigo. Mesmo a um irmão, sorrindo, impõe uma testemunha, uma vez que confiança e desconfiança igualmente arruinam os homens. Não deixes que uma mulher de quadris insinuates³⁴ engane a tua mente, porque com fala provocante o que ela quer é teu celeiro. E aquele que em mulher confia está confiando em ladrões.

[376-382] Que tenhas um único filho para manter e ampliar teu patrimônio, pois assim se aumenta a riqueza nos lares. E que morras bem velho, deixando outro filho para te suceder. Zeus também concederia riquezas abundantes ao que gera muitos filhos, porque se é maior o trabalho de muitos, maior será o ganho³⁵. Se em teu íntimo anseias por riquezas, assim deves proceder: trabalha, trabalho sobre trabalho.

CALENDÁRIO DO LAVRADOR

[383-385] Quando surgem as Plêiades, filhas de Atlas, tem início a segadura, e quando se ocultam, a lavra. Por quarenta noites e quarenta dias elas permanecem escondidas, até que, de novo, aparecem ao girar do ano, a tempo de afiar a foice³⁶.

[386-395] E esta é a lei para os campos, para os que vivem junto ao mar, e também para aqueles que habitam as glebas e os vales de terras férteis, além do agitado Pontos: lavra desnudo³⁷, semeia desnudo, colhe desnudo, se queres concluir no tempo devido todos os trabalhos de Deméter. Assim, cada espécie crescerá em seu tempo certo, e não terás mais tarde de mendigar em casa alheia, necessitado, sem nada receber.

[396-404] E foi assim que tu vieste a mim agora, mas eu nada te darei nem te emprestarei outra vez. Trabalha, tolo Perses, nas obras que os deuses destinaram aos homens, para que jamais, com tua mulher e teus filhos, em aguda angústia íntima, busques alimento entre teus vizinhos e eles não te atendam. Por duas ou três vezes poderás ter sucesso, porém, se os incomodares mais vezes, nada conseguirás. Tudo o que disseres será em vão, e tuas palavras serão lançadas inutilmente. Por isso te aconselho a encontrar meios para pagar tuas dívidas e fugir da fome.

[405-413] Antes de tudo, tem uma casa, uma mulher e um boi para arar. Uma mulher escrava e não uma esposa, para que acompanhe o boi. Mantém em casa, organizadas, todas as ferramentas necessárias, evitando assim as pedir a outro que pode se negar a emprestá-las. E para que não passe o tempo oportuno, para que teu trabalho tenha melhor rendimento, não te prives desses instrumentos. Não deixes nada para amanhã ou para depois de amanhã, já que nem o preguiçoso, nem aquele que deixa tudo para depois enchem o seu celeiro. O empenho em trabalhar traz prosperidade, e um homem que se dedica ao trabalho sempre combate o infortúnio.

[414-422] Quando a força penetrante e o ardente calor do sol diminuem, o poderoso Zeus envia as chuvas de outono³⁸, e o corpo do homem parece mais leve. Então a estrela Sirius³⁹ passa sobre a cabeça dos homens nascidos para a morte, permanecendo no céu um pouco durante o dia e a

maior parte da noite. Esse é o tempo em que a madeira que cortas com o teu machado está menos sujeita ao caruncho, ou seja, quando as folhas caem sobre o solo e cessa a brotação. Assim, ao cortar tua madeira, lembra os trabalhos próprios dessa estação.

[423-436] Entalha um pilão de três pés, com mão de três cúbitos⁴⁰, e um eixo de sete pés, pois essas são as melhores medidas — mas se cortas a madeira com oito pés, dela também poderás entalhar um malho⁴¹ e ainda um pino de três palmos para um carro de dez palmos⁴². Como há muitas madeiras curvas, leva para casa um dental de carrasco⁴³ — quando o encontrares, buscando-o na montanha e no campo —, visto que esse é o mais resistente para arar com bois, depois que um servo de Atena⁴⁴ o tenha fixado com cravos à relha e adaptado ao timão⁴⁵. Tem dois arados montados em tua casa: um deles de uma só peça, e o outro, de peças encaixadas. É bem melhor fazer assim, pois se um deles se quebrar, podes juntar os bois ao outro. Os timões de louro ou de olmo são os que mais resistem ao caruncho, mas o suporte deve ser de carvalho e o dental, de carrasco.

[437-447] Toma dois bois de nove anos, pois sua energia é inesgotável. Como estão em plena força, são os melhores para o trabalho. Esses não brigarão no sulco, não quebrarão o arado nem deixarão o trabalho sem conclusão. Devem ser acompanhados por um homem robusto de quarenta anos, com um pão de quatro quartas partido em oito pedaços⁴⁶ para se alimentar. Alguém que, passado da idade de interromper-se para olhar os jovens em torno, cuide de seus afazeres e trace sulcos retos, pondo sua atenção no trabalho. Nenhum homem mais jovem será melhor que ele para espalhar as sementes e evitar uma nova semeadura, uma vez que o homem mais jovem, impetuoso, vai atrás de seus companheiros.

[448-457] Atente para quando ouvires a voz do grou⁴⁷, que ano após ano grita do alto das nuvens, porque ele traz o sinal para a aragem e anuncia a estação das chuvas de inverno. O seu grito, entretanto, morde as entranhas do homem que não tem bois. Engorda, por conseguinte, os bois de retorcidos cornos em um curral, pois se é fácil dizer: “Dá-me uma junta de

bois e um carro”, mais fácil é responder: “Eu tenho trabalho para os meus bois”. O homem que é rico em fantasias fala de construir um carro novo, tão bom como aqueles já construídos. Tolo! Não sabe que cem peças de madeira são necessárias para a construção de um carro e que, antes de tudo, se deve ter o cuidado de tê-las em casa.

[458-464] Assim que o tempo da aragem é revelado ao homem, sem demora tu deves te lançar à terra, juntamente com teus escravos, arando sob sol e chuva na estação do cultivo. Apressa-te de manhã, bem cedo, para que teus campos se encham de frutos. Ara na primavera, mas se no verão deres uma segunda volta no alqueive, não te decepcionarás. Semeia a terra alqueivada quando o solo ainda está leve. O repouso da terra afasta os malefícios e aplaca o pranto das crianças⁴⁸.

[465-482] Suplica a Zeus Ctônio e à venerável Deméter⁴⁹ para que façam crescer sadio o sagrado grão de Deméter. Isso deve ser feito assim que comeces o cultivo, ao tomares com tua mão a ponta do cabo do arado e acicatares com o aguilhão o lombo dos bois que puxam o jugo debaixo da cavilha⁵⁰. Um escravo seguirá atrás com uma enxada para dificultar a ação dos pássaros, ocultando deles as sementes. A boa ordem é excelente para os homens mortais, enquanto a desordem é péssima. Se o Olímpico, ele mesmo, conceder ao final um resultado propício, as espigas se inclinarão viçosas sobre a terra. Então, poderás retirar as teias de aranha de tuas jarras e te alegrarás, assim espero, ao guardar dentro delas os teus recursos. Se tiveres alimentos em abundância, quando chegar a clara primavera tu não olharás avidamente os outros, mas será outro que terá necessidade de ti. Todavia, se tu aras a divina terra no solstício⁵¹, corres o risco de colher sentado, tomando magra colheita nas mãos e atando as espigas nos dois sentidos⁵². Coberto de poeira e sem nenhuma alegria, tu levarás a colheita em um único cesto e poucos te admirarão.

[483-491] A vontade de Zeus, portador da Égide, mostra-se diferente, contudo, a cada momento, e é difícil para os mortais conhecê-la, pois se tu aras tardiamente isso pode ser um bom recurso. Quando o cuco canta pela

primeira vez nos ramos do carvalho⁵³, alegrando os homens sobre a terra sem limites, se no terceiro dia Zeus chover sem cessar⁵⁴, impedindo que se erga ou se abaixe o casco de um boi, então o que ara tarde pode igualar-se ao que arou cedo. Guarda bem esses conselhos em teu íntimo, e que a ti não passe despercebida a chegada da clara primavera e da estação das chuvas.

OS TRABALHOS DO INVERNO

[492-497] No tempo do inverno, quando o frio afasta os homens dos trabalhos no campo, debes passar longe das forjas e dos pórticos ensolarados, pois aquele que é laborioso muito pode fazer prosperar sua casa. E que as dificuldades de um cruel inverno não te encontrem na miséria, friccionando o pé inchado com a mão enrijecida.

[498-503] O homem preguiçoso, que confia em esperanças vazias, lança em seu íntimo dolorosas recriminações quando lhe falta o sustento. Não é uma expectativa benéfica a que acompanha um homem pobre, sentado sob um pórtico, sem alimentos suficientes. Enquanto o verão ainda estiver em meio, diz a teus escravos que nem sempre será verão, e ordena: Construam celeiros!

[504-511] Guarda-te do mês de *Lenaeon*⁵⁵ de dias ruins, em que definham os bois, e também das geadas, que são terríveis quando o Bóreas sopra sobre a terra. Ele se lança através da Trácia, criadora de cavalos, e sobre o vasto Pontos, encrespando-lhe as águas, enquanto bramem a terra e as florestas. O vento arremete contra os carvalhos de espessa folhagem e os grossos pinheiros nos vales das montanhas, derrubando-os sobre a terra fecunda e fazendo gemer todas as grandes árvores.

[512-523] Os animais tremem e metem o rabo entre as pernas, mesmo aqueles que têm a pele coberta de lã, uma vez que o vento gelado os trespassa, ainda que tenham seu corpo protegido por pelos. Ele também penetra o couro do boi, que não o detém, e atravessa a longa pelagem da cabra. Não penetra, contudo, a pele das ovelhas, porque sua lã é abundante.

A força do vento Bóreas sobre o ancião obriga-o a se curvar, mas não agride a pele delicada da jovem que fica dentro de casa, junto de sua mãe, sem conhecer ainda as artes da muito dourada Afrodite. Ela limpa bem sua pele macia, unge-a com o brilhante azeite, e vai se deitar em seus aposentos, no interior de sua morada.

[524-535] Nos dias inverniais o sem-ossos⁵⁶ rói sua pele no fundo de sua casa sem fogo, em seu triste abrigo. O pasto para onde ir não lhe é mostrado pelo sol, que nesses dias se demora sobre as aldeias e as cidades dos homens escuros⁵⁷, brilhando fracamente sobre todos os helenos⁵⁸. É quando os habitantes da floresta, os com cornos e os sem cornos, tiritando os dentes de modo deplorável, atravessam em fuga por moitas e clareiras. Todos eles têm a mesma preocupação: procurar abrigo em uma gruta ou sob uma pedra côncava. Então, também os mortais, assemelhando-se aos de três pés⁵⁹, com as costas curvadas e a cabeça voltada para o solo, põem-se a caminho para escapar da branca neve.

[536-542] Nesses dias, aconselho-te a vestir um manto macio e, para proteger teu corpo, uma túnica longa, tecida com trama de fios grossos de lã sobre urdidura de fios finos⁶⁰. Envolve-te nela para que não tremas e o teu pelo não se erga eriçado, arrepiando-se por todo o teu corpo. Nos pés, debes atar calçados bem ajustados, confeccionados com a pele de um boi abatido⁶¹ e cobertos de pelo por dentro.

[543-560] Quando chegar o tempo do frio, costura com tendões de boi as peles dos cabritos primogênitos, para colocar sobre tuas costas como proteção contra a chuva. Na cabeça, põe um gorro de lã bem ajustado para que tuas orelhas não fiquem úmidas, porque quando sopra o Bóreas⁶² o amanhecer é frio e a névoa que faz frutificar a terra se espalha de madrugada pelos campos dos bem-aventurados. Nascida dos rios que fluem sempre, com as lufadas do vento ela se ergue alto sobre a terra. Algumas vezes retorna ao entardecer, como chuva, e outras vezes como vendaval, quando o trácio Bóreas amontoa as densas nuvens. Deves então te adiantar a ele e voltar para casa depois de terminar teu trabalho. Não aconteça que

uma pesada nuvem do céu te envolva, ensopando teu corpo e encharcando tuas roupas. Evita isso, já que esse mês é duríssimo, invernal, duro para os rebanhos e duro para os homens. Alimenta então teus bois com metade da ração usual, mas oferece mais comida para os homens, pois são longas as proveitosas noites⁶³.

[561-563] Observa tudo isso até que as noites e os dias, com o girar do ano, tenham a mesma duração⁶⁴, e Geia, a mãe de todos, volte a produzir seus variados frutos⁶⁵.

OS TRABALHOS DA PRIMAVERA

[564-570] Quando Zeus completa sessenta dias de inverno, depois do solstício, então a estrela Arcturus⁶⁶ abandona a sagrada corrente do Oceano e, pela primeira vez, se ergue, resplandecente, ao anoitecer. Depois dela, é a filha de Pandíon, a andorinha de agudo lamento, que se mostra aos homens logo no início da primavera⁶⁷. Antes que ela chegue, adianta-te e poda as videiras, porque será bem melhor assim.

[571-581] Mas quando aquele que carrega sua casa subir da terra às plantas, fugindo das Plêiades⁶⁸, então já não é mais tempo de escavar as vinhas, mas de afiar as foices e despertar teus escravos. Por ocasião da colheita, quando o sol queima a pele, evita os assentos sombreados e o sono depois do amanhecer. Esse é o momento de te apressares em levar os frutos a tua casa, levantando-te cedo para garantir alimentos suficientes. Eos realiza a terceira parte do trabalho, pois ajuda o homem em sua jornada e em seus afazeres. Eos⁶⁹, ao surgir, põe muitos homens para seguir seu caminho e reúne muitos bois debaixo do jugo.

OS TRABALHOS DO VERÃO

[582-588] Quando o cardo floresce⁷⁰ e a estridente cigarra, pousada em uma árvore, emite por baixo das asas o seu canto agudo e incessante, as

cabras ficam mais gordas e o vinho mais doce. Na estação do exaustivo calor, as mulheres se tornam mais sensuais e os homens mais débeis, porque Sirius abrasa as cabeças, os joelhos, e deixa a pele ressecada pelo calor⁷¹.

[589-596] E então haja a sombra de uma rocha, vinho de Biblos⁷², um pão de coalho, leite de cabras que não estejam amamentando e a carne de novilha criada no bosque, ainda sem parir, ou de cabritos primogênitos. Bebe, pois, do vinho fulgurante, sentado à sombra, com as entranhas saciadas de comida. Com o rosto voltado para o fresco Zéfiro, verte três vezes água de uma fonte perene, que jorre vigorosamente e que não seja turva, mas a quarta vez, verte vinho⁷³.

[597-608] Quando surgir pela primeira vez o poderoso Oríon⁷⁴, ordena a teus escravos que debulhem o sagrado grão de Deméter em um terreiro bem plano e arejado. Depois, tu deves medir os grãos e guardá-los em potes. Assim que terminares, coloca, cuidadosamente, todos os teus pertences no interior de tua casa. Recomendo que procures um diarista para o trabalho fora de casa e uma serva sem filhos, pois uma criada com crianças é um transtorno. Cria um cão de dentes aguçados e não o alimentes com má vontade, para que jamais aquele que dorme de dia⁷⁵ roube teus pertences. Recolhe forragem e feno suficiente para alimentar teus bois e mulas. Depois disso, deixa que teus escravos descansem os joelhos e solta tua parelha de bois.

OS TRABALHOS DO OUTONO

[609-617] Quando Oríon e Sirius alcançarem a metade do céu, e Eos, de róseos dedos, vir Arcturus⁷⁶, então, Perses, corta todos os cachos da videira e leva-os para casa. Deixa-os expostos por dez dias e dez noites ao ar livre, por cinco dias à sombra e, ao sexto dia, verte em jarras os dons do alegre Dioniso. Quando as Plêiades, as Híades⁷⁷ e o forte Oríon começarem a se ocultar, lembra-te que é tempo de arar⁷⁸. E assim o ano se completa, adequado às nossas necessidades cá embaixo, na terra⁷⁹.

A NAVEGAÇÃO

[618-623] Quando as Plêiades mergulham no sombrio Pontos, fugindo da força rude do poderoso Oríon⁸⁰, e sopram as lufadas de toda espécie de vento, caso se apodere de ti o desejo pela arriscada navegação, lembra-te então: não permaneças em barcos, distante, sobre o espumante Pontos. Em vez disso, trabalha na terra, como te aconselho.

[624-634] Arrasta teu barco para a terra e, firmemente, dispõe pedras ao seu redor, para que resista aos golpes dos ventos que sopram úmidos. Depois, drena a água, porque assim a chuva de Zeus não fará apodrecer a madeira. Coloca em tua casa a equipagem, arranjada em boa ordem, e guarda as velas⁸¹ do barco navegador do Pontos. Coloca o bem trabalhado leme sobre o fumeiro e espera até que, por si mesma, chegue a estação propícia para navegar. À vista disso, conduz ao mar o barco ligeiro e deposita dentro uma carga adequada, para que leves ganhos à tua casa, assim como meu pai — e também teu, tolo Perses —, que costumava viajar nos barcos, em busca do necessário sustento.

[635-640] E um dia ele chegou aqui, depois de cruzar o vasto Pontos, abandonando a Eólida Cumes⁸² em um barco negro. Não fugia da prosperidade, nem da riqueza, nem da felicidade, mas da funesta pobreza que Zeus dá aos homens. Veio então viver próximo ao Helicon, em uma mísera aldeia, Ascra⁸³, que é má no inverno, penosa no verão e jamais benfazeja.

[641-645] Tu, porém, Perses, lembra-te de cumprir todos os trabalhos em seu tempo propício, principalmente os de navegação. Aprecia o barco pequeno, mas coloca tua carga em um grande, pois quanto maior o carregamento maiores serão os teus ganhos se os ventos detiverem seus maléficos vendavais.

[646-662] Caso o teu ânimo inconstante se volte para o comércio — para fugir das dívidas e da fome que atormenta —, eu te ensinarei as normas do ressoante mar, embora não seja instruído em navegação nem em barcos.

Jamais percorri o largo Pontos em uma nau, a não ser para Eubeia⁸⁴. De Áulis — onde os aqueus esperaram o fim de uma tempestade, reunidos em grande exército para ir da sagrada Grécia em direção a Troia de belas mulheres⁸⁵ — eu fiz a travessia até Cálcis⁸⁶, para ir aos jogos do prudente Anfidamante⁸⁷, cujos prêmios foram estabelecidos pelos filhos do magnânimo herói⁸⁸. Orgulho-me de ter vencido com um canto e recebido uma trípole com asas, que consagrei às Musas do Helicon, lugar onde pela primeira vez elas me ensinaram o harmonioso canto⁸⁹. E essa é toda a minha experiência com os barcos de muitos cravos. Ainda assim, porém, te direi a vontade de Zeus, portador da Égide, pois que as Musas me ensinaram a cantar um hino sublime.

[663-671] Cinquenta dias depois do solstício, quando o exaustivo verão chega ao seu final⁹⁰, é o tempo certo para navegar. Então, nem destroçarás o teu barco, nem o mar destruirá teus homens, a não ser que o benévolo Posídon, o que faz tremer a terra, ou Zeus, soberano dos deuses imortais, os deseje eliminar, visto que o envio de bens ou de males está igualmente em suas mãos. Nessa época, os ventos são regulares, e o Pontos não apresenta perigo.

[672-677] Confia então nos ventos, sem apreensões, e arrasta para o Pontos o teu barco veloz, colocando nele toda a carga. Mas debes te apressar para que possas voltar o quanto antes à tua casa. Não esperes até o tempo do vinho novo, nem das chuvas do outono, nem das borrascas que se aproximam sacudindo o mar com os temíveis vendavais do Noto, acompanhados das fortes chuvas de Zeus que tornam o Pontos perigoso.

[678-688] Outro tempo para o homem navegar é a primavera, quando pela primeira vez, no mais alto da figueira, o homem pode ver se estenderem folhas tão grandes como as pegadas deixadas pelo gado. Então o mar se torna transitável, e esse é o tempo de navegar na primavera. Eu, todavia, não recomendo tais viagens, pois isso não agrada ao meu íntimo. O tempo de navegação é curto e dificilmente evitarias o perigo. Os homens as empreendem por ignorância de sua mente, uma vez que a riqueza significa

vida para os pobres mortais. Mas como é horrível morrer entre as ondas, aconselho-te a considerar tudo isso em teu íntimo, assim como te recomendo.

[689-694] Não deves colocar toda a tua colheita a bordo das côncavas naves. Deixa a parte maior e carrega a menor, porque é terrível encontrar a ruína em meio às ondas do Pontos, tanto quanto é lamentável perder a carga pelo rompimento do eixo do carro em razão de o carregares excessivamente. Guarda sempre a justa medida, pois o equilíbrio em tudo é, claramente, o melhor⁹¹.

CONSELHOS FAMILIARES

[695-699] Quando tiveres idade adequada, nem muito perto, nem muito longe dos trinta, conduz uma mulher à tua casa, visto que essa é a melhor idade para o casamento. A mulher deve ficar na puberdade por quatro anos, casando-se ao quinto⁹². Desposa uma virgem, pois assim poderás lhe ensinar a ter um comportamento adequado.

[700-706] Casa-te, sobretudo, com alguém que more perto de ti, mas observa bem tudo à sua volta, para que teu casamento não se torne motivo de zombaria para os teus vizinhos. Não há bênção melhor para o homem que uma boa esposa, nem nada pior que uma esposa má, de alma voraz, que vai queimando sem fogo o seu marido, levando-o a uma velhice prematura, mesmo que seja forte.

[707-713] Tem cuidado com o olhar dos venturosos deuses imortais. Não trates um amigo da mesma forma que a um irmão. Não sejas o primeiro a ofender nem mintas para dar gosto a tua língua. Se ele te ofender primeiro, em palavras ou ações, lembra-te que há de pagar em dobro. Contudo, se te procurar como amigo, desejando dar-te uma reparação, recebe-o bem. É um homem sem valor aquele que procura por amigos diferentes a cada momento.

[714-721] Que tua face não deixe o teu íntimo envergonhado. E não te chamem de pródigo ou de rude, nem te acusem de companheiro de velhacos e caluniadores de homens bons. Não te atrevas jamais a criticar alguém pela funesta pobreza que o devora, enviada pelos deuses imortais. O maior tesouro de um homem é ter uma língua cautelosa, e a maior graça, saber agir com moderação. Se disseres iniquidades, bem depressa falarão algo pior de ti.

INTERDITOS

[722-726] Não faças desfeitas em um banquete comunitário, pois neles a alegria é maior e a despesa, menor⁹³. Ao amanhecer, nunca ofereças libações a Zeus com o radiante vinho, tendo as mãos ainda sem lavar. Nem aos outros deuses imortais, porque eles não te ouvirão e desprezarão tuas súplicas.

[727-734] [Também ao amanhecer] Não te ponhas de pé, a face voltada para o sol, quando urinares. Lembra-te porém de fazê-lo quando o sol estiver de frente para o nascente. Em viagem, não urines no caminho nem alguns passos fora do caminho. Nem urines despido, pois as noites são dos deuses bem-aventurados⁹⁴. Um homem cauteloso e sensato o faz abaixado, ou se apoia à parede de um pátio fechado⁹⁵.

[735-736] Não exponhas os genitais manchados de esperma junto à lareira de tua casa. Deves evitar isso. Nem geres filhos ao retornar de um funeral, pois é de mau agouro. Fá-lo quando voltares de um banquete aos deuses imortais.

[737-741] Nos rios que correm sempre, nunca atraveses a pé a água que flui suavemente sem que tenhas orado com os olhos fixos em sua corrente, depois de lavar tuas mãos na água límpida. Aquele que atravessa um rio sem lavar a maldade de suas mãos atrai a ira dos deuses, que lhe enviam males futuros⁹⁶.

[742-749] Em um banquete consagrado aos deuses, não cortes o seco de teus cinco ramos verdes com o refulgente ferro⁹⁷ e jamais cruces a jarra de servir o vinho em cima da taça enquanto se bebe, pois disso resulta uma sorte funesta⁹⁸. Se construíres uma casa, não a deixes sem terminar, para que um corvo barulhento não pouse sobre ela grasnando⁹⁹.

[750-754] Não comas nem te laves em tigelas que não tenham sido consagradas aos deuses, porque para isso existe uma punição. E não assentes uma criança de doze dias sobre algo que não possa ser mudado de lugar¹⁰⁰. Isso não é bom, pois leva o homem a não ser homem. Também não o faças com um menino de dois meses, porque lhe ocorrerá o mesmo. Um homem não deve lavar seu corpo na água onde uma mulher tenha se lavado, já que com o passar do tempo também sofrerá um amargo castigo.

[755-759] Quando presenciares sacrifícios ardentes, jamais ridicularizes os mistérios porque isso despertará a ira dos deuses. Nunca urines na foz dos rios que correm para o mar nem nas fontes. Com todo cuidado debes evitá-lo. E não faças jamais as tuas necessidades nessas águas, visto que não é certo agir assim.

[760-764] Deves proceder de forma correta e evitar a má fama entre os homens, pois a fama danosa é leve, muito fácil de levantar, embora difícil de suportar. E mais difícil ainda é tirá-la de cima, porque quando espalhada por muitas pessoas ela jamais morre totalmente, uma vez que a fama é, por certo, divina¹⁰¹.

OS DIAS

[765-773] Observa devidamente os dias provindos de Zeus e ensina a teus escravos que o dia trinta de cada mês é o melhor para vistoriar trabalhos e distribuir alimentos. Como esses dias procedem do muito sábio Zeus, neles os homens discernem aquilo que é o melhor. Antes de tudo são dias sagrados: o primeiro, o quarto e o sétimo, no qual Leto engendrou

Apolo¹⁰², o da espada de ouro. Mas também são excelentes para os trabalhos do homem o oitavo e o nono dia do final do mês crescente¹⁰³.

[774-779] Os dias décimo primeiro e décimo segundo são bons para tosquiar ovelhas ou para fazer uma boa colheita. Mas o décimo segundo é bem melhor que o décimo primeiro, já que nele a aranha, balançando-se no ar, tece sua teia. Esse é um dia que anuncia abundância se a providente¹⁰⁴ amontoa a sua colheita. Nesse dia a mulher deve se sentar ao tear e dedicar-se a esse trabalho.

[780-789] Deves evitar a sementeira no décimo terceiro dia do mês, no entanto esse é o melhor dia para se plantar mudas¹⁰⁵. O sexto dia do mês mediano é muito desfavorável para as plantas, mas é bom para o nascimento de um filho homem¹⁰⁶. É um dia adverso para uma mulher nascer e ainda pior para se casar. O primeiro sexto dia¹⁰⁷ também não é propício para o nascimento de uma menina, todavia é um dia favorável para castrar cabritos, carneiros e para construir as cercas do redil para o rebanho. Também é um bom dia para o nascimento de um varão, que será amigo de trapações, mentiras, palavras astutas e conversas furtivas¹⁰⁸.

[790-799] No oitavo dia do mês, castra o porco e o touro de potente mugir; no décimo segundo, as mulas que trabalham duramente. No grande dia vinte, dia de abundância, poderá nascer um homem sábio, de bom parecer. O décimo dia é favorável para o nascimento de um varão, mas para engendrar uma menina, melhor é o quarto dia do mês mediano¹⁰⁹. Nesse dia, amansa para o toque da mão as ovelhas, os bois de passo lento e grandes chifres, o cão de afiados dentes e as resistentes mulas. Cuida, porém, de evitar os sofrimentos íntimos nos dias quatro do final e do início do mês¹¹⁰. Esses dias são fortemente marcados pela ação do destino.

[800-804] No quarto dia do mês, conduz à tua casa uma esposa, depois de consultar o augúrio mais adequado para esse ato¹¹¹. Evita os dias cinco, porque são difíceis e funestos. Dizem que foi em um quinto dia que as

Erínias atenderam ao nascimento de Hórcus, o que Éris pariu como castigo para os perjuros.

[805-809] No sétimo dia do mês mediano, com muito cuidado, debulha o sagrado fruto de Deméter em um terreiro plano e bem redondo. Que um lenhador corte tábuas para o tálamo¹¹² e muitas outras para a construção de barcos. No quarto dia, começa a construção dos delgados barcos.

[810-818] O nono dia do mês mediano fica melhor ao entardecer. Mas o primeiro dia nove está completamente livre de pesares para os homens¹¹³. Esse dia, bom para o plantio e para o nascimento, tanto de homens como de mulheres, jamais é de todo maléfico. Poucos sabem que o dia vinte e nove¹¹⁴ é o melhor para abrir uma jarra de vinho e colocar o jugo sobre o lombo dos bois, das mulas e dos cavalos de patas velozes. E também para lançar um barco rápido, com muitas filas de remos, no brilhante mar. Mas poucos são aqueles que o invocam corretamente.

[819-821] No quarto dia, abre um jarro. O quarto dia do mês mediano é especialmente sagrado. Poucos são os que sabem, no entanto, que o quarto dia depois do vigésimo é melhor ao despontar a aurora, tornando-se menos favorável ao entardecer.

[822-828] Conhecer esses dias é de grande proveito para os homens que habitam sobre a terra. Os demais, porém, são variáveis ou indiferentes, e não oferecem nada. Cada um prefere dias distintos, mas poucos conhecem sua natureza. Às vezes um dia é madrasta, outras vezes é mãe. Feliz e ditoso é o homem que, conhecendo tudo o que acabo de dizer sobre os dias, trabalha sem ofender os deuses imortais, consultando os augúrios das aves e evitando transgressões.

¹ Como em *Teogonia*, Hesíodo inicia seu canto saudando as Musas (Μουσάων).

² Após invocar as musas e clamar pela justiça de Zeus, Hesíodo refere-se a seu irmão Perses (Πέρση), a quem repreende no decorrer do poema, lamentando sua atitude de ir ao tribunal para

definir a partilha da herança deixada pelo pai de ambos. Hesíodo discorre sobre normas de conduta que poderiam auxiliar Perses em sua vida e, por fim, procura induzir o irmão a dedicar-se ao trabalho, oferecendo indicações sobre como administrar uma propriedade rural e conduzir sua vida para obter respeito e prosperidade.

³ Em *Teogonia*, Hesíodo apresenta Éris (Ερις) como uma divindade terrível, personificação da luta, do embate, da discórdia que acende os ânimos e leva os homens à guerra. Em *Trabalhos e dias*, o poeta amplia esse conceito e apresenta duas Érides (Εριδων). Uma delas é benéfica, já que incita o homem a lutar, a conquistar fortuna por meio de seu trabalho. Éris, filha de Nix, a noite profunda, era representada como uma entidade feminina alada e engendrou vários filhos maléficos: Pónos, a Fadiga; Lete, o Esquecimento; Limós, a Fome, e Algos, as Dores. Para alguns pesquisadores essa passagem indica que a composição de *Trabalhos e dias* foi posterior à *Teogonia*.

⁴ Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, cita um provérbio que melhor esclarece essa passagem: “Todas as coisas são geradas pela luta” (VIII, I, 6), ou seja, por Éris.

⁵ O poeta chama os *basileus* de “devoradores de presentes” por atribuir a subornos oferecidos por seu irmão a sentença desfavorável aos seus interesses, no processo de divisão da herança paterna.

⁶ A ideia de que a parte vale mais que o todo remete a um conceito fundamental na cultura grega: a necessidade de observar-se o “metron” (μέτρον), isto é, a “medida” de todas as coisas, não se tomando nada em excesso.

⁷ Essa frase, de sentido proverbial, parece remeter à figura do sábio Epimênides, que se alimentava, segundo a tradição, somente de plantas selvagens como a malva e o asfódelo. Uma valorização, por conseguinte, da simplicidade como meio de obtenção de sabedoria.

⁸ O leme dos barcos era retirado da água durante o período desfavorável à navegação e colocado sobre um fumeiro, para conservar-se melhor.

⁹ O verso 47 anuncia que Zeus escondeu algo dos homens, em razão de ter sido enganado por Prometeu, mas apenas no verso 50 nomeia-se o objeto ocultado: o fogo (πυρ). Lafer observa que a ocultação ocorre também na sintaxe.

¹⁰ A férula é uma planta umbelífera que apresenta hastes oleaginosas de fácil combustão e inflorescências em forma de umbelas, como o funcho, a erva-doce e o anis.

¹¹ O termo que aparece no original é *polidedáleo* (πολυδαίδαλον). Segundo Lafer, um helenismo que reúne o prefixo *poli* (muitos) a um adjetivo procedente do nome de Dédalo, o habilidoso construtor do labirinto de Creta, onde foi aprisionado o Minotauro. A palavra assim formada indica algo muito complexo, intrincado como um labirinto.

¹² O epíteto “Argifonte” (Αργειφόντης) significa “o que matou Argos”, pois a mando de Zeus Hermes cortou a cabeça de Argos, filho de Agenor, e colocou os cem olhos do gigante na cauda do pavão, ave consagrada à deusa Hera.

¹³ Esse verso (v. 93) é idêntico ao que se encontra no capítulo XIX da *Odisseia* (v. 360). Pode ter sido acrescentado posteriormente, segundo alguns estudiosos da obra de Hesíodo, ou se tratar de algum aforismo corrente entre os gregos daquele período.

¹⁴ O termo *Elpís* (Ελπις) pode ser traduzido como “esperança”, “expectativa” ou “expectação”. Nessa passagem, optou-se pela forma mais tradicional.

¹⁵ De acordo com Lloveras, esses versos assinalam a transição entre o mito de Pandora e o das raças humanas. Esse último mito atribui ao comportamento dos homens, e não só a Prometeu, a culpa pelo castigo divino. No verso 108, ao se referir à origem comum de homens e deuses, Hesíodo possivelmente considera que todos nasceram de Geia, a terra-mãe.

¹⁶ O termo *daímones* (δαίμονες), aqui traduzido por “divindades”, refere-se às entidades incorpóreas que atuavam como intermediárias entre homens e deuses. Nesse trecho, essas divindades são chamadas *epictônias* (ἐπιχθόνιοι), por permanecerem na superfície da terra. No trecho 306-316 de *Trabalhos e dias*, Hesíodo usa o termo (δαίμονι) também para referir-se à sorte, à fortuna que cada homem, por destino, recebe ao nascer.

¹⁷ O ouro, material a partir do qual essa primeira raça foi criada, é um símbolo do poder real. Transformados em espíritos, divinizados, eles assumem as funções do rei, do *basileu* (βασιλέων), ou seja, as funções de proteger, promover a justiça e propiciar a fecundidade do solo.

¹⁸ O termo *hipoctônios* (ὑποχθόνιοι), aqui traduzido por subterrâneos, se contrapõe ao termo *epictônio* (ἐπιχθόνιοι), aplicado aos seres da raça de ouro, que se mantêm na superfície da terra.

¹⁹ Na Antiguidade clássica, o freixo (μελίαν) era símbolo de solidez e tinha grande poder mágico. As Ninfas Melíades (Μελιάδες), nascidas do sangue de Urano, eram as guardiãs dos freixos. Em memória do nascimento sangrento dessas ninfas, o cabo das lanças era confeccionado com a madeira dessas árvores.

²⁰ A cidade de Tebas (Θήβη) foi fundada, segundo a tradição, por Cadmo, filho de Agenor e Agríope. Cadmo casou-se com Harmonia ou Hermione, filha de Ares e Afrodite, dando início à casta dos cadmeus. Tebas era a principal cidade da Beócia.

²¹ A cidade de Troia (Τροίην) ou Ilion ficava próxima ao Rio Escamandro, às margens do Helesponto. Segundo Homero, foi cercada por dez anos e destruída pelos gregos.

²² A Ilha dos Bem-aventurados ou Ilha dos Afortunados era a região destinada aos heróis, após sua morte.

²³ A degeneração dessa raça torna-se ainda mais evidente pelas marcas de decrepitude que deverão surgir nas crianças recém-nascidas, anunciando sua próxima destruição.

²⁴ Aidos (Αἰδώς) surge nesse trecho como uma divindade que personifica o pudor, a vergonha ou, ainda, o respeito por si mesmo e pelos outros. O termo retorna em *Trabalhos e dias* (v. 317-326) como substantivo comum, significando ora “vergonha”, ora “respeito”.

²⁵ Nessa pequena fábula, Hesíodo retoma o tema do embate entre *Diké*, a justiça das leis humanas, e *Hýbris*, a desmedida, o excesso que leva à soberba e à violência. *Hýbris* é a confiança excessiva nas próprias forças, a presunção que ignora as limitações pessoais e os direitos dos outros. Esse tema está presente desde o início de *Trabalhos e dias* e continuará sendo desenvolvido nos versos seguintes (v. 213-285).

²⁶ De acordo com Lloveras, as glandes (bolotas) de algumas espécies de carvalho eram usadas como alimento pelos homens europeus antes que aprendessem a cultivar cereais. Na época de Hesíodo, as glandes ainda eram consumidas em boa parte da Grécia.

²⁷ A ideia de que as culpas dos pais recaem sobre sua descendência é bastante comum em sociedades primitivas. Nos mitos gregos, há várias ocorrências dessas “maldições familiares”.

²⁸ Em *Ética a Nicômaco* (I, 1095 b-10), Aristóteles cita essa passagem de Hesíodo (v. 293-297).

²⁹ O termo *daímone* (δαίμονι), que aparece no início do verso 314, foi aqui traduzido por “sorte”, no sentido do quinhão que o destino reserva a cada um. A sorte, ou fortuna, destinada a cada ser humano permanecia sob os cuidados de um *daímon*, uma divindade ou gênio tutelar.

³⁰ O termo grego *aidos* (αἰδώς), que no verso 195 aparece como uma divindade, nesse trecho passa a substantivo comum, traduzido, ora como “vergonha” (v. 317e 319), ora como “respeito” (v. 324).

³¹ Hóspedes e suplicantes eram considerados sagrados e, portanto, deveriam ser respeitados.

³² Um parente que resida distante precisa preparar-se, vestir-se para a viagem, enquanto um vizinho, devido à proximidade, pode acudir em qualquer circunstância sem precisar trocar de roupa.

³³ As provisões (azeite, vinho, cereais) eram guardadas em jarros de cerâmica, cujas bocas ficavam bem fechadas para facilitar a conservação.

³⁴ O termo *pugostolos* (πυγαστός), que aparece aqui pela única vez na literatura grega, tem gerado muita discussão entre pesquisadores e tradutores da obra de Hesíodo. O termo reúne duas ideias: nádegas e movimento ondulante, insinuante. Lloveras traduz por “mujer que mueve el trasero”, e cita Paola Vianello de Córdoba, que traduz por “de nalga dispuesta”; Mazon traduz “avec sa croupe attifée”; e Lafer, “de insinuadas ancas”.

³⁵ Lloveras observa que os versos 379 e 380, que parecem contradizer os anteriores, aludindo às vantagens de uma família numerosa, podem ter sido intercalados posteriormente, em defesa dos interesses econômicos da nobreza beócia.

³⁶ Como o tempo de ocultação das Plêiades é de aproximadamente cinco meses, o número quarenta surge aqui com seu significado simbólico, ou seja, a espera necessária a alguma realização cíclica.

³⁷ A expressão pode ser metafórica, significando a importância de agir rapidamente, sem perder tempo sequer para se vestir.

³⁸ No hemisfério norte isso acontece entre setembro e outubro.

³⁹ Sirius (Σείριος) é a estrela alfa da constelação do Cão Maior, a mais brilhante do céu. No Egito recebia o nome “Sothis” e anunciava as cheias do Nilo ao surgir no horizonte.

⁴⁰ Esse tipo de pilão, feito em madeira, ainda hoje é usado na Grécia, mas em tamanho menor que o descrito por Hesíodo. Cada pé tem aproximadamente 30, 5 cm, e cada cúbito (ou côvado), 66 cm.

⁴¹ O malho era usado para bater as espigas dos cereais e retirar seus grãos.

⁴² Cada palmo corresponde a 22 cm.

⁴³ O dental é o dente do arado, com o qual a terra é revolvida. Trata-se de uma peça essencial, que deve ser feita com madeira muito resistente e recurvada. O carrasco retorcido, de madeiras duras como o carvalho, oferecia boa matéria-prima para a confecção de dentais.

⁴⁴ O termo “servo de Atena” refere-se a um carpinteiro. A deusa Atena também presidia as atividades dos artesãos que trabalhavam com a madeira.

⁴⁵ A relha e o timão são peças que completam o tipo de arado descrito no texto.

⁴⁶ O pão a que Hesíodo se refere, dividido em quatro partes, ainda era comum na época do domínio romano, como comprovam os pães encontrados nas cidades de Herculano e Pompeia. Pode-

se compreender a passagem como uma recomendação para alimentar bem os escravos, já que o pão, para ser partido em oito pedaços, deveria ter um tamanho maior.

⁴⁷ Os groux, aves pernaltas de grande porte, voavam sobre a Grécia no final de outubro, rumo à África, onde permaneciam durante o inverno europeu.

⁴⁸ Era costume semear cereais em anos alternados, deixando assim a terra descansar. “Alqueive” é o nome dado à terra que é abandonada para recobrar seus poderes germinativos. O conselho de Hesíodo é semear duas vezes no mesmo ano a terra arada, que ainda está leve para o plantio, deixando-a depois descansar.

⁴⁹ O epíteto Ctônio (Χθόνιος) que acompanha o nome de Zeus refere-se à força fecundante da terra, que faz germinar as sementes. Zeus Ctônio está sempre associado a Deméter e Perséfone.

⁵⁰ A cavilha é uma peça de madeira que prende o arado ao jugo, ou canga.

⁵¹ A expressão aqui traduzida como “solstício” (ἡλίοιο τροπῆς / no retorno do sol) refere-se ao solstício de inverno, que ocorre ao final do mês de dezembro no hemisfério norte.

⁵² Atar as espigas nos dois sentidos faz o feixe parecer maior.

⁵³ Isso acontece no mês de março, quando o canto do cuco anuncia a proximidade da primavera.

⁵⁴ Nesse verso Zeus aparece identificado de tal forma com o clima atmosférico que o verbo “chover” tem o deus como sujeito.

⁵⁵ *Lenaeon* (Λέναιενα) era um mês do calendário jônico e se referia a um período entre meados de janeiro e de fevereiro.

⁵⁶ (ανόστεος / *anosteos*) é um nome descritivo do polvo, que segundo os antigos tinha o hábito de roer sua pele no inverno. Há outros autores, todavia, que relacionam o termo ao caracol.

⁵⁷ Durante o inverno na Europa, o sol continua brilhando fortemente na África sobre povos de pele mais escura, como os egípcios e os etíopes.

⁵⁸ O termo Πανελλέενεσσι (panelênico) foi traduzido por “todos os helenos”, já que os gregos chamavam a si mesmos de helenos, e à sua pátria, *Hellás*, nome de uma tribo que se estabeleceu em uma parte da Tessália, na época das migrações. Foram os latinos que deram o nome *Graii* aos colonos de Cumas e, desse termo, derivou *Graeci*. Em seguida, os romanos chamaram de *Graecia* à Hélade e estenderam o termo “grego” a todos os helenos.

⁵⁹ Esse verso remete ao enigma proposto a Édipo pela Esfinge que assolava Tebas: “Qual o ser que anda com quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia, e três à noite?” A resposta de Édipo foi: “O homem”, que na primeira infância engatinha, depois caminha com as duas pernas e, por fim, na velhice, apoia-se sobre uma bengala, seu terceiro pé.

⁶⁰ Um tecido elaborado com fios grossos de lã para a trama, montada sobre uma urdidura feita com fios finos, apresenta-se, ao final, mais grosso, quente e resistente.

⁶¹ A pele de um animal que morre de doença ou velhice é menos espessa e resistente que o couro de um animal saudável, abatido em plena juventude.

⁶² O vento Bóreas é também chamado de Trácio porque vinha do norte, da região dos trácios.

⁶³ Nas longas noites de inverno, os animais ficavam reclusos nos currais, sem trabalhar, e desse modo a sua ração podia ser reduzida. Os homens, não obstante, abrigados do frio, desenvolviam vários trabalhos manuais como a marcenaria, a tecelagem e o trabalho com couros e metais.

⁶⁴ Na Europa, durante o inverno, as noites são bem mais longas que os dias. Com a chegada da primavera, o tempo de duração do dia e da noite torna-se proporcional.

⁶⁵ Como divindade que personifica a terra-mãe, Geia (Γαῖα) é protetora dos frutos que nutrem o homem.

⁶⁶ A estrela Arcturus (Αρκτούρος), próxima à Ursa Maior, aparece no céu do hemisfério norte nos meses de fevereiro e março. Entre os chineses é chamada “Estrela da primavera”, porque anuncia a chegada dessa estação.

⁶⁷ Hesíodo se refere à lenda de Filomena, filha de Pandíon, rei de Atenas (ver guia onomástico). *Pandionis* (Πανδιονις) é a andorinha, que, após o inverno, volta em bandos para a Europa, anunciando a primavera.

⁶⁸ A expressão “aquele que carrega sua casa” refere-se ao caracol. As Plêiades são as estrelas que indicam a chegada da estação chuvosa; por conseguinte, fugir das Plêiades é fugir da chuva que encharca a terra, fazendo o caracol buscar os ramos mais altos das plantas.

⁶⁹ Eos (Ἠώς) é a divindade que preside a Aurora, o nascer do sol. Assim, uma parte do trabalho na terra é feita pelo homem, outra parte, pelo boi, que puxa o arado, e a terceira, pela deusa Eos, ao iluminar os campos, permitindo a realização das tarefas.

⁷⁰ Na Europa, o florescimento do cardo, planta da família das compostas (como a alcachofra), ocorre em junho.

⁷¹ Mais uma vez os astros celestes são evocados para identificar as características das estações. Sirius percorre o céu da Grécia em um período entre a primavera e o verão, época de muito calor e fortes chuvas.

⁷² O vinho de Biblos também é citado em outras obras clássicas. Não se sabe com certeza se o termo Biblos se refere ao tipo de vinho ou à cidade em que se originava a bebida, já que eram muitas as cidades que tinham esse nome na Antiguidade. A mais famosa delas era a Biblos fenícia, situada na costa mediterrânea do atual Líbano.

⁷³ O ato de derramar líquidos com finalidade religiosa, conhecido como “libação”, era um ritual comum às religiões pagãs. Hesíodo faz recomendações sobre esse procedimento.

⁷⁴ A constelação de Oríon (Ὠρίων) aparece no céu da Grécia no princípio de julho, mas só alcança a parte mais alta do céu em setembro.

⁷⁵ A expressão “aquele que dorme de dia” refere-se, metaforicamente, ao ladrão, que dorme de dia e age à noite.

⁷⁶ Arcturus é a estrela mais brilhante da constelação de Bootes (Boiadeiro). No mês de setembro, na Europa, esse astro aparece ao nascer da aurora. Foi esse evento astronômico que gerou a expressão “quando Eos, de róseos dedos, vir Arcturus”.

⁷⁷ As Híades (Ἰνυάδες) são irmãs das Plêiades, e seu nome significa “chuvosas”, pois a aparição dessas estrelas no céu da Europa ocorre na primavera, coincidindo sempre com as chuvas dessa estação.

⁷⁸ A ocultação desses astros no céu do hemisfério norte começa a partir do final de outubro, quando começa o tempo de arar a terra.

⁷⁹ O girar das estrelas no firmamento registra a passagem de um ano completo. Após referir-se aos astros e à sua importância para o agricultor, Hesíodo parece sublinhar a intensidade da relação entre as atividades do homem na terra e os astros do céu.

⁸⁰ Entre outubro e novembro, quando as Plêiades desaparecem do céu da Grécia, dão a impressão de que mergulham no mar. Isso acontece um pouco antes de a constelação de Oríon seguir o mesmo caminho, mergulhando nas águas. A perseguição das filhas de Atlas por Oríon, que é descrita pelo mito (ver guia onomástico), continua, por conseguinte, na abóbada celeste.

⁸¹ O termo utilizado por Hesíodo (πτέρα) para designar as velas aproxima-se de πτέρυγα, que significa asa.

⁸² A Éolida Cumes (Κύμην Αιολίδα) citada por Hesíodo é a cidade de Cumes, fundada por eólios na Ásia Menor. Essa cidade deu seu nome à mais antiga colônia grega na Itália, fundada num promontório da Campânia por gregos vindos de Cumes, Cálcis e Eretria, em meados do século VIII a. C.

⁸³ O povoado de Ascre ficava encravado nas encostas da cadeia montanhosa onde se encontra o Monte Helicon (Ὕμλικων), na Beócia, próximo ao Golfo de Corinto. Segundo Pausânias, a aldeia já não existia no século II d.C., e pode ter desaparecido em função do mau clima, ou ainda, em razão do massacre de seus habitantes por vizinhos de uma cidade próxima.

⁸⁴ Nos mapas do período arcaico, a Eubeia (Ευβοίαν) aparece como uma grande ilha, situada na costa oeste da península grega e separada do continente pelo estreito de Euripos.

⁸⁵ No porto de Áulis (Αυλιδος), a frota dos exércitos gregos liderados por Agamêmnon ficou retida por ventos desfavoráveis, sem poder continuar viagem para Troia. Um oráculo ordenou que o rei sacrificasse sua filha Ifigênia à deusa Ártemis, pois só assim os ventos conduziriam as naus ao seu destino.

⁸⁶ Cálcis (Χαλκίδα) era a principal cidade da Eubeia.

⁸⁷ Anfidamante (Αμφιδαμαντος) poderia ser o rei que morreu em uma batalha naval travada entre Cálcis e Eretria na disputa pela posse da planície de Lelanto.

⁸⁸ Hesíodo refere-se aos jogos fúnebres organizados pelos filhos de Anfidamante em memória do pai. Nesses jogos eram oferecidos prêmios aos aedos que deles participavam.

⁸⁹ No livro IX de *Hellados Periégesis*, Pausânias (115-180 a.C.) afirma ter visto a trípole (vaso de três pés) à qual Hesíodo refere-se no santuário consagrado às Musas, no Monte Helicon.

⁹⁰ Como o solstício de verão na Europa ocorre em junho, Hesíodo refere-se aos meados de agosto.

⁹¹ O respeito à justa medida, ou justa proporção, um dos pilares do pensamento grego, é um tema recorrente em Hesíodo.

⁹² A puberdade tem início após a menarca, a primeira menstruação, que ocorre em geral por volta dos onze anos. Desse modo, Hesíodo recomenda que a mulher se case aos dezesseis.

⁹³ Nos banquetes promovidos pela comunidade os convidados dividiam entre si as despesas.

⁹⁴ Entre os gregos e os romanos, despir-se nos templos ou em qualquer outro lugar consagrado aos deuses era um ato considerado ofensivo às divindades.

⁹⁵ O costume de os homens urinarem agachados, ao qual Hesíodo refere-se, era comum no Egito e na Pérsia. Posteriormente, esse hábito foi assimilado também pelos gregos.

⁹⁶ A ideia de purificação pela água corrente permaneceu entre romanos e cristãos, chegando até os dias atuais.

⁹⁷ A expressão “cinco ramos verdes” representa, metaforicamente, a mão humana, segundo Lloveras. Hesíodo repudia o ato de cortar as unhas durante um banquete aos deuses. Como partes mortas do corpo, as unhas são consideradas impuras.

⁹⁸ O termo que aqui foi traduzido por “taça” (Κράτερος / *crateros*) refere-se aos recipientes confeccionados em madeira, cerâmica ou metal, e usados para beber o vinho. Quanto à recomendação de não colocar a jarra de servir sobre a taça, nos dias de hoje ainda sobrevive a crença de que pode ser funesto o ato de cruzar dois objetos (ou as mãos dos que se cumprimentam).

⁹⁹ O crocitar dos corvos anuncia a chegada do inverno, período em que um homem precisa ter sua casa, o seu abrigo pronto para ser utilizado.

¹⁰⁰ Por seu caráter sagrado, os túmulos e os altares não podiam ser movidos de lugar.

¹⁰¹ A Fama (Φημέ), filha de Geia, é uma divindade alegórica, cujo nome significa “voz pública”. Os artistas a representam como uma deusa de longas asas e voo ligeiro, que espalha pelo mundo mentiras e verdades.

¹⁰² Apolo (Ἀπόλλων) e as Musas presidiam a arte dos aedos, que cantavam ao som da cítara. O sétimo dia era dedicado ao deus Sol, como ainda hoje acontece em diversos calendários com o sétimo dia da semana.

¹⁰³ Em Hesíodo os meses têm trinta dias e são divididos em três décadas. A primeira década, em consonância com as fases da lua, é chamada “crescente”, a segunda, “mediana” e a terceira, “minguante”. Os dias vinham de Zeus, o deus supremo, o Alfa e o Ômega, o início e o fim de todas as coisas, por isso a essa divindade era consagrado o trigésimo dia, aquele que encerrava o mês “minguante”, permitindo a renovação do ciclo de dias, iniciado no dia primeiro do mês “crescente”.

¹⁰⁴ A “previdente” (προβαλοίτο) é a formiga, que trabalha durante o verão, juntando alimento para o inverno.

¹⁰⁵ Indicações como essas podem ser observadas, ainda nos dias de hoje, em diversos calendários agrícolas. São diferentes os dias mais favoráveis para o plantio de sementes, raízes, bulbos e para as mudas já formadas.

¹⁰⁶ O “sexto dia do mês mediano” é o décimo sexto dia de cada mês.

¹⁰⁷ O “primeiro sexto dia” é o dia seis de cada mês.

¹⁰⁸ Ao relacionar o dia do nascimento com algumas características da personalidade, Hesíodo utiliza conhecimentos da antiga astrologia, que aparece nesse texto pela primeira vez na literatura grega. Note-se que, para os gregos antigos, a trapaça e a mentira inteligente eram grandemente valorizadas.

¹⁰⁹ Trata-se do dia catorze.

¹¹⁰ Hesíodo refere-se aos dias quatro e vinte e quatro de cada mês. O número quatro era consagrado ao deus Hermes, mediador entre homens e deuses (ver guia onomástico).

¹¹¹ Os augúrios eram meios pelos quais os gregos tentavam descobrir se os deuses favoreciam uma iniciativa. Entre os vários augúrios que podiam ser consultados, os mais comuns eram: o voo

dos pássaros, as vísceras de animais, sinais da natureza (ventos, trovões) ou a forma de um animal se alimentar.

¹¹² As casas gregas desse período tinham um amplo aposento com uma lareira no centro, o *mégaron*, que era utilizado como sala e cozinha. Esse aposento se abria para outro menor, o *prodomos*, e dele se saía para um pátio, o *aulé*, onde ficavam os estábulos, celeiros e depósitos. Havia ainda um aposento íntimo, o *tálamo*, ocupado pelas mulheres e usado para se guardar os bens mais valiosos em arcas e armários.

¹¹³ O número nove tinha valor ritualístico para os antigos gregos. Deméter corre o mundo durante nove dias à procura de sua filha Perséfone, Leto sofre nove dias e noites as dores do parto de Apolo. As nove Musas nascem de Mnemósina após essa deusa se unir a Zeus por nove noites. Em *Teogonia*, Hesíodo afirma que uma bigorna de ferro levaria nove dias e nove noites para cair do céu até a terra. E o mesmo tempo levaria para cair da terra ao Tártaro profundo. Nove anos é o tempo de punição dos deuses que juram falsamente e é o número de meses da gestação humana. Por ser o último da série dos Algarismos Simples, o nove anuncia o fim de um ciclo e o início de um novo, simbolizando a busca que alcança o objetivo.

¹¹⁴ Há dúvidas sobre o termo *triseinada* (τρισεινάδα), que alguns autores traduzem por vinte e sete (três vezes nove), enquanto outros o consideram o nono dia da terceira década do mês, ou seja, dia vinte e nove.

GUIA ONOMÁSTICO

Aelo (Αελλώ) — Divindade que personifica a Tempestade, é uma das Harpias, filhas de Taumas e da Oceânida Electra. Em Hesíodo eram duas as Harpias. Posteriormente, porém, os poetas acrescentaram uma terceira, denominada Celeno.

Afrodite (Αφροδίτη) — É uma deusa ligada às águas fertilizantes e à fecundidade em geral. Em *Teogonia* Hesíodo faz dela filha do sêmen de Urano, nascida da espuma do mar. Na *Ilíada*, porém, a deusa aparece como filha de Zeus e Dione, o que explica o seu epíteto “Dioneia”. Apesar dos esforços dos mitógrafos para helenizá-la, epítetos como Citereia (Κυθήρειαν) e Ciprogênea (Κυπρογενέα) indicam a origem estrangeira da deusa, provavelmente asiática. Afrodite era reverenciada como *Pandemos* (venerada por todo o povo), inspiradora de amores carnavais, e *Urânia* (celeste), inspiradora de amores transcendentais. Uma versão tardia faz dela esposa de Hefesto, o deus coxo, e amante do violento Ares. Uniu-se a vários deuses e mortais, gerando muitos filhos. O deus Hermes é o pai de Hermafrodito; com Dioniso, gerou Priapo; do mortal Anquises nasceu o herói Eneias; de sua união com o deus da guerra nasceram Eros, Anteros, Deimos, Fobos e Harmonia.

Agave (Άγαιή) — Uma das filhas de Cadmo e Harmonia, casou-se com Équion, rei de Tebas, gerando Penteu. Enlouquecida por Dioniso, despedaçou o filho, que não aceitava o culto do deus do vinho.

Aglaia (Άγλαία) — A mais jovem das três Cárites, de acordo com Hesíodo desposou o deus Hefesto. Representada com um botão de rosa nas mãos, é a personificação da beleza.

Ágrio (Άγριον) — Filho de Circe e Odisseu, reinou com seu irmão Latino sobre os povos etruscos, na Península Itálica.

Aidos (Αἰδώς) — Divindade primordial que personifica o Pudor, a Vergonha, a Reserva, ou, ainda, o Respeito, por si mesmo e pelos outros. Juntamente com Nêmesis, Aidos permanece sobre a terra, entre os homens, como única defesa contra o mal.

Alcmena (Αλκμήνη) — Filha de Electrião, rei de Micenas, e esposa de Anfitrião, foi amada por Zeus. Como Alcmena era uma esposa fiel, o Crônida apresentou-se sob a forma de Anfitrião, o seu esposo, para seduzi-la. Alcmena gerou filhos gêmeos: Hércules, filho de Zeus, e Íficles, de Anfitrião.

Algos (Αλγέα) — É uma das divindades engendradas por Éris e personifica as Dores.

Anfitrião (Άμφιτρυων) — Filho de Alceu, rei de Tirinto, matou acidentalmente Electrião, pai de Alcmena, com quem se casou, gerando Íficles.

Anfitrite (Άμφιτρίτης) — A filha de Nereu e Dóris, esposou Posídon, gerando Tritão.

Apolo (Απόλλων) — Filho de Leto e Zeus, nasceu na Ilha de Delos, onde sua mãe se refugiou da perseguição da ciumenta Hera. Deus da luz solar, era Apolo quem conduzia o carro do Sol. Além de protetor de navegantes, artistas e médicos, também era a divindade responsável por epidemias e mortes súbitas. Dotado de grande beleza, o deus teve várias aventuras amorosas, quase todas malsucedidas.

Aquiles (Άχιλλεύς) — Nasceu da união entre o rei Peleu e a deusa Tétis. Para tornar Aquiles imortal, sua mãe passou ambrosia em seu corpo, manteve-o por algum tempo sobre o fogo e, por fim, o mergulhou nas águas de Estige. O único ponto vulnerável do herói era o calcanhar, local por onde a mãe o sustentara ao mergulhá-lo na lagoa sagrada. Seus mestres foram a

Fênix, com quem aprendeu eloquência, e o centauro Quirão, que lhe ensinou medicina. Aquiles foi o principal herói grego da guerra de Troia, responsável pela morte de Heitor, o príncipe troiano. Morreu no decorrer da guerra, ao ser atingido no calcanhar por uma flecha envenenada disparada por Páris.

Ares (Αρης) — É filho de Zeus e Hera. Deus da guerra, personificava a ferocidade das carnificinas e os combates brutais. Uniu-se a várias deusas, engendrando filhos violentos e cruéis. Com Afrodite, gerou Eros, Anteros, Deimos, Fobos e Harmonia.

Arges (Αργης) — Era um dos três Ciclopes, gigantes com um único olho na testa, filhos de Urano e Geia, que lutaram ao lado de Zeus contra os Titãs. Os outros Ciclopes, irmãos de Arges, eram Brontes e Estérope. Arges personificava o raio, Brontes, o trovão e Estérope, o relâmpago.

Ariadne (Αριάδνη) — Era filha de Minos e Pasífae, soberanos de Creta. Apaixonou-se por Teseu e auxiliou o herói a vencer o Minotauro, dando-lhe um novelo de lã para que pudesse sair do labirinto após matar o monstro. Na volta para Atenas, Teseu abandonou Ariadne na Ilha de Naxos, onde foi encontrada por Dioniso. O deus a desposou, levando-a para o Olimpo, e lhe ofereceu uma coroa de ouro feita por Hefesto. Após a morte da esposa, Dioniso lançou a coroa para o céu, onde permaneceu, tomando a forma de uma constelação.

Aristeu (Αρισταιος) — Filho de Apolo e Cirene, aprendeu com as Ninfas a arte de criar abelhas e coalhar o leite para produção de queijos. Era protetor dos caçadores e pastores. Uniu-se a Autônoe, filha de Cadmo, gerando Acteão.

Ártemis (Αρτεμις) — A virgem caçadora, era venerada em todo o mundo grego como deusa da natureza e senhora dos animais. Filha de Zeus e Leto, nasceu na Ilha de Delos, um pouco antes de seu irmão gêmeo, Apolo. Com o título de *selasphóros*, “a que leva a luz”, a deusa era identificada à deusa Selene, a Lua.

Astéria (Ἀστυρία) — É filha do Titã Ceos e da Titânia Febe. Depois de se unir a Perses e gerar Hécate, foi perseguida por Zeus e, para escapar à violenta sedução, metamorfoseou-se em codorna. Em seguida, lançou-se ao mar, transformando-se na ilha rochosa de Ortígia, depois chamada Delos, onde sua irmã Leto se refugiou para dar à luz Apolo e Ártemis.

Astreu (Ἀστειώ) — Um dos Titãs, uniu-se a Eos, a Aurora, e gerou os Ventos Argeste, ou Euro, Zéfiro, Bóreas e Noto. Por lançar seus filhos contra Zeus, foi por ele transformado em um astro.

Atena (Ἀθήνα) — É filha de Zeus e Métis, divindade que personificava a inteligência, a prudência e a astúcia. Ao ser avisado por Geia e Urano que de sua união com Métis nasceria o filho que o destronaria, Zeus engoliu a deusa em sua primeira gravidez, antes que ela gerasse o herdeiro de seu poder. Além disso, viva em seu ventre, a deusa lhe ajudaria a discernir entre o bem e o mal. Algum tempo depois, Atena nasceu da cabeça de seu pai, vindo ao mundo inteiramente armada e pronta para auxiliar Zeus na luta contra os Titãs. Era uma deusa guerreira, protetora das cidades, mas ligava-se ao elemento úmido e fecundante da natureza, sendo considerada a inventora do leme dos barcos e dos instrumentos agrícolas. A ela também se atribuía a introdução na Hélade da oliveira e dos métodos de preparar o azeite. Deusa de grande sabedoria, Atena também presidia as artes e a literatura, a estratégia militar, a marcenaria, a tecelagem e o bordado.

Atlas (Ἀτλας) — É um Titã, filho de Jápeto e Clímene. Uniu-se a Plêione, gerando as Atlântidas ou Plêiades. Por ter combatido contra Zeus, foi condenado a carregar o mundo sobre os ombros, permanecendo distante, nos confins do mundo, no Jardim das Hespérides. Foi petrificado pela visão da cabeça da Medusa, exposta por Perseu, e transformado em uma imensa montanha.

Autônoe (Αὐτονόη) — É uma das filhas de Cadmo e Harmonia. Uniu-se a Aristeu e gerou Acteão.

Belerofonte (Βελλεροφόντης) — Filho de Eurímede e Glauco, ou de Posídon, segundo outra versão, recebeu ao nascer o nome de Hipônoo, mas foi agraciado com o apelido “Belerofonte” (o matador de Beleros) por ter assassinado o tirano Beleros, de Corinto. O herói matou a Quimera, montado no cavalo Pégaso, e, como Héracles, envolveu-se em perigosas façanhas sob as ordens de Ióbates, rei da Lícia. Foi fulminado por Zeus pela arrogância de ter desejado se tornar imortal.

Bóreas (Βορέας) — Filho de Astreu e Eos, a Aurora, é representado como um velho alado, personificação do vento frio que vem do norte. Habitava uma caverna no Monte Hemo, na Trácia, e uniu-se a Orítia, princesa de Atenas. No decorrer de uma guerra, defendeu essa cidade destruindo com uma tempestade as naves inimigas.

Briaréu (Βριάρεώς) — É um dos três Hecatonquiros, gigantes de cem braços e cinquenta cabeças, filhos de Urano e Geia. Os outros dois eram Cotos e Giges. Além de auxiliar Zeus na luta contra os Titãs, Briaréu ficou ao lado do soberano dos deuses quando Hera, irritada com as traições do marido, insuflou os imortais contra ele, numa revolta. Em retribuição, Zeus deu-lhe a guarda das regiões infernais. Briaréu uniu-se a Cimopolea, filha de Posídon.

Brontes (Βρόντης) — Um dos três Ciclopes, filhos de Urano e Geia, forjava os raios de Zeus e era a personificação do trovão. Seus irmãos Estérope (Στερόπης) e Arges (Ἄργης), por sua vez, personificavam o relâmpago e o raio.

Cadmo (Καδμῶ) — Filho de Agenor, rei da Fenícia, era irmão de Europa, a princesa que foi raptada por Zeus metamorfoseado em touro. Construiu Tebas, cidade da qual se tornou rei. Casou-se com Harmonia, gerando cinco filhos: Agave, Sêmele, Ino, Polidoro e Autônoe. No casamento de Cadmo e Harmonia, os deuses ofertaram presentes que continham uma terrível maldição: todos os filhos do casal teriam mortes terríveis. Dessa forma, puniam Cadmo por ter matado uma serpente

consagrada ao deus Ares ou, segundo outra variante, puniam Harmonia, fruto do amor adúltero de Afrodite e Ares.

Calíope (Καλλιόπη) — Uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina, é aquela que precede todas as outras e dá ao cantor uma bela voz.

Calipso (Καλυψω) — Filha de Atlas e Plêione, ou de Hélios e Perse segundo outra versão, vivia na Ilha Ogígia, em uma gruta profunda cercada por um bosque sagrado. Acolheu o herói Odisseu, que chegou às suas praias como náufrago, e dele gerou Nausítoos e Nausínoos.

Calíroë (Καλλιρόη) — É uma das Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis. Uniu-se a Crisaor, o filho de Medusa, gerando dois filhos monstruosos: Gerião e Équidna.

Caos (Χάος) — É a matéria eterna do Universo, carregada de energia geradora de formas. Trata-se de uma divindade primordial, o abismo profundo, o vazio que antecedeu à criação de todos os deuses. O termo tem a mesma raiz do verbo χαίνειν (abrir-se, entreabrir-se). De Caos surgiram Geia, a Terra; Tártaro, o espaço profundo nas entranhas da terra, e Eros, energia que aglutina e organiza a matéria, o impulso que leva à criação. De Caos surgiram também Érebo, a escuridão profunda, e Nix, a Noite primordial.

Cárites (Χάριτες) — As belas filhas de Zeus e da Oceânida Eurínome, eram três: Aglaia (Αγλαία), a Beleza, Eufrosina (Ευφροσύνη), a Alegria e Tália (Θαλεια), a Abundância. Essas divindades, chamadas de “Graças” pelos latinos, personificavam o prazer, a alegria de viver. Eram companheiras das Musas e faziam parte do cortejo de Afrodite. Presidiam as boas conversas, as relações sociais, e sua função era espalhar alegria.

Céfalo (Κεφάλω) — É filho de Déion e Diomeda, ou de Hermes e Herse, segundo outra tradição. Uniu-se a Prócris, filha de Erecteu, e foi amado por Eos, a Aurora, gerando Faetonte.

Ceos (Κοίος) — É um dos Titãs, filhos de Geia e Urano. Uniu-se à Titânia Febe, gerando Leto e Astéria.

Cérbero (Κέρβερρον) — Filho de Tifão e Équidna, guardava o portal da entrada do reino dos mortos, domínio do deus Hades e de sua esposa Perséfone. Tinha múltiplas cabeças e serpentes enleadas em seu pescoço. Deixava entrar as sombras dos mortos, mas não permitia a partida de nenhuma delas.

Ceto (Κητώ) — Filha de Pontos e Geia, é uma deidade feminina, cujo nome significa “criatura marinha”. Uniu-se a Fórcis, seu irmão, gerando as Greias e as Górgonas.

Cimopolea (Κυμοπόλειαν) — Filha de Posídon e Anfitrite, uniu-se ao Hecatonquiros Briaréu, gerando as Ninfas Oiolicas e Etna. Era a deusa das grandes ondas geradas durante as tempestades no mar.

Circe (Κίρκη) — Filha de Hélios e da Oceânida Perse ou, segundo outra versão, da deusa Hécate. Casou-se com o rei dos Sármatas, povo nômade do norte do Cáucaso, mas envenenou o esposo e teve de fugir para a Ilha de Ea, ou Eeia, na costa da Itália. Circe transformava em animais todos os homens que invadiam os seus domínios. O herói Odisseu, porém, subjuguou a deusa-feiticeira, com quem teve os filhos Ágrios, Telégono, Latino e a jovem Cassifoneia.

Clímene (Κλυμένην) — Também chamada “Ásia”, era uma das Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis. Uniu-se a Jápeto, gerando Atlas, Prometeu, Epimeteu e Menécio. Outra versão faz dela esposa de Hélios, com quem teria gerado Faetonte e as Helíades.

Clio (Κλειώ) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina. Seu nome significa “Glória”, ou seja, aquela que dá ao canto o poder de glorificar.

Cotos (Κόττω) — Um dos três Hecatonquiros, filhos de Geia e Urano, lutou ao lado de Zeus contra os Titãs, juntamente com seus irmãos Briaréu e

Giges.

Crio (Κρειον) — É um dos Titãs, filhos de Urano e Geia. Uniu-se a Euríbia, gerando Astreu, Palas e Perses.

Crisaor (Χρυσάωρ) — Gigante filho de Medusa e Posídon, nasceu do pescoço da Górgona depois que esta foi degolada por Perseu. Seu nome deriva do termo “ouro” (χρυσάφι / *crisafi*), e diz respeito à espada de ouro com a qual o gigante veio ao mundo. Uniu-se a Calírroe, gerando o gigante Gerião e Équidna.

Crono (Κρόνον) — O mais novo dos Titãs, filhos de Geia e Urano, emasculou seu pai, cortando-lhe os genitais. Uniu-se depois à sua irmã, a Titânia Reia, com quem teve Héstia, Deméter, Hera, Hades e Posídon, filhos que ele devorou ao nascerem. Seu filho mais novo, Zeus, lutou contra o pai e o venceu, conquistando assim o poder sobre deuses e homens.

Deimos (Δειμος) — Era filho de Ares e Afrodite. Personificava o Terror que acompanha as guerras sangrentas e dirigia o carro de seu pai, Ares, durante os combates.

Deméter (Δημήτηρ) — Filha de Crono e Reia, deusa da terra cultivada, favorece a germinação do trigo. Uniu-se a seu irmão Zeus, gerando Perséfone, personificação do grão, da semente que germina sob a terra. Uniu-se a Iasião, gerando Pluto. Metamorfoseada em égua, uniu-se a seu irmão Posídon, gerando o veloz Arião. Seu santuário mais importante estava localizado em Elêusis, e, em Roma, foi identificada à deusa Ceres.

Diké (Δίκη) — A Justiça, é uma das Horas, filhas de Zeus e da deusa Têmis. As outras irmãs são Eunômia (Ευνομία), a Disciplina, e Irene (Ειρήνη), a Paz. Diké representa a Justiça dos homens, as leis e os julgamentos.

Dione (Διώνη) — Deusa da primeira geração divina, é uma das Titânias, filhas de Urano e Geia (ou de Oceano e Tétis, de acordo com outra variante). Em Dodona, onde a cultuavam como uma Grande-Mãe, a deusa

era considerada esposa de Zeus. Uma antiga tradição atribui a Dione a maternidade de Afrodite.

Dioniso (Διόνυσος) — Deus dos vinhedos, da colheita das uvas, do vinho e da fertilidade, nasceu de Zeus e da princesa Sêmele, filha de Harmonia e Cadmo. Ao engravidar, Sêmele foi enganada pelos artifícios de Hera e, levianamente, insistiu para que Zeus se apresentasse diante dela em sua aparência divina. Por ter jurado pelas águas de Estige que jamais recusaria um pedido da princesa, Zeus foi obrigado a mostrar-se em todo o esplendor de sua glória. Os raios que o cercavam incendiaram o palácio, e a jovem morreu carbonizada. Rapidamente, Zeus retirou o filho do ventre de Sêmele e colocou-o em sua própria coxa, onde a criança se desenvolveu até se completar o tempo necessário para o nascimento. As lendas de Dioniso reúnem elementos de várias culturas e descrevem um deus viajante, filho do senhor dos deuses e de uma mortal, que anda pela terra acompanhado de um alegre séquito, ensinando os homens a plantar vinhedos e a produzir o vinho.

Dóris (Δωρίδος) — Era filha de Oceano e da Titânia Tétis. Divindade da fecundidade da água, Dóris tinha o dom da profecia, como seu esposo Nereu, com quem gerou as cinquenta Nereidas.

Éaco (Αἰακός) — Filho de Zeus e da ninfa Egina, depois de viver sozinho durante muito tempo na Ilha Enone, pediu ao pai que transformasse as formigas de um carvalho sagrado em homens. E assim surgiu a raça dos mirmidões (μυρμήγκι / *mirmigki* / formiga). Éaco uniu-se a Endeis, gerando uma filha, Aicímaco, e dois filhos, Télamon e Peleu. Depois, uniu-se a Psamante, gerando Foco. Por sua grande bondade e sabedoria foi amado pelos deuses e, após sua morte, tornou-se um dos juízes do Hades, juntamente com Minos e Radamanto. Éaco foi avô do herói Aquiles.

Édipo (Οἰδίπους) — Era filho de Laio, rei de Tebas, e de Jocasta. Logo ao nascer foi abandonado no Monte Citéron, pois um oráculo advertiu que aquele filho mataria o pai e se casaria com a mãe. Um pastor, porém, o recolheu e o levou aos reis de Corinto, que o adotaram como filho. Na

adolescência, ao tomar conhecimento do vaticínio de Delfos, Édipo tentou fugir ao seu destino e partiu de Corinto em direção a Tebas. No caminho encontrou-se com Laio e o matou, sem saber que era o seu verdadeiro pai. Próximo à cidade, venceu a Esfinge, monstro que assolava a região, ganhando como prêmio o trono de Tebas e a mão da rainha Jocasta, sua mãe. Dessa união incestuosa nasceram: Etéocles, Polinice, Antígona e Ismena, todos eles de cruel destino.

Eetes (Αἰήτας) — Filho do deus Hélios e da Oceânida Perse, era irmão da feiticeira Circe, de Pasífae e Perses. Segundo uma das versões do mito, Eetes se uniu a Hécate; outras versões, entretanto, fazem dele esposo de Eurílite, Neera ou Idíia. Reinou sobre Ea, na Cólquida, próximo ao Cáucaso, e gerou Calcíope, Apsirto e Medeia. Era o guardião do velocino de ouro, antes que Jasão dele se apoderasse.

Electra (Ηλέκτρα) — É uma das três mil Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis. Uniu-se a Taumas, gerando Íris e as Harpias.

Emátion (Ημαθίων) — Filho de Eos, a Aurora, e de Titono, reinou numa região da Macedônia, que recebeu seu nome. Costumava assassinar os viajantes que chegavam a seu palácio e foi morto por Héracles.

Eneias (Αινείας) — Um herói troiano, era filho de Afrodite e Anquises. Aos cinco anos foi confiado ao centauro Quirão, que se encarregou de educá-lo. Casou-se com Creúsa, com quem teve um filho, Ascânio. Ao final da guerra de Troia, reuniu sobreviventes e partiu, levando o velho pai às costas e o filho nos braços. Depois de longa viagem, chegou ao Tibre, onde lutou contra tribos locais. Casou-se com Lavínia, filha do rei Latino, e reinou sobre o Lácio.

Enio (Ενυώ) — Uma das Greias, filhas de Fórcis e Ceto, é também uma deusa da guerra e participa do cortejo de Ares.

Eos (Ἠώς) — Filha da Titânia Teia e do Titã Hiperión, é a deusa que preside a Aurora, irmã de Hélios, o Sol, e Selene, a Lua. Aparecia no horizonte num carro puxado por cavalos dourados, anunciando a volta do

dia. Uniu-se a Astreu, gerando os ventos e os astros, entre eles, Eósforo, a estrela d'Alva. Com Titono ela gerou dois filhos: Emation e Mêmnon. Segundo Hesíodo, uniu-se também a Céfalos, gerando Faetonte.

Eósforo (Εωσφόρον) — É filho de Astreu e de Eos, a Aurora. Seu nome, Eósforo, significa “o que traz a aurora”. O deus é a personificação da estrela d'Alva, o planeta Vênus, e precedia o carro de sua mãe Eos, a Aurora.

Équidna (Εχιδνα) — A Ninfa-serpente, é filha de Tártaro e Geia, ou ainda, de Fórcis e Ceto, ou Crisaor e Calíroe, segundo outras versões. Vivia numa caverna da Cilícia, no país dos árimos, e devorava os viajantes que dela se aproximavam. Outra versão afirma que Équidna vivia no Peloponeso. Com Tifão gerou filhos monstruosos: Orto, Cérbero, Hidra de Lerna e Quimera. Com Orto gerou a Esfinge e o Leão de Nemeia. Foi morta enquanto dormia, por Argos, o gigante de cem olhos.

Érato (Ερᾶτω) — Uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina, suscita no coração do homem o desejo pelo canto.

Érebo (Ερεβός) — Representa as trevas das profundezas da terra. É também o espaço intermediário entre os Campos Elísios e o Tártaro, regiões sob o domínio de Hades, o deus dos espaços subterrâneos. Trata-se de um deus primordial, filho de Caos e irmão de Nix, com quem gerou Éter, o céu superior, e Hêméra, a luminosidade do dia.

Erínias (Ερινύς) — Eram as deusas que personificavam a vingança. Nasceram de Geia, do sangue de Urano que caiu sobre a terra quando esse deus foi emasculado por seu filho Cronos. Eram divindades terríveis, vingadoras das grandes faltas, individuais ou coletivas, e perseguiram com furor os crimes cometidos contra o sangue parental. Foram chamadas de Fúrias pelos romanos, e eram três: Alecto, a Interminável; Tisífone, o Castigo; Megera, o Rancor.

Éris (Ερις) — Divindade primordial, filha de Nix, personificava a luta, os embates gerados pela discórdia. Era representada como uma entidade feminina alada e engendrou inúmeros seres malignos, tais como Pónos, a

Fadiga; Lete, o Esquecimento; Limós, a Fome; Algos, as Dores, e Hórcos, o Juramento. Outra tradição faz dela filha de Ares, o deus da guerra, a quem acompanhava nos combates intensificando o ódio entre os combatentes. Em *Trabalhos e dias* Hesíodo afirma que são duas as Éris, as “lutas”, e não apenas uma. Há uma Éris maléfica, que preside os trabalhos da guerra, e outra Éris benéfica ao homem. Esta última estimula o desejo de trabalhar e de produzir riquezas.

Eros (Ερως) — É um deus primordial, que representa a força de coesão que leva à ordenação da matéria informe do Caos. Para os órficos, Eros nasce de uma imensa esfera, um ovo cósmico engendrado por Nix, juntamente com Geia e Urano, que surgiram das partes do ovo dividido em dois. Com o tempo, os poetas criaram várias outras genealogias para o deus, que representa o impulso criativo do amor. Uma variante faz dele filho de Ares e da deusa Afrodite. Uniu-se à princesa Psiquê e gerou a Volúpia.

Esão (Αἰσών) — Era filho de Creteu, rei de Iolco, uma região da Tessália. Uniu-se a Polímede, gerando Jasão. Foi deposto do trono por Pélias, seu meio-irmão.

Esfinge (Φῑκ) — Filha da união incestuosa de Équidna e Ortro, tinha rosto e busto de mulher, corpo de leão, cauda de dragão, e asas como as das Harpias. Foi enviada a Tebas pela deusa Hera para punir a cidade pelo crime de Laio, que havia sequestrado o jovem Crisipo, filho de Pélope, e provocado o seu suicídio. A Esfinge propunha um enigma aos viajantes, devorando aqueles que não fossem capazes de resolvê-lo. Ao decifrar o enigma proposto pela Esfinge, Édipo livrou a região da presença do monstro.

Estérope (Στερόπης) — Um dos Ciclopes, filhos de Urano e Geia, era a personificação do relâmpago. Os outros dois Ciclopes, Arges e Brontes, personificavam o raio e o trovão. Os três lutaram ao lado de Zeus contra os Titãs.

Estige (Στύξ) — Era uma das Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis. Uniu-se a Palas, gerando quatro filhos: Zelo (Ζηλο), a Dedicação; Nique (Νίκη), a Vitória; Crato (Κράτος), o Poder, e Bias (Βίην), a Força. Estige e seus filhos ficaram ao lado de Zeus em sua luta contra os Titãs e, em retribuição, o deus do Olimpo determinou que os juramentos dos deuses fossem feitos sobre as águas de Estige. Alguns autores da Antiguidade atribuíam propriedades benéficas a essas águas, outros lhe conferiam caráter maligno.

Éter (Αιθήρ) — É uma divindade masculina que representa a luminosidade do céu superior. Filho de Nix e irmão de Hêméra, a luz do Dia, forma com sua irmã uma par semelhante ao formado por Érebo e Nix, as trevas das profundezas e as trevas primordiais.

Euríbia (Ευρυβίη) — Filha de Pontos e Geia, personifica a imensa força das águas do mar, que corrói a dureza das rochas nos litorais. Uniu-se a Crio, gerando Astreu, Palas e Perses.

Eurínome (Εύρυνομη) — É uma das Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis. Uniu-se a Zeus, gerando as Cárites e o deus fluvial Asopo.

Euritião (Ευρυτίων) — Era o guardião dos bois do gigante Gerião, na Ilha de Eriteia, juntamente com o cão Ortro. Foi morto por Hércules.

Euterpe (Ευτέρπη) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina. Seu nome significa “Alegria”, o contentamento que inunda o coração de quem ouve o canto do aedo.

Faetonte (Φαέθων) — É apresentado por Hesíodo como filho de Céfalos e Eos, mas uma variante mais comum faz dele filho de Hélios e Clímene. Ao ter sua origem divina contestada por Épafo, filho de Zeus e Io, Faetonte pediu a Hélios para demonstrar diante de todos que era seu pai, deixando-o conduzir o carro do Sol. Sua falta de habilidade provocou grandes incêndios no céu e na terra, o que levou Zeus a fulminá-lo. Na versão de Hesíodo, Faetonte, ainda jovem, foi arrebatado por Afrodite, tornando-se guardião de seu santuário.

Fama (Φημέ) — Filha de Geia, é uma divindade alegórica, cujo nome significa “voz pública”, representada como uma deusa de longas asas e voo ligeiro, que espalha pelo mundo mentiras e verdades.

Febe (Φοίβη) — É uma das Titânias, filhas de Urano e Geia. Uniu-se ao Titã Ceos, gerando as deusas Leto e Astéria. Deve-se a ela a instituição do Oráculo de Delfos, um presente que ofertou a Apolo, seu neto.

Filira (Φιλυρίδης) — Uma das Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis, uniu-se a Náuplio, com quem teve muitos filhos, e ao deus Crono, que para alcançá-la se transformou em um cavalo. Dessa união nasceu o centauro Quirão.

Fobos (Φόβος) — Filho de Ares e Afrodite, é a personificação do Medo, que, nas batalhas, incitava os guerreiros à fuga.

Foco (Φωκον) — É filho de Éaco e Psámate. Sua mãe transformou-se em foca para tentar escapar da perseguição de Éaco, e o nome do herói teve origem nesse acontecimento. Foco deixou Egina, a terra de seu pai, e conquistou uma região na Grécia central, à qual deu seu nome: a Fócida.

Fórcis (Φόρκυν) — Filho de Pontos e Geia, é chamado “o senhor do mar” e preside às tempestades. Uniu-se a Ceto, gerando as Greias e as Górgonas.

Geia (Γαῖα) — É uma divindade cósmica primordial que personifica a terra. Foi a primeira a surgir do Caos. Simbolicamente, é o princípio feminino e passivo da criação, complementado por Urano, o princípio masculino e ativo. Geia é a mãe de todos os seres, mortais e imortais. Aquela que concede e consome a vida. Sem o concurso de um parceiro, a deusa gerou Urano, o Céu, as Montanhas e Pontos, o Mar. Em união com Urano, gerou os seis Titãs: Oceano, Ceos, Crio, Hiperión, Jápeto e Crono; as seis Titânias: Teia, Reia, Têmis, Mnemósina, Febe e Tétis; os Ciclopes e os Hecatonquiros. Urano escondia todos esses filhos colossais no seio de Geia, e ela, sentindo-se oprimida, cada vez mais repleta de filhos, lhes pediu que emmasculassem o pai. Crono, o mais novo, atendeu à mãe e,

quando Urano se aproximou para cobrir Geia, cortou com uma foice os seus genitais. Fecundada pelo sangue de Urano, Geia ainda pariu as Erínias, os Gigantes e as Melíades. Unindo-se a Pontos, pariu Nereu, Taumas, Fórcis, Ceto e Euríbia. Com Tártaro gerou o monstruoso Tifão. Outras tradições fazem de Geia mãe de diversos outros monstros, como Píton, Caribde e Anteu.

Gerião (Γηρυών) — Filho de Crisaor e Calírroe, era um gigante de três cabeças, que morava na Ilha Eriteia, ou Eritia, situada no extremo ocidente. Gerião tinha um enorme rebanho de bois, guardado pelo pastor Euritião e pelo cão Ortro. Foi morto por Héracles.

Gigantes (Γίγαντες) — Eram seres imensos, de grande poder, gerados por Geia fecundada pelo sangue de Urano. Embora tivessem origem divina, podiam ser destruídos se atacados simultaneamente por um deus e um mortal. Na luta contra Zeus, foram exterminados com o auxílio de Héracles.

Giges (Γύγη) — Era um dos Hecatonquiros, filhos de Urano e Geia, irmão de Cotos e Briaréu.

Górgonas (Γοργούς) — Era o nome dado a três deusas terríveis, filhas de Fórcis e Ceto: Esteno, Euríale e Medusa. Com cabeleiras de serpentes e aspecto monstruoso, podiam transformar em pedra todos aqueles que as olhassem. Diferente de suas irmãs, que eram imortais, Medusa foi morta por Perseu. Eram irmãs das Greias.

Greias (Γραίαι) — Filhas de Fórcis e Ceto, eram chamadas “Velhas”, por terem os cabelos completamente brancos. Hesíodo indica apenas duas irmãs: Enio e Penfredo. Posteriormente acrescentou-se Dino, uma terceira irmã. Outra versão mítica as descreve como velhas horrendas, com um único olho e um único dente, dos quais se serviam alternadamente. Eram irmãs das Górgonas.

Hades (Αΐδης) — Era um dos filhos de Crono e Reia. Na divisão realizada por Zeus, após a vitória sobre os Titãs, coube a esse deus o domínio sobre as ricas regiões subterrâneas e também sobre as sombras dos

mortos. Hades raptou Perséfone, filha de sua irmã Deméter, mas dessa união nenhum filho foi gerado. A jovem deusa, personificação do grão, permanece nas regiões subterrâneas durante um terço do ano, mas depois sobe à superfície para ficar com sua mãe.

Harmonia (Αρμονία) — Filha de Ares e Afrodite, casou--se com o mortal Cadmo, fundador da cidade de Tebas, e com ele teve cinco filhos: Agave, Sêmele, Ino, Polidoro e Autônoe, todos de trágico destino.

Harpías (Αρπυιάς) — As filhas de Taumas e da Oceânida Electra, eram duas: Aelo (Ἄελλώ), a Tempestade, e Ocípete (Ὠκυπέτης), a Veloz. Posteriormente, os poetas acrescentaram uma terceira, denominada Celeno.

Hebe (Ἥβην) — Filha de Zeus e Hera, deusa da eterna juventude, dedicava-se aos afazeres domésticos na morada dos Deuses. Esposou Hércules quando o herói, após a sua morte, foi levado por Zeus para o Olimpo.

Hécate (Ἑκάτη) — Filha de Perses e Astéria, era uma divindade lunar muito antiga, originária da Trácia. Com o tempo passou a ser identificada a outras divindades como Deméter, Perséfone e Ártemis. Seu nome parece ser a forma feminina de um epíteto de Apolo, *Hécatos*, “o que fere de longe” ou “o que fere à sua vontade”. Presidia à magia e à feitiçaria, junto às encruzilhadas, aos túmulos ou lugares onde houvesse ocorrido um crime. Era representada com três cabeças ou três faces de mulher: uma jovem, uma adulta e outra idosa.

Hecatonquiros (Ἑκατόνχειρες) — Eram três irmãos, filhos de Urano e Geia: Cotos, Briaréu e Giges. O termo hecatonquiro (“de cem mãos”) descreve essas criaturas gigantescas, com cinquenta cabeças e cem braços, que auxiliaram Zeus na luta contra os Titãs.

Hefesto (Ἥφαιστος) — Era filho de Hera, gerado sem o concurso de Zeus. Uma variante faz dele filho de Hera e Zeus. A criança feia e disforme foi rejeitada por sua mãe logo ao nascer e atirada do alto do Olimpo. Na queda Hefesto quebrou as pernas, tornando-se coxo. Deus do fogo, dos

vulcões e dos trabalhos com metais, era o artesão do Olimpo. Segundo Hesíodo, uniu-se a Aglaia, a mais jovem das Cárites. Outra versão faz dele esposo de Afrodite.

Helena (Ελένης) — Era filha de Zeus e Leda, esposa do rei Tíndaro da Lacedemônia. Zeus seduziu Leda tomando a forma de um cisne, e, após essa união, a rainha pôs dois ovos. De um dos ovos nasceram Castor e Helena, do outro, Clitemnestra e Pólux. Os primeiros eram filhos de Zeus, portanto, imortais. Helena casou-se com Menelau e foi raptada por Páris, príncipe troiano. Esse rapto foi o pretexto para a guerra de Troia.

Hélio (Ελιόν) — Filho do Titã Hiperión e da Titânia Teia, era a divindade que personificava o Sol. Uniu-se à Oceânida Perse, gerando Circe, Eetes, Pasífae e Perses. Com a Nífa Rodes gerou os sete Heliádes. Com Clímene, teve Faetonte e as Heliádes. Com Neera gerou Lampécia e Faetusa. Era venerado como o deus que tudo vê e tudo sabe. Seu culto foi decrescendo em prestígio com a ascensão do culto de Apolo em toda a Grécia.

Hêmera (Ημέρη) — É concebida como uma divindade feminina, personificação da luz do dia. Éter e Hêmera formam um casal ligado à luz, da mesma forma que Érebo e Nix ligam-se às trevas.

Hera (Ηρα) — Filha de Crono e de Geia, casou-se com seu irmão Zeus e compartilhava de seus atributos. De sua união com Zeus gerou Ares, Hebe e Ilítia. Como vingança por Zeus ter gerado Atena sem sua participação, sozinha deu à luz Hefesto. Em outra versão, o filho gerado sem o concurso de Zeus foi o monstro Tifão. Era venerada como protetora dos casamentos, das esposas e mães, a quem ajudava nos partos. Ciumenta e vingativa, Hera perseguia as amantes de Zeus e os filhos dessas uniões ilegítimas. Seu pássaro é o pavão, que traz na cauda os cem olhos do gigante Argos.

Héracles (Ηρακλής) — Era filho de Zeus e Alcmena, esposa de Anfitrião, rei de Tirinto. Para seduzir a fiel Alcmena, Zeus assumiu a forma de seu esposo ausente, pouco antes que este retornasse ao lar. A rainha

gestou gêmeos. Um deles, Íficles, era filho do marido Anfitrião, o outro era Héracles, filho de Zeus. Por conselho do oráculo de Delfos, Héracles executou sob as ordens de Euristeu, soberano de Tirinto, Micenas e Mideia, doze trabalhos que o purificaram do crime de assassinar seus filhos, num acesso de loucura provocado pela deusa Hera. O primeiro desses trabalhos foi a luta contra o Leão de Nemeia. A este se seguiram mais cinco trabalhos realizados na região do Peloponeso: a luta contra a Hidra de Lerna, a caçada ao javali de Erimanto, a captura da cervo Cerineta, o enfrentamento das aves da lagoa Estinfale e a limpeza dos estábulos de Augias. Os trabalhos seguintes foram realizados em outras partes do mundo: a captura de um touro sagrado, em Creta; o roubo dos cavalos de Diomedes, na Trácia; a conquista do cinto de Hipólita, rainha das amazonas, na Cíntia; o roubo dos bois de Gerião, em Eritreia, no extremo ocidente; o roubo dos pomos de ouro, no Jardim das Hespérides; a captura do cão Cérbero, o guardião das regiões infernais. Após uma vida de lutas, sob a incansável perseguição de Hera, esposa de Zeus, Héracles foi levado pelo pai ao Olimpo, onde se reconciliou com Hera, casando-se com Hebe, deusa da juventude eterna. Esse casamento simboliza o acesso do herói à imortalidade divina.

Hermes (Ερμης)) — Filho de Zeus e da Atlântida Maia, era uma divindade muito antiga, invocada a princípio como protetor de pastores e rebanhos, guardião dos cavalos e dos animais selvagens. Entre seus inventos estão a lira, a flauta e a balança. Com a invasão dórica, Hermes perdeu grande parte de seus atributos pastoris para Apolo, tornando-se então o protetor das estradas, dos viajantes e dos comerciantes. Aos poucos, passou a presidir o comércio e as atividades dos prestidigitadores e dos ladrões. Como mensageiro do Olimpo é representado com capacete e sandálias alados, levando na mão o caduceu, uma vara mágica que recebeu de Apolo em troca da lira. O epíteto “Argifonte” (Αργειφόντης) significa “o que matou Argos”, pois a mando de Zeus cortou a cabeça do gigante Argos, filho de Agenor, e colocou os seus cem olhos na cauda do pavão, ave consagrada à deusa Hera.

Hespérides (Εσπερίδες) — Eram as três divindades do poente: Egle, Eritia e Hesperetusa. Essas deusas, filhas de Nix, ou de Zeus e Têmis, segundo outra versão, viviam nas proximidades do Rio Oceano e cuidavam do Jardim dos Deuses, onde cresciam os frutos dourados que Geia criara para presentear Hera em seu casamento com Zeus. Elas eram auxiliadas nessa função por Ladão, uma serpente-dragão de cem cabeças.

Héstia (Ιστίη) — Filha de Crono e Reia, recusou o amor de Apolo e de Posídon, pois havia feito um voto de castidade. Recebeu a honra de ser venerada em todos os lares e, em Roma, tinha um lugar especial sobre as lareiras. É uma deusa que não aparece nos poemas homéricos.

Híades (Υαδες) — Eram filhas de Atlas e de Etra, ou de Plêione, segundo outra tradição, e irmãs das Plêiades. Zeus as transformou em estrelas como recompensa por terem alimentado o pequeno deus Dioniso. O nome significa “chuvosas”, porque sua aparição no céu da Europa ocorre na primavera, coincidindo sempre com as chuvas dessa estação.

Hidra (Υδρην) — Filha de Tifão e Équidna, era uma serpente aquática, de múltiplas cabeças, que assolava os pântanos de Lerna, próximo a Argos. O hálito venenoso do monstro exterminava todos os que se aproximavam da região, e cada vez que lhe cortavam uma cabeça, crescia outra em seu lugar. Foi morta por Héracles, com a ajuda de Iolau.

Hímero (Ιμερος) — Aparece em Hesíodo como uma divindade que personifica o Desejo. Companheiro das Musas e das Cárites, o deus Hímero participa com Eros do cortejo da deusa Afrodite. Em Homero esse deus também se apresenta associado a Eros, representando de forma alegórica o desejo amoroso.

Hiperíon (Υπερίωνος) — É um dos Titãs, filhos de Urano e Geia. Uniu-se à Titânia Teia, gerando filhos que personificam a luminosidade celeste: o Sol (Hélio), a Lua (Selene) e a Aurora (Eos).

Hipno (Υπνόν) — Filho de Nix, a noite, é a divindade do sono, irmão gêmeo de Tânatos, a morte. Hipno também é representado como um deus

alado, que acompanha sua mãe em seu percurso sobre a terra e o mar, adormecendo os mortais. Uma versão faz dele o pai dos Sonhos (*Oníros*).

Horas (Ωρας) — Eram as três filhas de Zeus e Têmis, representadas como graciosas jovens companheiras das Musas. Chamavam-se Eunômia (Ευνομίην), a Disciplina, Diké (Δίκην), a Justiça, e Irene (Ειρήνην), a Paz. Primitivamente essas divindades representavam as estações do ano, e os atenienses se referiam a elas por nomes que evocam a ideia de desabrochar, crescer e frutificar (*Talo, Auxo e Carpo*). As Horas cuidavam do crescimento da vegetação e zelavam pelas instituições políticas e sociais. Mais tarde, como doze irmãs, passaram a presidir as horas do dia.

Hórcos (Ορκον) — Filho de Éris, é a personificação do Juramento. Ao nascer, Hórcos foi cuidado pelas Erínias, divindades terríveis, vingadoras dos crimes e das grandes faltas, individuais ou coletivas.

Iasião (Ιασίων) — Era filho de Zeus e da Atlântida Electra. Uniu-se a Deméter, gerando Pluto, personificação da fartura e da riqueza. Uma versão do mito afirma que Iasião foi fulminado por Zeus, outra faz dele esposo de Reia. Dessa união nasceu Coribante, epônimo dos sacerdotes da deusa Reia, ou Cibele, segundo os romanos.

Idíia (Ιδυιαν) — É uma das Oceânidas, filhas de Oceano e Tétis. Segundo Hesíodo, uniu-se a Eetes, rei da Cólquida, gerando Medeia.

Ilítia (Είλειθια) — Filha de Zeus e Hera, apresenta atribuições semelhantes às de sua mãe. Seu nome significa “a que acode, a que intervém”. Tinha como função assistir as mulheres em trabalho de parto, e é representada como uma jovem com um archote que simboliza a vida que vem à luz.

Ino (Ινω) — É filha de Cadmo e Harmonia. Uniu-se a Atamante, um rei da Beócia, gerando Learco e Melicerta.

Iolau (Ιολάω) — Era filho de Íficles e Automedusa, sobrinho e companheiro de Héracles. Como condutor do carro do herói, Iolau

acompanhou Héracles em várias aventuras e o auxiliou na realização de alguns trabalhos, como a luta contra a Hidra de Lerna. Participou da expedição dos argonautas e após a morte de Héracles erigiu vários templos para o herói divinizado. Já bem velho, matou Euristeu, por sua incansável perseguição aos Heráclidas, descendentes e seguidores de Héracles.

Íris (Ἥρην) — Filha de Taumas e da Oceânida Electra, é representada como uma jovem alada, vestida com as cores do arco-íris. De forma semelhante a Hermes, o mensageiro dos deuses, Íris é uma divindade que atua como intermediária entre o céu e a terra.

Jápeto (Ἰαπετόν) — Ou Iápeto, era um dos Titãs, filho de Geia e Urano. Uniu-se a Clímene, com quem teve quatro filhos: Atlas, Menécio, Prometeu e Epimeteu. Lutou contra Zeus e foi lançado ao Tártaro.

Jasão (Ἰασίω) — É o filho de Esão, rei de Iolco, e de Polímede (ou Alcímede). Quando Pélias destronou Esão, o príncipe herdeiro foi enviado para o exílio. Educado pelo centauro Quirão, ao completar a maioridade Jasão voltou a Iolco para reclamar seu direito ao trono. Pélias impôs ao príncipe a busca do velocino de ouro, que estava na Cólquida. Para tal empresa foi construída a nave Argos, e vários heróis, chamados “argonautas”, se reuniram para levar adiante a aventura. Medeia, filha de Eetes, o rei da Cólquida, auxiliou Jasão a se apoderar do velocino e fugiu com o herói. Em Corinto, Jasão comprometeu-se com Creúsa, filha do rei Creonte, e repudiou Medeia, que se vingou matando a jovem e os filhos de sua união com Jasão. Uma versão afirma que o herói, desesperado, suicidou-se.

Latino (Λατινόν) — Filho de Circe e Odisseu, ou de Héracles e Palanto, em outra versão, uniu-se a Amada e gerou Lavínia. Acolheu Eneias quando este chegou ao Lácio.

Lete (Λήθην) — Personificação do Esquecimento, é uma das divindades engendradas por Éris.

Leto (Λητώ) — É filha do Titã Ceos e da Titânia Febe. Uniu-se a Zeus e, após um parto doloroso, retardado pela perseguição da ciumenta Hera, deu à luz Apolo e Ártemis na Ilha de Delos. O nome da deusa em Roma era Latona.

Limós (Λιμός) — Personificação da fome, é uma divindade engendrada por Éris.

Maia (Μαίη) — Filha de Atlas e Plêione, uniu-se a Zeus numa gruta do Monte Cilene, na Arcádia, e deu à luz Hermes. Foi metamorfoseada por Zeus em astro celeste, para fugir à cólera de Hera.

Medeia (Μήδεια) — Era filha de Eetes, rei da Cólquida, e de Idíia. Há, contudo, uma variante do mito que faz dela filha da deusa Hécate. Apaixonada por Jasão, auxiliou-o a roubar o velocino de ouro. Na fuga, matou e esquartejou o corpo de seu irmão Absirto, para retardar os perseguidores. Em Iolco, Medeia enganou as filhas de Pélias, levando-as a matar o pai. Exilados em Corinto, Jasão a repudiou para se casar com Creúsa, filha de Creonte. Ela se vingou matando Creúsa, Creonte e os filhos de sua união com Jasão. Casou-se depois com Egeu, gerando Medo, epônimo dos povos medos, da Ásia.

Medeio (Μήδειον) — Filho de Medeia e Jasão, foi educado pelo centauro Quirão.

Medusa (Μέδουσα) — Uma das Górgonas, uniu-se a Posídon, gerando Pégaso, o cavalo alado, e Crisaor. Diferente de suas irmãs, ela era mortal e foi degolada por Perseu. Atena fixou sua cabeça no centro de seu escudo.

Melpômene (Μελπομένη) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina.

Memnon (Μέμνων) — Era filho de Titono e de Eos, a Aurora. Foi criado pelas Hespérides e reinou sobre os etíopes. Participou da guerra de Troia, na qual morreu pelas mãos de Aquiles.

Menécio (Μενοίτιος) — Filho de Jápeto e Clímene, lutou contra Zeus na guerra entre Olímpicos e Titãs, sendo lançado ao Tártaro pelo Olímpico.

Métis (Μητις) — Filha de Oceano e Tétis, personificava a prudência e a astúcia. Foi a primeira esposa de Zeus e ofereceu a poção graças à qual Crono vomitou os filhos que devorara. Foi engolida por Zeus assim que engravidou, pois ele havia sido alertado por Geia de que um filho nascido daquela união o destronaria. Métis permanece viva no ventre de Zeus, orientando com sabedoria suas ações. Após engolir Métis, Zeus deu à luz Atena.

Minos (Μίνως) — Era filho de Zeus e Europa. Sucedeu Astério, seu pai adotivo, no trono de Creta, após disputar o poder com seus irmãos Sarpedão e Radamanto. Uniu-se a Pasífae, gerando Catreu, Deucalião, Glauco, Androgeu, Acacális, Xenódice, Ariadne e Fedra.

Mnemósina (Μνημοσύνη) — Filha de Geia e Urano, uniu-se a Zeus, gerando as nove Musas. A deusa tinha grande importância para a poesia oral por personificar a memória.

Moiras (Μοῖρας) — Eram divindades primordiais que se apresentavam como três irmãs fiandeiras: Cloto (Κλωθώ), a que gira o novelo da vida, Láquesis (Λάχεσις), a que enrola e mede o fio, e Átropos (Ἄτροπος), a inflexível, que corta o fio da vida. As deusas personificavam o destino individual, a felicidade e o infortúnio que cabe a cada um desde o nascimento até o momento de sua morte.

Momo (Μωμῶν) — Filha de Nix, a noite, é uma divindade feminina que personifica o Sarcasmo, a crítica irônica.

Musas (Μουσάι) — Eram as nove filhas de Zeus e Mnemósina, divindade que personificava a memória. Em versões primitivas, eram Ninfas, filhas de Geia e Urano, que habitavam os bosques das encostas das montanhas. Na tradição de Hesíodo os nomes das musas, inspiradoras dos poetas, representam aquilo que no período arcaico se considerava essencial à poesia. Dessa forma, Clio significa “Glória”, ou seja, é aquela que dá ao

canto o poder de glorificar, enquanto Euterpe é “Alegria”, o contentamento que inunda o coração de quem ouve o canto do aedo. Tália, Melpômene, Terpsícore têm nomes que relacionam o canto às festas e à dança. Érato suscita no coração do homem o desejo pelo canto, Polímnia permite ao aedo uma variada escolha de ritmos, Urânia eleva a voz do poeta e os seus cantos aos céus e, por fim, Calíope, aquela que precede todas as outras, dá ao cantor uma bela voz. Seus santuários mais antigos estavam localizados em Piéria, lugar de seu nascimento, segundo a tradição, e no Vale das Musas, ao pé do Monte Helicon, na Beócia — terra natal do poeta Hesíodo —, um local também consagrado ao deus Apolo.

Nêmesis (Νέμεσις) — Filha de Nix, representava a Justiça Divina, que pune ou recompensa os homens pelos seus atos. Encarregada de abater toda desmedida (*Hýbris*), humilhava os arrogantes e castigava os filhos que ofendiam os pais. Algumas vezes a deusa era representada com um dedo nos lábios, recomendando discrição para não atrair a cólera dos deuses. Nêmesis zelava para que os mortais não ousassem se igualar às divindades. Quando a justiça deixava de ser distribuída com sabedoria, a função dessa divindade era a de restabelecer o equilíbrio.

Nereidas (Νηρείδαι) — As filhas de Nereu e Dóris, são em número de cinquenta: Acteia, Agave, Alimede, Anfitrite, Autônoe, Cimatolege, Cimo, Cimodoce, Cimotoc, Dinamene, Dóris, Doto, Eione, Érato, Eucrante, Eudora, Eulimene, Eunice, Eupompe, Evágore, Evarne, Ferusa, Galateia, Galene, Glauce, Glauconome, Hália, Hiponoe, Hipótoe, Laomedeia, Liágore, Lisiánasa, Melita, Menipe, Nemertes, Neso, Niceia, Panopeia, Pasitea, Polínoe, Pontoporea, Prónoe, Proto, Protomedeia, Psámate, Sao, Speo, Témisto, Tétis e Toe. Essas divindades personificavam os fenômenos marinhos, como é possível observar pela tradução dos nomes de algumas delas: Galene é “bonança”; Glauce, “esverdeada”; Cimotoc, “onda veloz”; Speo, “gruta”; Hália, “marina”; Niceia, “ilha”; Acteia, “recife”; Dóris, “dádiva”; Cimodoce, “retém as ondas”; Cimatolege, “acalma as ondas”; Cimo, “onda”; Eione, “praia”; Pontoporea, “travessia”, e assim por diante. Os nomes das Nereidas descrevem a paisagem do Mar Egeu, com suas

muitas ilhas, praias, promontórios, recifes e grutas. As mais importantes, com mitos próprios, são: Anfitrite, esposa de Posídon; Tétis, esposa de Peleu e mãe de Aquiles, e Galateia, que se atirou ao mar para escapar à perseguição de Polifemo.

Nereu (Νηρέα) — Antigo e benevolente deus marinho, filho de Pontos e Geia, habitava um luminoso palácio no fundo do Mar Egeu. Assim como outras divindades marinhas, tinha o dom da profecia e podia se transformar no que quisesse. Uniu-se à Oceânida Dóris, gerando as Nereidas. Considerado um deus benfazejo, Nereu representava uma das faces do mar: a superfície serena, propícia à navegação.

Ninfas (Νυμφέων) — Eram divindades secundárias ligadas à terra e às águas. As Ninfas da terra (Napeias, Oréadas, Dríades e Hamadríades) podem ser consideradas extensões da própria Geia, a terra, cujas energias jamais se esgotam. As Napeias habitavam os vales e os bosques. As Oréadas dominavam as montanhas e as colinas. Dríades eram ninfas responsáveis pelo crescimento das árvores em geral, enquanto as Hamadríades cuidavam dos carvalhos. Ninfas das águas, geradas por Oceano e Tétis, chamavam-se Oceânidas e dominavam sobre mares e fontes. Dóris, uma das Oceânidas, uniu-se ao velho deus Nereu e gerou as cinquenta Nereidas, também ninfas marinhas. As divindades que personificavam os rios geraram as Potâmidas, ninfas dos grandes cursos d'água; as Náíades, dos ribeirões e riachos; as Creneias e Pegeias, das fontes e nascentes, e as Limneidas, dos lagos e lagoas. Além das ninfas da terra e das águas, havia as Melíades, ninfas dos freixos, árvores sagradas e de grande poder mágico, cuja madeira era usada para a confecção dos cabos das lanças. Essas divindades simbolizavam a força geradora da Natureza.

Nix (Νύξ) — Deusa da Noite primordial, surgiu do Caos juntamente com Érebo. Gerou por si só Éter, Hêmera, Queres, Moiras, Nêmesis e as Hespérides. Gerou também Hipno, o Sono; Tânatos, a Morte; Momo, o Sarcasmo; Pênia, a Pobreza; Guéras, a Velhice; Éris, a Luta; Apaté, o Engano; Filotete, a Amizade, e Oníros, os Sonhos. Coberta com um manto

de escuros véus ela percorre o céu noturno em uma carruagem puxada por cavalos negros, sempre acompanhada das Queres e de seu filho Hipno; é a personificação das trevas que se estendem sobre a terra.

Noto (Νότοιο) — É o vento sul, também chamado de Austro, filho de Astreu e Eos, a Aurora. Por trazer aguaceiros ou secura sufocante, era representado como um velho que prenunciava infortúnios.

Oceano (Ωκεανον) — Era uma divindade concebida, primitivamente, como um rio-serpente que circundava a Terra. Filho de Urano e Geia, era o mais velho dos Titãs. Uniu-se a Tétis, gerando todos os Rios e também as Oceânidas, deusas das fontes e nascentes.

Ocípete (Ωκυπέτης) — É uma das Harpias, filhas de Taumas e da Oceânida Electra. Seu nome significa “Veloz”.

Odisseu (Οδυσσεύς) — Ou Ulisses, é filho de Sísifo e Anticleia ou, segundo outra versão, de Laertes, rei de Ítaca, a quem Anticleia desposou após se unir a Sísifo. Herdou de Laertes o trono de Ítaca e se casou com Penélope, que deu à luz Telêmaco. O herói se destacou por sua inteligência ardilosa, sendo o idealizador do cavalo de Troia, um cavalo de madeira, oferecido como presente aos troianos, que escondia soldados gregos em seu interior. Esse estratagema deu aos gregos a vitória. Ao retornar de Troia para Ítaca, Odisseu perdeu-se no mar e chegou à Ilha de Eeia, domínio da feiticeira Circe, que transformou os seus homens em porcos. Com o auxílio de uma erva mágica, oferecida pelo deus Hermes, Odisseu tornou-se imune à magia de Circe, obrigando-a a libertar seus companheiros. De sua união com Circe nasceram Telégono, Latino e Cassifoneia. Odisseu foi morto, acidentalmente, por seu filho Telégono.

Oríon (Ωριων) — Filho de Geia, ou, segundo outra versão, de Posídon e Euríale, enamorou-se de Mérope, filha de Enopião. Ao ver negado o consentimento para desposá-la Oríon tentou violentá-la, e, como punição, o pai da jovem o cegou. Segundo uma das versões do mito, Oríon recuperou a visão e morreu picado por um escorpião enviado pela deusa Ártemis.

Transportados para o céu, Oríon e o escorpião tomaram a forma de duas constelações que aparecem na Grécia no princípio de julho, mas só alcançam a parte mais alta do céu em setembro.

Ortro (Ορθον) — Era um cão de duas cabeças, gerado por Tifão e Équidna. Ao unir-se com Équidna, sua mãe, engendrou a Esfinge. Ortro pertenceu a Gerião, rei de Eriteia, e foi morto por Héracles.

Palas (Πάλλαντι) — Filho do Titã Crio e de Euríbia, uniu-se à Oceânida Estige, gerando Zelo, Nique, Crato e Bias.

Pandíon (Πανδίων) — Rei de Atenas, tinha quatro filhos: Erecteu, Butes, Procne e Filomena. Procne casou-se com Tereu, rei da Trácia, num arranjo político feito por Pandíon. Tereu, no entanto, apaixonou-se por sua cunhada Filomena e a violentou, cortando-lhe a língua, em seguida, para que não pudesse denunciar seu ato. Para vingar a irmã, Procne cozinhou os membros do pequeno Ítis, filho de Tereu, e os serviu ao pai, exibindo a cabeça da criança ao final do banquete. Tereu pôs-se a perseguir as irmãs, que se salvaram, metamorfoseadas em aves. Procne transformou-se em andorinha, e Filomena em rouxinol. Tereu foi transformado pelos deuses em gavião, e Ítis, em pintassilgo. *Pandionis* (Πανδιονις), a filha de Pandíon, é a andorinha que, após o inverno, volta para a Europa, anunciando a primavera.

Pandora (Πανδώρα) — Foi a primeira mulher, criada pelos deuses para castigar os homens por causa do fogo roubado por Prometeu. O nome “Pandora” (Πανδώρα), formado pelo termo *pan* (todo) e *doron* (presente ou dom), também pode ser compreendido como: “a que recebeu todos os dons”; “o dom (ou presente) de todos os deuses”, ou ainda, “a que foi dada a todos como um presente”. Originalmente, “Pandora” era um epíteto da Mãe Terra, aquela que doa “todos os dons”.

Pégaso (Πήγασος) — O cavalo alado, filho de Posídon e Medusa, nasceu do sangue da Górgona, junto às nascentes do Oceano, ou seja, a extremo oeste, no local onde o herói Perseu degolou a Medusa.

Peito (Πειθω) — Irmã do Acaso e da Ordem, era uma divindade que personificava a Persuasão e figurava no cortejo de Afrodite. Uma variante do mito faz dela filha do Erro; outra variante, filha de Prometeu.

Peleu (Πηλεί) — Filho de Éaco, reinou sobre os mirmidões. Matou seu irmão Foco e foi exilado pelo pai. Esposou Antígona, filha de Euritião, que dele gerou Polidora. Ao se unir à deusa Tétis, gerou o herói Aquiles.

Pélias (Πελίης) — Filho de Posídon e Tiro, depôs Esão, pai de Jasão, e reinou sobre Iolco. Enganadas por Medeia, suas filhas Acasto e Alcestes o mataram.

Penfredo (Πεμφρηδών) — É uma das Greias, ou Velhas, filhas de Fórcis e Ceto. Essas divindades eram irmãs das Górgonas.

Perséfone (Περσεφονης) — Filha de Zeus e Deméter, foi raptada por Hades e levada à mansão do deus dos subterrâneos. Deméter, a deusa fecundadora dos campos cultivados, vagou pelo mundo em busca da filha e, imersa em desespero, recusava-se a fazer a terra frutificar. Diante da ameaça de uma fome sem precedentes, um acordo foi firmado entre os deuses: Perséfone passaria um terço do ano no reino de Hades, um terço sobre a terra, com sua mãe, e um terço sobre o Olimpo. Perséfone é o grão, a semente. Sua permanência no mundo subterrâneo corresponde à dormência do grão de trigo, que permanece no solo durante o inverno e volta à superfície com o brotar da primavera.

Perses (Πέρσης) — Filho do Titã Crio e de Euríbia, uniu-se a Astéria, gerando Hécate e vários outros descendentes. Uma variante faz dele filho de Hélios e da Oceânida Perse. Reinou sobre a Táurida e usurpou de seu irmão Eetes o trono da Cólquida. Foi morto por Medo, filho de Medeia.

Perseu (Περσεύς) — Filho de Zeus e Dânae, decapitou a Medusa com a ajuda e proteção de Hermes e Atena. Casou-se com Andrômeda, princesa da Etiópia, reinando sobre Tirinto e Micenas, cidade que fundou. Gerou vários filhos: Alceu, Electrião, Estênelo, Gorgófona, Helios, Mestor e Perses. Entre seus descendentes diretos está o herói Héracles.

Píton (Πυθον) — Era o nome da serpente, filha de Geia, que guardava o santuário oracular do templo de Apolo no contraforte sudoeste do Monte Parnaso, em Delfos, próximo ao Golfo de Corinto. Píton cuidou do gigante Tifão quando este nasceu. Foi morta por Apolo e, em sua memória, são celebrados de quatro em quatro anos os Jogos Píticos.

Plêiades (Πληϊαδες) — Também chamadas Atlântidas, eram filhas do Titã Atlas e de Plêione. Segundo a tradição mais corrente eram sete: Maia, Electra, Taígeta, Estéroe, Mérope, Alcione e Celeno. Perseguidas pelo caçador Oríon, pediram auxílio a Zeus e foram por ele transformadas, primeiro em pombas, depois em estrelas, e levadas ao firmamento. A constelação das Plêiades, situada próxima à constelação de Touro, surge no céu da Grécia em maio e desaparece em novembro. Os povos antigos associavam esse aglomerado de estrelas aos trabalhos agrícolas e de navegação, visto que seu aparecimento no céu coincide com a chegada da estação chuvosa, propícia para os trabalhos da lavoura.

Pluto (Πλούτων) — Filho de Iasião e Deméter, figurava no cortejo da mãe, representado como uma criança que levava a cornucópia. Posteriormente tornou-se a personificação da riqueza, sendo representado como um velho de olhos vendados e uma bolsa nas mãos.

Polidoro (Πολυδωρον) — Era filho de Cadmo e Harmonia. Uniu-se a Nigteis e gerou Lábdaco. Sucedeu Cadmo no trono de Tebas e foi deposto por seu sobrinho Penteu.

Polímnia (Πολύμνιά) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina. É ela quem permite ao aedo uma variada escolha de ritmos.

Pónos (Πόνον) — Uma divindade engendrada por Éris, é a personificação da Fadiga.

Pontos (Πόντος) — Filho de Geia e Éter, era uma das divindades primordiais e personificava o mar, as grandezas do oceano e os caminhos marítimos. Uniu-se à mãe, gerando Nereu, Taumas, Fórcis, Ceto e Euríbia.

Posídon (Ποσειδάων) — Filho de Crono e Reia, lutou ao lado de seu irmão Zeus contra o poder de Crono. Na partilha do mundo obteve o domínio sobre as águas. Uniu-se a Hália, gerando seis filhos e uma filha, Rodes. De sua união com Anfitrite, nasceu Tritão. Posídon, deus de grande poder fecundador, uniu-se a mortais e imortais, gerando grande número de filhos e filhas. Com Medusa, engendrou Pégaso e Crisaor; de Toosa, nasceu Polifemo; com Etra, gerou Teseu, entre outros. O cavalo e o touro eram animais consagrados ao deus. O primeiro, por ligar-se às fontes, e o segundo, por seu enorme poder fecundante. O termo “*Εννοσιγαίου*” (*Enosígeo*), que surge como epíteto de Posídon, pode ser traduzido como “o que faz tremer a terra”. Ao atribuí-lo ao senhor das águas da superfície e dos subterrâneos, Hesíodo indica o seu poder de desencadear terremotos.

Prometeu (Προμηθέα) — Filho do Titã Jápeto e da Oceânida Clímene, uniu-se a Celeno, gerando Deucalião, Lico e Quimereu. Criou a raça dos homens, modelando a argila do solo e dando aos seres criados as feições de deuses. Prometeu enganou Zeus em um banquete, favorecendo os homens na partilha da carne de um boi sacrificado na ocasião. Para punir os homens, Zeus ocultou o fogo, mas Prometeu roubou a chama celeste e a entregou a seus protegidos. Como castigo, foi preso a um rochedo onde a águia de Zeus devorava, dia após dia, o seu fígado imortal.

Psámate (Ψαμάθη) — É uma das Nereidas, filhas de Nereu e Dóris. Em sua fuga ao assédio de Éaco assumiu várias formas, entre as quais a de uma foca. Ao se unir a seu perseguidor, gerou Foco. Mais tarde, abandonou Éaco e uniu-se a Proteu, gerando Teoclímeno e Eidoteia.

Queres (Κηρες) — Filhas de Nix, eram representadas como seres alados, de pele negra, grandes dentes e unhas afiadas. Sugavam o sangue dos mortos e feridos nas batalhas e também eram concebidas como o destino individual, a parte de alegrias e sofrimentos que cabe a cada um no decorrer de sua vida e no momento de sua morte.

Quimera (Χίμαιρα) — Filha de Tifão e Équidna, tinha três cabeças: de leão, de cabra e de serpente, todas lançando grandes rajadas de fogo. Foi

morta por Belerofonte, a mando do rei Ióbates, por aterrorizar os habitantes da Lícia, dizimando os rebanhos e as plantações.

Quirão (Χείρων) — Era um centauro, ser híbrido, metade homem, metade cavalo, filho de Crono e da Oceânida Filira. Habitava uma caverna no Monte Pélion, na Tessália, e foi um educador, responsável pela formação de vários príncipes e heróis, entre os quais Teseu, Odisseu, Aquiles, Céfalos, Jasão e Esculápio. Feriu-se acidentalmente com uma das flechas envenenadas de Hércules e, por ser imortal, permaneceu vivo, porém sofrendo de dores terríveis. Para que pudesse morrer, cedeu sua imortalidade a Prometeu. Zeus o colocou no Zodíaco, como a constelação de Sagitário.

Reia (Ρείη) — Era uma das Titânias, filhas de Geia e Urano. Identificada com a Grande Mãe ctônia e com a deusa frígia Cibele, foi venerada com diferentes nomes como deusa da fecundidade. Uniu-se a Crono, gerando Zeus, Héstia, Deméter, Hera, Hades e Posídon.

Rios (Ποταμούς) — Também denominados *Potamos*, os filhos de Oceano e Tétis, eram representados como divindades com aparência humana, e muitas vezes participavam das lutas entre os mortais, tal como Escamandro, que lutou na guerra de Troia.

Selene (Σελήνην) — É uma deusa primordial que representa o astro lunar. Sua mãe foi a Titânia Teia, e o pai, o Titã Hiperíon, ou ainda, segundo outras tradições, Hélios ou Palas. Uniu-se a Zeus, gerando Pândia.

Sêmele (Σεμελη) — Era filha de Cadmo e Harmonia. Uniu-se a Zeus, gerando Dioniso. Enganada por Hera, instou que Zeus se mostrasse com sua aparência divina e morreu queimada pelos raios que partiam do corpo do deus. Zeus retirou a criança de seu ventre e colocou-a em sua coxa, para que se desenvolvesse até o final do tempo de gestação.

Tália (Θάλεια) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina.

Tânatos (Θάνατος) — Filho de Nix, é irmão gêmeo de Hipno, o sono. Representado como uma divindade masculina alada, é a personificação da morte.

Tártaro (Τάρταρος) — É uma divindade primordial que surgiu do Caos, juntamente com Geia e Eros. Ao unir-se a Geia, gerou Tifão e Équidna. Hesíodo descreve o Tártaro como o local mais profundo da terra, situado abaixo do Érebo, região dominada por Hades.

Taumas (Θαύμαν) — Filho de Pontos e Geia, é a personificação do Espanto, do assombro dos homens diante dos fenômenos marinhos. Uniu-se a Oceânida Electra, gerando as Harpias e Íris. Também era reverenciado como o deus dos nevoeiros, das nuvens e das chuvas no mar.

Teia (Θεία) — É uma das Titânias, filhas de Geia e Urano. Unida a Hiperíon gerou Hélio, o Sol, Selene, a Lua, e Eos, a Aurora.

Telégono (Τηλέγονον) — Viveu com Circe na Ilha de Eeia até descobrir que era filho de Odisseu. Viajou então para Ítaca, onde acidentalmente matou o pai. Ao saber a identidade de sua vítima, levou o corpo a Circe, que lhe rendeu honras fúnebres. Mais tarde desposou Penélope, e com ela gerou Ítalo.

Têmis (Θέμιν) — É uma Titânia, filha de Urano e Geia, guardiã das leis e dos juramentos dos homens. Seu nome era invocado nos julgamentos, e os artistas a representavam com uma balança nas mãos ou com a cornucópia. Uniu-se a Zeus, gerando as Horas, as Moiras, Astreia, as Ninfas do Rio Erídano e, segundo uma versão, as Hespérides. Conselheira prudente de Zeus, a deusa instituiu oráculos, ritos e leis.

Terpsícore (Τερψιχόρη) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina.

Tétis (Τηθύς) — É uma das Titânias, filhas de Urano e Geia. Personificação da fecundidade das águas, Tétis se uniu a Oceano, gerando três mil Rios e as três mil Oceânidas. Tétis é também o nome de uma das

Nereidas, filha de Nereu e Dóris, que esposou o mortal Peleu. Foi mãe de Aquiles, o herói que morreu na Guerra de Troia.

Tifão (Τυφάων) — Filho de Geia e Tártaro, era um ser terrível, com cem cabeças de serpente e olhos chamejantes. Foi alimentado e criado em Delfos pela serpente Píton. Também aparece em outras variantes do mito como filho de Hera. Descontente com a derrota dos Titãs, Geia levou Tifão a se insurgir contra Zeus, que o venceu após terrível batalha, enterrando-o sob o Monte Etna.

Titãs (Τιτῆν) — Eram os seis filhos de Urano e Geia: Oceano, Ceos, Crio, Hiperión, Jápeto e Crono. Suas irmãs, as Titânias também eram seis: Teia, Reia, Têmis, Mnemósina, Febe e Tétis. Titãs e Titânias representavam as forças colossais da natureza.

Titono (Τιθωνω) — O belo filho de Laomedonte e Estrimo, foi amado pela deusa Eos, a Aurora, que o levou para a Etiópia, onde tiveram dois filhos: Memnon e Emátion.

Tritão (Τρίτων) — É um deus marinho, filho de Posídon e Anfitrite. Uniu-se a numerosas Nereidas, gerando os tritões, seres cuja metade superior do corpo tinha formas humanas e a metade inferior, a forma de um peixe.

Urânia (Οὐρανίη) — É uma das nove Musas, filhas de Zeus e Mnemósina. É ela quem eleva a voz do poeta e conduz os seus cantos aos céus.

Urano (Ὀυρανός) — É uma divindade primordial. Foi gerado por Geia e é a personificação do Céu, da abóbada celeste que se estende sobre a terra. O termo “Urano” vem da raiz indo-europeia *uer*, “cobrir”, e essa divindade pode ser compreendida como símbolo da fecundidade pujante e desordenada que caracterizou as primeiras eras geológicas. Complemento masculino da feminina Geia, Urano gerou os Titãs, as Titânias, os Ciclopes e os Hecatonquiros. Foi emasculado por seu filho Crono, e, do sangue caído

sobre Geia, foram gerados os Gigantes, as Erínias e as Ninfas Melíades. Dos testículos lançados nas águas do mar nasceu Afrodite.

Zéfiro (Ζεφύρου) — Um dos quatro ventos, era filho do Titã Astreu e de Eos, a Aurora. Soprava do ocidente, anunciando a primavera. Era impetuoso e provocava tempestades destrutivas na terra e no mar. Segundo uma tradição, uniu-se a uma das Horas, gerando o jovem Carpo. Outra versão liga-o a Clóris, deusa da primavera, chamada Flora pelos romanos.

Zeus (Ζεύς) — Filho do Titã Crono e da Titânia Reia, é a maior divindade do Olimpo. Para evitar que Zeus fosse devorado pelo pai, como acontecera com os seus irmãos mais velhos, Reia o escondeu em uma gruta no Monte Ida, em Creta, e apresentou a Crono uma pedra, que foi engolida em lugar do filho recém-nascido. A criança, alimentada com o leite da cabra Amalteia, cresceu em tamanho e força. Métis preparou uma poção que levou Crono a vomitar os filhos que ele havia engolido e, sob a liderança de Zeus, eles enfrentaram e depuseram o pai. O poder foi entregue a Zeus, que desde então estabeleceu seu poder sobre deuses e homens. Segundo Hesíodo (*Teogonia*, v. 881-929), Zeus uniu-se a sete deusas: Métis, personificação da Prudência, com quem gerou Atena; Têmis, divindade que personifica a Justiça Divina e as Normas Morais, com quem gerou as Horas e as Moiras; a Oceânida Eurínome, mãe das Cárites, chamadas de Graças pelos latinos; Deméter, divindade que favorece a germinação do trigo na terra cultivada, mãe de Perséfone; Mnemósina, personificação da Memória e mãe das Musas; a deusa Leto, com quem gerou Apolo e Ártemis, e Hera, sua irmã, que reinou ao seu lado no Olimpo e lhe deu quatro filhos: Hebe, Ares, Hefesto e Ilítia. Zeus também uniu-se a Ninfas e mulheres mortais, gerando numerosa prole de heróis. O deus supremo entre os olímpicos, chamado pelos poetas “pai dos deuses e dos homens”, tem domínio sobre a luz celestial, o raio, o trovão e outros fenômenos atmosféricos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. EDIÇÕES

HESIOD. *Theogony*, edited with prolegomena and commentary by M.L.West, Oxford: Clarendon Press, 1971.

HESIOD. *Works and days*, edited with prolegomena and commentary by M.L.West, Oxford: Clarendon Press, 1978.

HESIODE. *Théogonie, Les travaux et les jours, Le bouclier*, texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

2. TRADUÇÕES

FRAZER, R.M. *The poems of Hesiod*. Norman: University of Oklahoma Press, 1983.

LAFER, Mary de Camargo Neves. *Os trabalhos e os dias* (primeira parte). São Paulo: Iluminuras, 2002.

LLOVERAS, Maria Antonia Corbera. *Hesíodo: poemas Hesiódicos*. Madrid: AKAL, 1990.

MAZON, Paul. *Hésiode. Théogonie, Les travaux et les jours, Le bouclier*. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

MERKELBACH, R. e WEST, M.L. *Fragmenta Hesiodica*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

TORRANO, Jaa. *Hesíodo: Theogonía, a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

3. BIBLIOGRAFIA GERAL

ARISTÓTELES, HORÁCIO & LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec Français*. Éd. revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 26^e éd., 1963.

BIERLEIN, J. F. *Mitos paralelos*. São Paulo: Ediouro, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. vol. I, Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Mitologia Grega*. vol. II, Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Mitologia Grega*. vol. III, Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

_____. *Le mythe de la metamorphose*. Paris: Armand Colin, 1974.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Palas Athena, 1997.

_____. *As transformações do mito através do tempo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Diccionario de símbolos*. Barcelona: Editorial Labor, 1981.

DIEL, Paul. *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

_____. *De la mitocrítica al mitoanálisis: figuras míticas y aspecto de la obra*. Barcelona: Anthropos, 1993.

_____. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Presença, 1982.

_____. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Lisboa: A regra do jogo, 1983.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *Lo sagrado y lo profano*. Barcelona: Labor, 1967.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRAZER, James George. *La rama dorada*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

FREIRE, Antonio. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GRAVES, Robert & PATAI, Rafael. *O livro do gênese: mitologia hebraica*. Rio de Janeiro: Xenon, 1994.

GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HAUSER, Arnaud. *História social da literatura e da arte*, vol. I. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

- JUNG, Carl Gustav. *Estudos alquímicos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *O símbolo da transformação na missa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- KITTO, H.D.F. *Tragédia Grega: estudo literário*, vol. I. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1972.
- LE ROUX, Françoise e GUYONVARCH, Christian-Joseph *A sociedade celta*. Sintra: Publicações Europa-América, 1991.
- MELETINSKI, Eleazar Moiseevich. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- MORWOOD, J. & TAYLOR, J. *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- NIETZSCHE, Frederico. *A origem da tragédia*. 5ª ed. Guimarães Editores, s/d.
- OVÍDIO. *Metamorfoses* (trad. Bocage). São Paulo: Hedra, 2000.
- PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PEYRONIE, André. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- PORTAL, Frédéric. *Des couleurs symboliques dans l'Antiquité, le Moyen Age et les temps Modernes*. Paris: 1837.
- RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SARASWATI, Aghorananda. *Mitologia Hindu: o universo dos deuses e mitos da Índia*. São Paulo: Madras, 2006.

SCHULER, Donald. *Narciso errante*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A palavra imperfeita*. Petrópolis: Vozes, 1979.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.